UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CLARISSA FEDER

BARBÁRIE VIRTUAL:
Simulacro e espetacularização da notícia em Israel
no romance *Partes Humanas*, de Orly Castel-Bloom

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2013

CLARISSA FEDER

BARBÁRIE VIRTUAL:
Simulacro e espetacularização da notícia em Israel
no romance *Partes Humanas*, de Orly Castel-Bloom

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada à Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Língua Hebraica,
Literatura e Cultura Judaicas.

Orientador: Prof. Dr. Moacir Aparecido Amâncio

De acordo:

São Paulo

2013

Nome: FEDER, Clarissa

Título: Barbárie Virtual: Simulacro e espetacularização da notícia em Israel no romance *Partes Humanas*, de Orly Castel-Bloom

Dissertação apresentada à Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 08/04/2013

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eugênio Bucci (ECA - USP)

Luis Sergio Krausz (FFLCH - USP)

Aos meu pais, David e Ana Lúcia,
meus exemplos de vida.

E aos que acreditam nos sonhos
como únicas verdades.

AGRADECIMENTOS

Esta é, sem dúvida alguma, a parte mais agradável de escrever da dissertação, mesmo que insignificante à maioria dos leitores. É a hora em que é possível recordar os bons momentos vividos em sua elaboração, apesar das agruras, e sorrir diante das dificuldades superadas. Durante o desenvolvimento deste trabalho, muitas pessoas foram responsáveis por me ajudar a manter o equilíbrio necessário entre razão e emoção. Não conseguirei incluir todos os nomes merecedores de uma menção de agradecimento, mas farei o possível:

Se preciso ser seletiva neste espaço, então é melhor começar pela minha base de sustentação. O maior agradecimento é dirigido a meus pais, pelo carinho, pelo apoio, por acreditarem sempre em mim, por se orgulharem a cada conquista, por se entristecerem a cada derrota, por terem investido sem medir esforços na educação dos filhos, seja do ponto de vista financeiro, seja mostrando a importância do conhecimento, dos valores e da ética. Espero que vocês vejam a recompensa.

*Ao meu pai, **David Feder**, agradeço o exemplo de rigor e disciplina na vida, por ser um profissional de referência de quem me orgulho, e um paizão dedicado, com quem posso contar sempre. Agradeço também a dedicatória de seu doutorado quando eu era pequena demais para entender o que aquilo representava. De forma muito carinhosa, agradeço a atuação de minha mãe, **Ana Lúcia Langer**, por estar sempre disponível, por ser a minha amiga, por entender o que se passa comigo sem que seja necessário falar, por inserir emoção em todas as suas ações, por ter esperança e ternura infinitas, por olhar mais pelos filhos do que para si mesma e por ser referência de luta pela vida.*

*Ao meu irmão gêmeo **Leonardo Feder**, parceiro desde o útero e da vida, meu grande amigo, agradeço as discussões acadêmicas, as orientações, o apoio, o incentivo. Agradeço a você pela força, por ser o exemplo de força. Eu queria um dia poder ter só uma ínfima porcentagem de todo o seu brilho. À minha irmã caçula, **Adriana Feder**, por ser tão igual e tão diferente de mim, por bradar ao mundo seu pensamento libertário, por ainda traçar passos incertos, por ser paradoxal e um mistério a ser revelado, pelos raros momentos de confiança, por eu não entendê-la e amá-la mesmo assim, e saber que podemos recorrer uma à outra quando for preciso. Tenha em mim sempre uma amiga.*

Ao **Prof. Dr. Moacir Amâncio**, que acreditou em meu potencial de uma forma que eu não acreditava ser capaz de corresponder. Obrigada por ter despertado em mim o encanto pela literatura hebraica, por ter me apresentado Orly Castel-Bloom e, assim, ter mudado o rumo da minha vida. Obrigada pelo estímulo constante, pela confiança, pelas orientações, pelas leituras críticas e prudentes, pelas diretrizes, pelas broncas e pelos puxões de orelha. Obrigada pelas aulas epifânicas, que me instigavam a tentar compreender os dilemas existenciais. Com elas, pude entender a história da humanidade e minha própria existência, quase como uma revelação divina. Obrigada por ser tão sábio e tão simples.

Ao amor da minha vida, **Sergio Ariel Schueftan Balassiano**, pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos. Você fez deste trabalho um mergulho menos solitário. Além disso, suportou durante esses três anos minhas crises nervosas, minha insegurança, meus finais de semana de trabalho e estudo, minhas horas intermináveis em frente ao computador, sempre ao lado, oferecendo todo o suporte, sem protestar. Eu não teria conseguido sem você. O mérito das páginas brancas terem se transformado nesta dissertação é seu também.

Obrigada à amiga-irmã de todas as horas, **Patricia Barlach**, que me ensina e inspira com seu sionismo pulsante, seu amor pelo judaísmo e pela história judaica. Obrigada por ter me “adotado” e me guiado em Israel como se eu pertencesse de fato à sua família. Sem você, a minha jornada por lá não teria sido possível. Lá ou cá, é bom saber que posso contar com amigas como você, que se entregam de coração quando alguém grita por “socorro”.

Aos incríveis e queridos **Andréia e Theo Hotz** pelo carinho fraterno, pelo acolhimento, pelas horas de riso, diversão e distração. Aprendo muito com vocês e tenho o maior orgulho do mundo de poder chamá-los de Amigos, com letra maiúscula.

A todos os que fizeram parte da minha formação acadêmico-jornalística da Universidade Metodista de São Paulo e com quem aprendi valiosas lições de ética, de amizade e de vida. Em especial, aos que escreveram comigo o livro-reportagem *Ao Apagar dos Holofotes*: **Fabiana Piasentin, Luciana Yamashita, Rafael Vergueiro e Raphael Fantauzzi**, sob o olhar cuidadoso do querido professor **Jorge Tarquini**.

Aos que cruzaram meu caminho ao longo dos anos de graduação e pós-graduação na FFLCH. Tive gratas surpresas na arte do encontro. Foi bom ter com quem dividir as angústias e os louros de cada etapa. Obrigada, queridos **Amilkar Henrique Gonçalves de Moura, Anath Wakrat, Damián Dzienciarsky, Daniel Douek, Juliana Portenoy Schlesinger, Lígia Luchesi**

Jorge e Pérola Wajnsztein. Nesse percurso, **Gabriel Mordoch**, que imigrou para Israel, teve um papel crucial, por ter conseguido o contato de Orly Castel-Bloom, ter agendado a entrevista e dado apoio moral durante o encontro. Sou eternamente grata por você ter tentado de tudo para essa entrevista se concretizar.

A todos os **colegas e amigos de trabalho**, que compreenderam (ou não) a minha cara de sono pelas noites mal dormidas, meu mau humor e meus dias de estresse, que me ouviram desabafar em momentos de desespero e não me deixaram cair. **Daniel Waismann**, parceiro da Tribuna Judaica, é um grande exemplo disso: “segurou as pontas” inúmeras vezes (embora deva ter me xingado bastante em pensamento), não media esforços ao ampliar meus prazos para a entrega das reportagens e, se preciso fosse, até atrasava a ida do jornal para a gráfica.

A todos os professores **do Colégio I. L. Peretz**, que fizeram da escola o meu segundo lar, aos que tinham e têm qualidade incontestável e me proporcionaram sólida formação de ensino e paixão pelas tradições. À **Wania Cecilia Sacco**, a querida professora de português do ginásio, primeira a notar alguma inclinação minha para a área e a incentivá-la com especial afeição. Ao professor **Fernando Sartori** pelo “socorro” metodológico. À **Denise Hasbani** pela dedicação incessante a seus alunos, pelo fortalecimento do vínculo com o Estado de Israel, pelo amor ao que faz. À **Giselle Cavaglieri**, que é uma lição de superação ao encarar uma doença assustadora com bom humor e que fez e faz suas aulas de literatura as mais apaixonantes desse mundo. A todos os amigos que também conquistei por lá e levo comigo para a vida toda.

A todos os professores-inspiração, em especial **Pasquale Cipro Neto**, uma “figura mítica” a quem admiro desde a infância, por ter me despertado o amor pela gramática, pela língua portuguesa e pela literatura.

Expresso também meu reconhecimento a todos os professores e amigos do Centro de Estudos Judaicos da USP, que enriqueceram a minha formação acadêmica, sempre com acolhimento, boa vontade e sorriso no rosto. Em especial ao **prof. Dr. Gabriel Steinberg Schwartzman**, que já acompanhava os meus passos desde os 10 anos de idade (meu primeiro professor de Torá!), e acabou se tornando um grande amigo e conselheiro no ambiente acadêmico, em encontros nos corredores do prédio da FFLCH. Agradeço ainda Marta Topel, Berta Waldman e Suzana Chwartz, pela cumplicidade silenciosa.

Aos **Profs. Drs. Saul Kirschbaum e Eugênio Bucci**, pelas valiosas contribuições durante a qualificação. À professora **Nilza Tabai**, pela paciência e pela revisão apurada, e à teacher **Deborah Balassiano**, que corrigiu com carinho o meu “Abstract”.

*À **CAPES**, que financiou boa parte do tempo meus estudos e viabilizou a elaboração deste trabalho. É incontestável a necessidade do fomento público às pesquisas acadêmicas.*

*À **Orly Castel-Bloom**, que infelizmente não compreenderá esta dissertação por uma barreira linguística. Com essa escritora, pude entender com mais propriedade a paranoia que permeia o pensamento israelense, o que significa viver sob o medo constante e a insegurança de não saber sobre o amanhã. Agradeço-lhe a entrevista concedida, aos e-mails carinhosos e a parceria estabelecida durante os anos em que me aprofundei nos estudos de sua literatura.*

Por fim, a todos os que acreditaram em mim, que entenderam minhas ausências, minhas angústias, que me ouviram e me ajudaram construtivamente na busca pelo conhecimento. Minha gratidão sincera se estende a todos os que tiveram envolvidos direta ou indiretamente com este trabalho.

RESUMO

FEDER, C. *Barbárie Virtual: Simulacro e espetacularização da notícia em Israel no romance Partes Humanas, de Orly Castel-Bloom*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Este projeto de pesquisa propõe-se a analisar a presença da mídia na obra *Partes Humanas*, da israelense Orly Castel-Bloom.

A escritora traz à luz Israel com um cenário apocalíptico, em que cada ser humano só tem olhos para si e vive, em meio a uma atmosfera de caos, a luta por sua sobrevivência. O pânico diário e a insatisfação crônica são as marcas registradas dos diferentes seres humanos que, por extensão, moldam e são moldados pelo cenário fragmentado, nebuloso e trágico em que vivem no país.

Nessa obra pós-sionista, os meios de comunicação assumem um papel primordial, pois não se restringem a ser um reflexo dessa sociedade, mas procuram influenciá-la com o que transmitem. Pobreza, violência, guerra e sofrimento estão presentes nas pautas dos meios de comunicação de forma quase cinematográfica. Assim, a mídia contribui para espetacularizar a vida humana.

Palavras-chave: *Partes Humanas*; Orly Castel-Bloom; Literatura Israelense; Pós-Sionismo; Representação da violência na mídia.

ABSTRACT

FEDER, C. *Virtual Barbarism: Simulacrum and Spectacle of the news media in Israel, in Orly Castel-Bloom's romance Human Parts*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research project aims to examine the role of the media in the book *Human Parts*, of the Israeli Orly Castel-Bloom.

The writer describes Israel in an apocalyptic scenary, in which each person thinks only of themselves. The people live in a chaotic atmosphere, fighting for their survival. The existential panic and the chronic dissatisfaction are present in different characters who, by extension, influence and are influenced by the fragmented, murky and tragic context, in which they live.

In this post-Zionist book, the media has a primordial role, not only is it a mirror of the society, but it is also influenced by what is heard and seen in it. Poverty, violence, war, suffering: everything is present in their lives and in the media as if it were in a movie. In this way, the media contributes to sensationalize human life.

Key-Words: *Human Parts*; Orly Castel-Bloom; Israeli literature; Post-Zionism; Representation of Violence in the Media.

*"[...]Do meu quarto ouço a fuzilaria.
Oh quanta matéria para os jornais.*

*Desiludidos mas fotografados[...]
Pum pum pum adeus[...]*

*Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia...*

*Agora vamos para o cemitério
levar os corpos dos desiludidos."*

**(*"Necrológio dos desiludidos do amor"* -
Carlos Drummond de Andrade)**

*"Look at me. Look at me.
 Look at me, look at me, look at me.
 Look at me.
 No, no, no, don't look over there,
 look at me, look at me, look at me.
 Are you looking at me? Is everyone looking at me?
 Do I have your attention? Good.*

*Don't get the wrong idea. I'm not trying to take over your life.
 You need, what? What do you need? You need to, what?
 Go to the bathroom? Fine. Get up, go to the bathroom,
 come back, look at me.
 You need, what? You need to get something to eat? Fine.
 Get up, go to the kitchen, get something to eat, come back, look at me.*

*You need to, what, sleep? Fine, get up, go to bed, go to sleep, get up,
 come back, look at me.
 Okay. So we have an agreement.
 You will do what you absolutely need to do,
 and when your done, you will come back and look at me.*

*Don't worry about your schedule. I am here for you. I am here for you.
 Twenty-four hours a day, seven days a week, I am here for you.
 I am here for you.
 You need me, I'm here. Fair and foul, thick and thin, I am here for you.
 I am here for you.
 People try to tell you I'm bad? You tell them that I am here for you.
 Twenty-four hours a day, fair and foul, thick and thin, I am here for you.
 I am here for you.
 People try to tell you I'm bad, know what that sounds like to me?
 Sour grapes.*

*You see what I-hey, hey, hey, hey, hey, no, don't look over there,
 there's nothing going on over there, look at me, look at me, look at me.
 I've got stuff you wouldn't believe.
 Danger? Sex? Action? Death? Thrills? Comedy?
 All here, all in the next eight minutes.
 Can you believe it? You can't. It's unbelievable.
 You can't believe it because it's unbelievable! It's a miracle.*

*Just keep looking at me. Just keep looking at me.
 Just keep looking at me.
 Look at me, look at me, look at me, look at me, look at me."*

("Television" - Todd Alcott)

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO.....	14
II	CONTEXTO.....	18
2.1	Momento histórico.....	18
2.2	Barbárie virtual.....	22
2.2.1	O hiper-realismo alterando o conceito de verdade da notícia.....	29
2.2.2	A barbárie como espetáculo.....	34
2.2.3	A guerra como espetáculo midiático televisivo.....	41
III	A MÍDIA PERCORRE O ROMANCE.....	55
3.1	As personagens movidas pelo espetáculo.....	59
3.1.2	Kati: a personagem performática apaixonada pelo espetáculo.....	74
IV	ORLY CASTEL-BLOOM.....	88
4.1	Biografia.....	88
4.2	Características literárias da autora.....	91
4.3	Uma escritora entre o real e o virtual.....	93
4.4	Considerações finais: Literatura, ideologia e mídia.....	98
V	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
VI	APÊNDICE.....	118
6.1	Entrevista com Orly Castel-Bloom.....	118
6.2	Descrição do <i>corpus</i>	125

I. INTRODUÇÃO

O livro *Partes Humanas*, de Orly Castel-Bloom, aborda o terror e a tragédia durante a Segunda Intifada (revolta popular palestina, em 2000, que representou um impasse no processo de paz entre árabes e israelenses). Dotada de humor provocativo, a escritora explora, pela sátira e pelo terror, a sociedade israelense contemporânea, que é distante dos ideais coletivos (do apego à terra e ao trabalho) que marcaram a ideologia do Sionismo e se volta, sobretudo, às aspirações, dilemas, decepções e desesperanças individuais.

Em *Partes Humanas*, como em uma extensão da realidade, é possível ver as personagens tomadas pelo desespero ao acompanhar, como reféns, os noticiários, sobretudo televisivos e radiofônicos, que relatam os últimos atentados terroristas, os números e os nomes de feridos.

Embora a violência e a morte estejam presentes em toda parte, as personagens não se acostumam à sequência de notícias chocantes – explosões, emboscadas, homens-bomba, doenças estranhas e condições climáticas extremas. Com frequência, as personagens revelam o horror e a repulsa que sentem ao ser informadas sobre últimas notícias, diante da constatação da banalização da vida.

A personagem Íris Ventura é uma das que tem essa percepção. Ao sair do cemitério, olhou em torno e viu sepulturas abertas, não sabia se elogiava os coveiros pela prontidão, ou se ficava chocada com a ideia de que as pessoas, caminhando sob o sol naquele momento, íntegras e saudáveis, iriam preencher o espaço vazio: “*É inacreditável, aquelas covas abertas esperando pelos mortos, que ainda estão vivos como nós*” (p. 108).

A mídia permeia todo o romance: “Pode-se dizer que Orly Castel-Bloom vê a realidade israelense mais como um produto da mídia do que como o resultado da ideologia sionista” (AMÂNCIO, 2009: 145). Ela também permeia todos os acontecimentos. Assim, ao relatá-los às personagens por meio dos noticiários, ajuda a inserir o leitor nesse cenário calamitoso. Os telejornais do dia abrem com descrições de ataques e imagens de partes do corpo humano espalhados, com o relato de alguma testemunha ocular: *“os levemente feridos geralmente contavam à imprensa o que tinha acontecido. A descrição do horror geralmente começava com as palavras: ‘De repente, ouvi um estrondo’”* (p.13).

Há meteorologistas na TV que, por causa do inverno rigoroso e atípico, tornam-se celebridades, *“como se fossem profetas”* (p.11), e rádios que mudam suas programações musicais de acordo com o número de mortos e feridos nos atentados:

[...] *Quando as bombas e os mortos viraram rotina, um acordo tácito determinava que, se o número de mortos não passasse de cinco, os locutores continuavam normalmente; e apenas se houvesse mais de cinco mortos eles diminuía a marcha e tocavam músicas mais adequadas, em inglês também, de preferência sobre o destino humano, como ‘Dust in the Wind’. A partir de dez mortos, as rádios assumiam um tom muito mais contido, limitavam as músicas àquelas que eram cantadas em hebraico, como ‘Não tenho outro país’, de Corin Alal, ou uma música nova, realista e sombria, composta naquela época terrível, cantada por Yehuda Poliker: ‘Quem é o próximo?’. A partir de vinte mortos, usavam o plano B, como hospitais em planos de emergência, e com frequência transmitiam notícias ao vivo [...]”* (p.233).

As personagens centrais que marcam a obra giram na órbita da mídia, que testemunha e apresenta, em *closes*, a barbárie da guerra aos cidadãos israelenses.

Não falta sensacionalismo ao expor o inverno anormalmente rigoroso, a neve, a população carente de recursos, o conflito de classes sociais e etnias, uma doença (gripe

saudita) a qual surge de repente e se mostra dizimadora, um presidente apático, cuja única função é realizar visitas fúnebres, os corpos esfaqueados por emboscadas e atentados e almas fragmentadas e perdidas diante do caos e do terror.

O governo se mostra desorientado e de mãos atadas diante da representação do fracasso dos sonhos sionistas. Todos esses assuntos hipnotizantes “são transformados em matéria de notícia, pauta do dia, e servem com a rapidez exigida pelos tempos que o veículo determina” (AMÂNCIO, 2009: 153).

Partes Humanas não só apresenta o panorama de uma sociedade israelense caótica, com seus habitantes tentando conquistar espaços, moldando e sendo moldados pela mídia, como deixa claros a força e o peso que possuem os meios de comunicação, ao se tornarem alto-falantes das dores da sociedade. A mídia se mostra essencialmente ideológica e sensacionalista nesse cenário apocalíptico, expõe e explora a imagem de sua população já fragilizada, provocando ora desespero e aumento do pânico, ora apatia e “anestesia”, pelo excesso de imagens que deixam de impressionar e comover, pois figurando todos os dias no cenário midiático tornaram a barbárie comum.

Orly Castel-Bloom colocou em *Partes Humanas* elementos que reúnem um misto de cinismo, desgosto e pessimismo frente aos desafios de Israel pós-sionista – à beira de um colapso.

A desesperança, no romance, é sintetizada com uma irônica frase dita por Kati Beit-Halahmi, personagem emblemática, uma pobre e injustiçada curda, após saber que teve o marido assassinado em um atentado terrorista. A uma emissora de rádio, disse em entrevista que queria dar um recado à população israelense: “*É preciso aguentar firme e seguir em frente, não temos outro país*” (p.239).

Como se estivéssemos “zapeando” os canais da TV, o narrador volta para uma e outra notícia, que sempre têm em comum o aspecto trágico: o inverno extremo com

muita neve, o país em colapso depois da falta de acordo de paz, homens-bomba realizando ataques diários de tiro e atentados suicidas, hospitais cheios de pacientes e vítimas de terrorismo, o surgimento da misteriosa e frequentemente mortal “gripe saudita”, os médicos e coveiros trabalhando ininterruptamente etc.

Castel-Bloom mostra uma realidade acentuada, o país como uma zona de guerra e uma área de desastre natural, onde a catástrofe assume proporções inacreditáveis. Israel, pelo romance, pode ser descrito como um retrato da desesperança, onde ninguém sabe o que fazer frente a esse cenário apocalíptico.

II. CONTEXTO

2.1. Momento Histórico

A Segunda Intifada, período em que se passa o romance *Partes Humanas*, tem como marco o mês de setembro de 2000, menos de um ano e meio depois que Ehud Barak foi eleito primeiro-ministro de Israel, com ampla margem sobre o principal adversário, Benjamin Netanyahu. Em sua plataforma de governo, constava a intenção de reiniciar as negociações de paz que estavam estagnadas desde o Acordo de Oslo, em 1993. Sua estratégia final era fazer uma negociação sem precedentes com os líderes palestinos com o objetivo único de pôr um ponto final no conflito entre esses povos.

Em julho de 2000 houve uma tentativa de negociação ocorrida em Camp David (no Estado de Maryland, EUA), com uma oferta de Barak, considerada pelos israelenses como “generosa”. Nela, o primeiro-ministro israelense oferecia 90% da Cisjordânia e da Faixa de Gaza ao controle dos palestinos. Yasser Arafat rejeitou a proposta e as negociações prosseguiram pelos meses seguintes, mesmo após o início da Intifada, mas sem acordo entre as partes.

No dia 28 de setembro do mesmo ano, Ariel Sharon, o líder do partido Likud, de oposição ao de Barak (Avodá), fez uma visita ao local conhecido por Esplanada das Mesquitas/Monte do Templo, escoltado por numerosa força policial. O ato ao território alheio foi entendido pelos palestinos como ofensivo e provocativo¹.

¹ Esse espaço é sagrado e intensamente disputado por muçulmanos e judeus. Pelo judaísmo, é o local onde supostamente ocorreu a bíblica passagem do sacrifício de Isaac. Foi lá também o local que o rei David havia destinado para a construção de um santuário que abrigasse a Arca da Aliança. Para o islamismo, o espaço é sagrado por ter sido supostamente o local de ascensão de Maomé ao paraíso. Nesse espaço estão também a Mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha, estruturas mais antigas dos muçulmanos (datadas do século 7).

Em consequência dessa visita, começaram, no dia seguinte, em Jerusalém, motins e protestos, e se espalharam rapidamente por todo o território. Nessa época houve uma intensificação dos atentados terroristas a locais de intensa circulação de civis. A ação da polícia israelense para conter as manifestações levou à morte mais de uma dúzia de árabes israelenses e palestinos, criando um cenário propício para a nova Intifada.

É preciso diferenciar os acontecimentos que distinguem a Segunda Intifada da Primeira. Esta, ocorrida entre 1987 e 1993, foi também chamada de “guerra de pedras”. O termo se refere ao levante ocorrido em 1987, no campo de refugiados de Jabaliyah, na Faixa de Gaza, com a população civil palestina fazendo uma manifestação contra a ocupação israelense, atirando paus e pedras nos militares.

A partir de então, Intifada, termo árabe empregado para a palavra “revolta” contra um regime opressor e também um despertar abrupto de um sonho ou de um estágio de inconsciência, passou a simbolizar politicamente o levante palestino contra a “ocupação” de Israel.

Enquanto na Primeira Intifada os protestos de árabes e palestinos eram praticados, em boa parte das vezes, com objetivos não mortais, a Segunda Intifada trouxe uma tática que contribuiu para um aumento significativo de civis mortos em atentados suicidas, como o da Pizzaria Sbarro, em Jerusalém (2001), em que civis israelenses passaram a ser repentinamente alvo de atentados palestinos.

Partes Humanas não somente foi o primeiro romance da Literatura Hebraica publicado sobre a Segunda Intifada, mas foi também justamente escrito durante esse período. Embora Orly Castel-Bloom tenha revelado em entrevista que já havia iniciado o romance antes da eclosão do movimento, ela afirma que o levante palestino do mundo

real alterou o rumo inicial do texto e interferiu em seu “mundo imaginado”, de modo que a obra se viu atrelada à sequência de ataques terroristas.

O realismo utilizado no ficcional é embasado pela autora ao acompanhar, como espectadora e participante, o período de insegurança coletiva. O professor de Literatura Hebraica da Universidade da Flórida Todd Hasak-Lowy vai além, ao considerar que *Partes Humanas* demonstra uma “sensibilidade profunda” de Orly Castel-Bloom para a representação e a mediação da realidade a partir da mídia, que tem um papel central em seu romance: “O leitor encontra repetidamente as formas pelas quais a televisão e o rádio embalam o fluxo constante de episódios tristes que constituem a história nacional” (2008: 97). Ele complementa dizendo que as personagens da obra são regularmente descritas durante o ato de ver ou ouvir esses relatos noticiosos:

“Muitas delas (as personagens) experimentam a Segunda Intifada primeiramente através dos meios de comunicação [...]. No romance, esse Israel imaginário que lembra irritantemente o Israel real, os meios de comunicação e a realidade tornaram-se entrelaçados de tal forma que quase não é possível fazer uma distinção significativa entre os dois.” (HASAK-LOWY, 2008: 97)

Para dar verossimilhança às descrições sobre Israel, a autora utiliza na narrativa a terceira pessoa onisciente, refletindo o que Hanna Herzog (2003:104) apontou como tendência: uma “condição social” pós-modernista. No romance, o papel da mídia na divulgação de notícias ratifica essa propensão de expor o real.

Castel-Bloom rompe com a antiga fase de sua literatura, surrealista, que tendia ao realismo mágico (GLUZMAN, 1994: 29), para nessa nova fase incutir o realismo², um texto vinculado ao contexto histórico. Nesse novo modo narrativo ela posiciona o israelense como uma vítima de seus atos e cujo sofrimento foi causado por decisão coletiva, fruto da experiência sionista.

Hasak-Lowy (2008:99) observa que a narrativa do romance é iniciada com um narrador em terceira pessoa, que descreve o inverno atípico daquele ano inespecífico e não se refere a nenhuma personagem até o final do primeiro capítulo. A voz relata as experiências dos “habitantes israelenses”, “do povo de Israel”.

Segundo o professor, o narrador contribui dessa forma para intensificar a coerência e a experiência do coletivo nacional. “Castel-Bloom cria um conjunto frouxamente entrelaçado, representando uma impressionante gama da sociedade israelense contemporânea” (2008: 99). Um exemplo claro disso é que as personagens de *Partes Humanas* são asquenazitas (do leste europeu), sefaraditas (de origem ibérica) e até mesmo etíopes. Os protagonistas são homens e mulheres, ricos e pobres, poderosos e sem poder, inseridos na sociedade, ou ainda *outsiders*.

A visão particular de Castel-Bloom sobre a população civil vitimada durante a Segunda Intifada é sugerida pelo título do romance, seja pela abordagem atípica das histórias individuais, que em grande parte são deixadas inacabadas, à exceção de duas personagens que morrem durante a narrativa (uma pela gripe saudita, outra em atentado terrorista). Salvo essas, o romance contém personagens cujas vidas não são retratadas na completude, ou são deixadas incompletas, como explica Hasak-Lowy:

² São características do Realismo a reprodução da realidade observada com temas da contemporaneidade, condições sociais e culturais expostas, somada à objetividade no compromisso com a verdade. As personagens são baseadas em indivíduos comuns, com problemas banais, atitudes anti-heroicas e distantes das idealizações Românticas. Embora apresente elementos ficcionais, como, por exemplo, a “gripe saudita” e o inverno sobrecomum, que o afastariam desse gênero, o livro “Partes Humanas” é considerado pelos críticos literários como pertencente ao Realismo (“Realismo Social”), por ter sido o primeiro romance escrito durante a Segunda Intifada, tê-la abordado como pano de fundo e ter oferecido um retrato com elementos bastante fidedignos da sociedade israelense.

“Para Castel-Bloom e, suspeito, para muitos outros, Israel da Segunda Intifada é um mundo em que o tempo individual é prematuramente interrompido, com o corpo humano na ocasião em pedaços, isto é, fragmentado em partes humanas. E ainda, notavelmente, como um paradoxo, esse acúmulo de vidas fragmentadas e órgãos decepados cria um sentimento de unidade nacional, porém sombrio, e se destaca como efeito final do romance”. (HASAK-LOWY, 2008:101)

Reiterando o pensamento de Hasak-Lowy quando diz que a escolha da autora em limitar-se a relatar episódios fragmentados ou vidas parciais é reflexo do mundo que ela procura descrever, Smadar Shiffman, da Universidade de Tel Aviv, comentou: “Quando os críticos literários alegaram que a escrita de Castel-Bloom tornou-se ‘realista’, eu pensei se na verdade não foi a realidade em que vivemos que teria se tornado mais castel-bloomiana” (SHIFFMAN, 2002: 14).

2.2. Barbárie virtual

Sempre se teve no senso comum que o jornalismo é o “discurso da verdade”. Durante muitos anos, a sociedade pôde legitimar o conteúdo dos veículos de comunicação como “verdade absoluta”, como a transcrição fiel e sintética da realidade. Conforme a mídia foi ganhando poder e passou a representar os interesses de seus donos ou de quem pagava por seus serviços, a “aura mítica” da imparcialidade perdeu seu crédito e o jornalismo passou a ser visto como um transmissor de notícias que visa

“parecer” verdadeiro, neutro, isento etc. O termo “parecer” engloba a característica que melhor representa o jornalismo. É uma “cópia do real”, com claras ou não tão evidentes distorções.

A sociedade na pós-modernidade, considerada a “Era da Informação”, a “Idade Mídia”, vê-se cada vez mais “bombardeada” pela grande quantidade de informações jornalísticas. Os meios de comunicação são, por excelência, alto-falantes da sociedade. O melhor parâmetro para conferir se um fato verdadeiramente ocorreu é conferi-lo nos veículos midiáticos. É pela mídia que é possível obter informações sobre o mundo, como acontece também no romance:

A imprensa corria de um ataque para outro, a tela da televisão ficava dividida entre as reportagens de locais diferentes, e na base da tela, números de telefone que poderiam ser usados para conseguir informações sobre as vítimas. Os avisos tornaram-se rotina também. Advertências a respeito de ataques terroristas iminentes e infiltrações de terroristas focalizavam uma ou mais de uma área de cada vez. Alertas gerais relativos ao país como um todo eram lugar-comum, e as forças de segurança decidiram avisar às pessoas que não deviam tornar-se apáticas, mas sim permanecer alertas e atentas a cada movimento suspeito, qualquer homem, mulher ou veículo estranho. (p. 210)

Como aponta Marilena Chauí, prefaciando o livro *Videologias*, de Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl, os meios de comunicação de massa tornam as imagens “simultaneamente alicerces, instrumento e resultado das operações midiáticas”. As notícias só têm caráter existencial quando é dada a elas visibilidade. Esta é descrita como a nova lei de nossa era: “O que não aparece na mídia não aparece de fato” (BUCCI; KEHL, 2004: 33).

A força imagética é tanta que é possível crer que o que não pode ser visto não existe. A importância da visibilidade dos fatos descrita por Régis Debray, o inventor da

“midiologia”, com a equação da era visual: “Visível = Real = Verdadeiro. Ontologia fantasmática da ordem do desejo inconsciente.” (DEBRAY, 1993: 358). A equação sintetiza a nova era midiática, referindo-se ao poder das imagens quando elas irrompem perante o nosso olhar, servindo como fonte de alimentação para nossos desejos.

A imagem, para Debray, possui um valor incalculável. A mediação da vida elimina a necessidade de experiência imediata. A explicação é que, com os adventos tecnológicos, somos “a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos a acreditar em seus olhos” (1993: 358). A experiência de vida pode passar a ser um resultado das experiências adquiridas por um simulacro.

O gozo é atribuído pelo olhar que confere sentido a um signo (essencialmente portador de uma ideologia) e seu valor advém do encontro entre emissor e receptor dessa mercadoria imagética. E a mídia, por meio do aparato tecnológico, formadora de opinião, detentora e divulgadora do conhecimento às massas, possui uma “capacidade mágica de fazer e acontecer o mundo” (CHAUÍ, 2006:78).

O fluxo de imagens faz com que nosso olhar extrapole os limites da percepção do próprio corpo, como também os referenciais de tempo e de lugar. A televisão insere-se no tempo-espço ilocalizável e passa a ser, então, o próprio mundo (BUCCI; KEHL, 2004: 8). Chauí descreve essa nova perspectiva como algo que provoca um impacto profundo:

“Esse mundo nada mais é senão a sociedade-espetáculo, entretecida apenas no aparecimento e na presentificação incessante de imagens que a exibem ocultando-a de si mesma” (BUCCI; KEHL, 2004: 8).

É preciso enfatizar que, com a falsa pretensão da objetividade e da neutralidade, o jornalismo prega descrever a realidade sem interferir nela. Mas interfere. “Foi assim

que encontrou na tela da TV o novo palco para fincar sua autoridade” (BUCCI; KEHL, 2004: 30). É o que se pode descrever como um duelo entre fato e ficção (BUCCI; KEHL, 2004: 8).

Nessa nova sociedade, que tem como característica principal a mediação por imagens, as representações são constituídas do real. A aparência é o que se sobrepõe a todos os valores, quando já não é possível distinguir entre ficção e realidade. “O ser das sociedades tradicionais, que, na sociedade industrial, foi substituído pelo ter, tem hoje, portanto, sua máxima representação no parecer” (MELO; TOLEDO, 2012: 9).

É como se nada do que fosse veiculado na mídia acontecesse de fato na sociedade, são como “pseudoacontecimentos”: os homens não vivem situação alguma e as relações são “de imagem a imagem” (BAUDRILLARD, 2004: 46).

Um exemplo típico disso ocorre com a personagem de *Partes Humanas*, Kati Beit Halahmi, quando é apresentada, com grande força imagética, sua “história impactante”:

Pouco antes das dez horas, uma equipe de filmagem, com todo o equipamento necessário, entrou no apartamento dos Beit-Halahmi, na avenida Micahh Reiser, e à mãe da família Kati Beit-Halahmi pediram que acordasse os filhos que tinham acabado de adormecer. As crianças, quatro no total, um par de gêmeos e um par de gêmeas, chegaram à sala, enroladas em cobertores de lã velhos e rasgados, tontas de sono e tremendo de frio. [...] Uma semana depois [...] raramente havia um programa sobre atualidades na televisão ou no rádio, em que os problemas de Kati Beit-Halahmi e sua família não fossem discutidos. (p.17)

O filósofo Guy Debord descreveu esse fenômeno em que o espetáculo domina o presente: “Os pseudoacontecimentos que se sucedem na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem” (DEBORD, 1997: 107), criando em cada um o que ele chama de “falsa-memória espetacular” (1997: 108). A própria personagem

do romance, Kati, mostrava-se “*muito excitada pela forma com que estava sendo filmada*”; “às vezes ela chorava no ar, mesmo que isto prejudicasse a maquiagem” e a voz dela servia de fundo para “*cenas que eram por ela interpretadas*” (p.17-18).

A caracterização da instância da imagem ao vivo, que advém quando a tecnologia passa a permitir que se acompanhe pela televisão, por vezes em tempo real, imagens de guerra, uma grande tragédia, ou qualquer outra cena impressionante que mexa com as emoções de quem a vê, colabora para inserir o receptor como participante do acontecimento. A violência torna-se uma “obsessão temática” (CONTRERA, 2003: 89). No romance, até funerais eram transmitidos em canais de televisão (p.12) e as histórias infelizes desse cenário caótico expressavam a violência como grande tema predominante: “*Os levemente feridos geralmente contavam à imprensa o que tinha acontecido. A descrição do horror normalmente começava com as palavras [...]*” (p.13).

Isso não ocorre restritamente pelo esgotamento do assunto nas pautas, pela temática, mas também pela utilização da linguagem. Malena Contrera crê que a violência está no esqueleto da notícia, ou seja, intrínseca à própria linguagem, é um problema estrutural: “Vivemos em uma Babel revisitada, uma nova forma de vingança divina por meio do não-sentido, da anestesia pré-implantada pelo uso da linguagem. A linguagem que violenta” (CONTRERA, 2003:98). Por isso, a espetacularização da morte merece especial atenção, como descreve Bauman, sobretudo quando esta é televisionada:

Como todos os outros espetáculos, a morte, ‘enquanto vista na tevê’, é um drama representado em realidade virtual, não menos mas não mais tangível e ‘estendida à mão’ do que as façanhas dos heróis da Jornada nas Estrelas, dos caubóis que atiram

de revólver ou dos Rambos e Exterminadores belicosos. (BAUMAN, 1998: 218).

A fusão entre o real e o ficcional, contando com “técnicas teatrais” e “efeitos cinematográficos”, até mesmo na transmissão de um ato terrorista, tornam as tragédias parte do entretenimento. Não é à toa que no romance de Castel-Bloom meteorologistas ganham ares de super-heróis “*como se fossem profetas*” (p.11), tornam-se as celebridades do momento, aparecem em programas de auditório etc.

O espetáculo amplifica a opressão operada pela não-separação entre realidade e ficção. Não é espantoso, portanto, que o mundo do “não-vivido” (DEBORD, 1997: 121) crie uma sociedade que pareça estar à beira da esquizofrenia (MELO; TOLEDO, 2012: 13).

Outra passagem emblemática no romance ilustra bem essa situação. Íris Ventura, atordoada com a possibilidade de haver um terrorista no ônibus em que ela está, influenciada pelos acontecimentos transmitidos pela mídia, observava passageiros, procurando por suspeitos. Ela claramente se vê como uma personagem ficcional, heroína de novela, capaz de ter interceptado um homem-bomba. Acabou causando tumulto, ao apontar erroneamente um inocente:

[...] *Ela se concentrou em observar outros passageiros, procurando suspeitos no ônibus. E realmente, sentado no meio do veículo, estava um homem que parecia ser do Oriente Médio, com uma grande bolsa de lona no assento a seu lado. Ventura conteve-se por alguns minutos, então avisou a si mesma que, se quisesse evitar uma catástrofe, teria de agir; assim, ela se levantou, aproximou-se do motorista [...]. Mas a palavra ‘atentado’ escapou e todos os passageiros compreenderam de imediato que isto devia ter ligação com o ônibus do noticiário noturno, e então saíram correndo, em atropelo, na direção das portas. [...] O motorista foi atrás do homem com aparência típica do*

Oriente Médio, que corria com o restante do grupo, empurrou-o pelas costas, jogando-o no chão, e chutou a sacola para longe.

*Ventura queria ir embora, mas também queria ver. Escondeu-se atrás de um muro e observou. Jamais estivera na cena de um ataque terrorista, e agora se imaginava como uma testemunha ocular em estado de choque, com um curativo na testa. A curiosidade a venceu, e nem lhe ocorreu que poderia ser morta. O homem estava cercado de policiais [...]. Ele gritava, quase chorava de medo e humilhação: *Parem! Eu não sou terrorista!* [...] Um dos policiais tirou uma carteira de identidade azul do seu bolso. Ainda assim eles continuaram a tratá-lo como suspeito, até que aceitaram, sem sombra de dúvida, que ele simplesmente tinha uma aparência muito do Oriente Médio, como muitos dos policiais e dos transeuntes, como a própria Ventura [...].*

Como nada havia com o suspeito, afastou-se da cena: *“Afinal, não estaria no noticiário das cinco como testemunha, ou na cobertura imediata, ao vivo, que teria acontecido se o massacre tivesse sido muito ruim”* (p.117).

A guerra, quando é mostrada pela mídia, principalmente pela televisão, efetivamente parece menos como realidade e mais como obra ficcional, uma novela, que conta minimamente com um enredo, início, meio e até mesmo um fim, ainda que não definido.

O horror presente nesse romance atrai o espectador por parecer uma válvula de escape do mundo real, ao mesmo tempo em que mostra a realidade. No dizer de Neal Gabler, é um "escapar da vida para a vida" (GABLER, 1999: 14).

“Um homem que deseja estar ‘por dentro’, saber o que acontece lá fora, precisa ir para casa, onde os acontecimentos estão à sua espera, como a água pronta para jorrar da torneira” (ANDERS, 1978: 420). Ele deixa de experimentar e transformar o mundo para contemplá-lo diante da tela da TV, ou seja, torna-se consumidor “apático e passivo” (ANDERS, 1971: 421) do mundo. Isso é mostrado com frequência com a

personagem Boaz. Na hora do jantar, ele ouve o noticiário, comenta com a esposa sobre a morte de israelenses em atentados, as tragédias que abalam o país, mas nem lhe ocorre agir. As palavras são a esmo: “*difícil é fazer o reconhecimento dos pedaços das vítimas*” (p. 101).

2.2.1. O hiper-realismo alterando o conceito de verdade da notícia

A televisão, meio de comunicação em massa de maior poder de alcance, ao mesmo tempo em que faz a realidade parecer mais próxima do espectador, aumenta-a por lentes, com “zoom”, tornando-a maior do que é, com o objetivo de inserir um elemento provocador de reações, constituindo-se como simulacro hiper-realista, que distorce e aumenta o real sem dele se afastar. Essa distorção foi ensinada à personagem Kati, de forma metafórica, durante as lições para aprender a ser maquiadora: “*Tudo na TV parece sete vezes mais acentuado do que é*” (p. 230).

Quando se trabalha com fatos que possuem grande apelo emocional, como é o contexto em que ocorre *Partes Humanas*, com grandes tragédias, explosões, pessoas vítimas de homens-bomba e da pobreza, a forma de jornalismo exploratório/sensacionalista ganha ainda mais força e às vezes até deixa de lado sua missão prioritária de informar, sustentando-se única e exclusivamente da desgraça e das banalidades que fazem parte do cotidiano. Agrega-se a isso o consenso no meio jornalístico que entende o conceito de notícia como algo ou um fato inusitado e inesperado, com emoção e conteúdo. É o caso, no livro, da história das personagens da família Beit-Halahmi e sua condição miserável:

Horas depois da publicação do relatório sobre a pobreza, o canal comunitário de Ramle-Lod localizou a família Beit-Halahmi, que vivia no bairro de Ganei Aviv, em Lod. O canal havia se preparado com antecedência porque queria alcançar um furo de reportagem em cima dos outros canais, com uma comovente história humana de dificuldades, relativamente 'leve' em comparação à dor e à miséria causada pelo terrorismo [...] A edição noturna do noticiário local mostrou uma história impactante sobre a pobreza da família [...]. O público israelense foi informado da terrível calamidade que se abatera sobre aquela família (p.16-17).

Quando o sensacionalismo foi exportado para a TV, pois antes era restrito aos tabloides da “imprensa marrom”³, houve críticas ferozes: dizia-se que “estavam criando um apetite insaciável pelo lixo puro e que, mais cedo ou mais tarde, haveria a necessidade de ‘fornecer constantemente novos matadouros onde eles [os leitores] possam se deliciar todos os dias’” (GABLER, 1999: 70-71).

Com o passar do tempo, percebeu-se que a afirmação tinha seu quê de razão. Apenas o mero enquadramento do real não é o suficiente para convencer o público. É preciso colocar um “zoom”, dar um enquadramento hiper-real: sensibilizar, transmitir a dor, a tristeza, o desolamento, a solidariedade para segurar a audiência. O hiper-realismo, mais verdadeiro do que o real, ganha ares cinematográficos, exagerados, ao enfocar os acontecimentos com lentes de aumento. Isso nos leva a crer, erroneamente, que o transmitido é a “melhor” expressão do real. Pode até ser que seja mais penetrante, com um apelo mais expressivo, mas, inegavelmente, esse enfoque é subjetivo e distorcido, a partir do momento da escolha da objetividade a ser destacada.

Quando a personagem Kati Beit-Halahmi dava entrevistas à TV, percebeu como os diretores utilizavam-se do sensacionalismo e estimulavam sua emoção para elevar os

³ Imprensa “barata”, também conhecida como “imprensa marrom”, cujo conteúdo é o que há de mais emocionante, escandaloso, chocante que um jornal pode oferecer, com crimes horrendos, romances floreados etc. Os proprietários desse tipo de imprensa não se opõem que seus veículos tenham envolvimento e vínculo maior com a indústria do entretenimento do que com a informação.

índices de audiência: “[Eles] *queriam mais detalhes, mais cores*” (p.19). As lágrimas eram recompensadas com o “*zoom*”.

Na indústria da hipercomunicação, Edgar Morin diz que sofremos simultaneamente de subinformação e superinformação, ou seja, de sua escassez e excesso (1986:31), com ênfases, acentuações e intensidades. O resultado do excesso é o que James Hillman (1995:44) define como hipercomunicação e hiperinformação. Esse fenômeno resultará no surgimento da “informação-ficção”:

“[É] a informação submetida de todo o modo ao forte tratamento espetacularizante próprio da cultura de massas, que cria, no século 20, um estilo de informar que corresponde ao tipo de mídia que temos quase exclusivamente nos dias atuais, uma mídia sempre mais preocupada com os índices de audiência (os patrocinadores, a publicidade, é claro) do que com a qualidade da mediação oferecida. Com a saturação, chegamos aqui aos graus máximos dessa espetacularização.” (CONTRERA, 2003:76)

Jean Baudrillard nomeou esse processo midiático como o “crime perfeito contra o real”, pois trocar o real pelo hiper-real tem efeito contrário na construção de sentidos: “ao invés de emancipador, é na verdade fatal para a constituição do sentido que se dá por meio das relações, dos jogos de força entre os poderes relativos” (CONTRERA, 2003: 125).

O veículo de comunicação que não utiliza imagens, como o rádio, consegue com a mesma eficiência se valer desse tratamento espetacularizante da notícia. Em *Partes Humanas*, há uma descrição sobre o que acontece com a programação durante os

atentados terroristas. Explica-se que, na ocorrência de um atentado, o tom dos locutores mudava, ficava mais lento e mais triste, e as músicas tocadas eram mais suaves. Até mesmo a programação de músicas variava de acordo com o número de feridos nos atentados (conforme trecho citado da na p.15).

Dois possíveis efeitos negativos são causados pelo excesso dessa exposição. Primeiramente ela pode contribuir para aumentar o caos e o pânico; em segundo lugar, pode anestesiar o espectador: “As imagens se saturam e nos saturam, banalizam-se. Enquanto a informação dá forma às coisas, a superinformação nos submerge no informe” (MORIN, 1986: 31).

A respeito do primeiro item, James Hillman (1995: 44) detalhou um quadro de alheamento e virtualização, observando que, nessa sociedade midiaticizada, os seres podem estar em muitos lugares ao mesmo tempo, sobrevoar o país de ponta a ponta, atender a três telefonemas simultaneamente, mas não conhecerem o próprio vizinho. Os seres que vivem sob a influência da hipercomunicação e hiperinformação participam do que mantém a alma à distância e, de acordo com Contrera (2008:63), “abdicam” da lentidão do tempo presente. Isso provoca aceleração dos fatos e da intensidade com que são apreciados. O resultado é a ansiedade, um dos principais sintomas do transtorno de pânico, além de uma necessidade de antecipação do futuro que ela define de maneira “quase patológica”. Em *Partes Humanas*, a população se vê ansiosa até para ouvir os meteorologistas: “*Todas as noites, a nação aguardava seus pronunciamentos e agarrava-se a cada palavra que diziam*” (p.11). Ao noticiarem o atentado à bala que matou a personagem Boaz, no ônibus, rádio ligado, “*houve um noticiário urgente*” (p.232). A reação do motorista foi quase espontânea, “ *aumentou o volume*” (p.232) e os passageiros se calaram para ouvir.

Para Contrera, essas formas de temporalidade quase “impossíveis” para o corpo estariam na raiz do fenômeno vivido contemporaneamente: a anestesia (2008:64), o segundo item acima citado. O sociólogo David Riesman também observou o efeito de anestesia no espectador: “Sempre que vemos magnetismo no objeto das atenções, devemos suspeitar de uma apatia básica por parte do espectador” (RIESMAN, 1971: 191).

Contrera acredita que essa ansiedade gerada traz determinadas implicações, como provocar uma crise de sentido, ao que ela chama de “gula informativa”. A informação vem em excesso, mas não é informativa, nem oferecida em qualidade. O resultado, ela explica, é que “nossa falta de paladar nos tem obesificado” (2008: 69). É como se houvesse algo errado no rumo da chamada “Era da Informação”, pois o excesso de conteúdo, a saturação e a redundância informativa têm afetado a competência comunicativa.

Um exemplo disso, em *Partes Humanas*, é quando, diante da rotina de sucessivos atentados e feridos, Kati não conseguia prender sua atenção a tudo o que era dito. Ao ouvir o noticiário na rádio: “*parou de pensar nas últimas notícias para se concentrar em sua vida pessoal*” (p.234). Enquanto isso:

[...] *com apenas um homem morto e uma mulher ferida que lutava pela vida, as emissoras continuavam a transmitir músicas comuns, como a nota ocasional para lembrar aos ouvintes que eles e o seu país passavam por uma grave crise que teria de ser superada. As notas e a motivação eram transmitidas ao ouvinte hebreu [...], especialmente a frase: ‘Não, não é fácil, nossa estrada não é uma estrada fácil...’* (p.234).

2.2.2. A barbárie como espetáculo

Em *Viagem na Irrealidade Cotidiana*, Umberto Eco distingue duas formas de fazer televisão. Na antiga, intitulada “paleotelevisão”, os eventos aconteciam independentemente de sua transmissão. Isso é diferente do que ocorre no que ele chama de “neotevê”, em que os acontecimentos já são preparados para serem transmitidos, com publicidade colocada em locais estratégicos, ou ensaiados, ou com enfoques que lhe conferem aspecto cinematográfico. É uma referência ao simulacro – não ao acontecimento, mas à sua representação. É como a tela “Isto não é um cachimbo”, de René Magritte. O próprio termo “simulacro” significa “imagem”, em latim, ou seja, um espectro, uma reprodução. No mundo de hoje, estamos imersos no universo do simulacro, um cenário de ilusões.

É um tempo em que histórias da vida real competem com a ficção, seja pela criatividade e pelo absurdo do enredo, seja pela plasticidade das imagens, seja pela “manipulação” da realidade.

Bombas, tiros, exército, sonoras explosões orquestram as guerras, que adquiriram uma plasticidade *hollywoodiana*, repleta de recursos extremamente espetaculares, ao figurarem na mídia. É inegável que possuem, feito filme de ficção, a capacidade de arrancar emoções dos telespectadores. As imagens e os sons nos enchem olhos e ouvidos com o destroçar da vida humana, com cenas hiper-reais, cores aguçadas e movimentos de câmera, para foco e *zoom* na dor alheia.

As transmissões televisivas presentes na obra, assim como na vida real, transformam vítimas de tragédias em celebridades da noite para o dia: “*raramente havia um programa sobre atualidades na televisão ou no rádio, em que os problemas de Kati Beit-Halahmi e sua família não fossem discutidos*” (p.17). A personagem Íris Ventura

pensa que quase se tornaria uma celebridade também e, com um misto de medo e empolgação, aponta de maneira teatral para um homem suspeito dentro do ônibus. Ela imaginou-se como sobrevivente de um possível atentado. Mas como não havia bomba, afastou-se da cena: *“Afinal, não estaria no noticiário das cinco como testemunha, ou na cobertura imediata, ao vivo, que teria acontecido se o massacre tivesse sido muito ruim”* (p.117).

Guy Debord, em *Sociedade do Espetáculo*, descreve o simulacro da sociedade ao ser transformada em espetáculo.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo fato desse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1997: 14).

Nos meios de comunicação de massa, o simulacro da vida real é tratado como entretenimento: doenças dizimadoras, tragédias naturais, guerras genocidas ou a violência meramente explícita.

Debord é o primeiro a descrever o espetáculo como essa nova forma de capitalismo em que, feito amálgama, o imaginário e a relação de produção estão fundidos: *“O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”* e *“é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social”* (DEBORD, 1997: 30).

Para ele, a sociedade onde reinam as modernas condições de produção prefere a imagem ao real, ou seja, a representação à realidade. Ele define esse contexto como uma “imensa acumulação de espetáculos” (DEBORD, 1997: 13) para a contemplação. A imagem, como mercadoria, oferece um patamar a mais para alicerçar o capitalismo e “parasitar as teias do desejo” (BUCCI, 2004: 233).

O espetáculo não se restringe a suprir o mundo real. É mais do que isso. É o âmago da sociedade atual e nosso modelo de vida dominante: “a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo”, afirma Debord (1997: 15).

O jornalista Eugênio Bucci corrobora esse conceito: “desejo, capital e poder compõem uma trança compacta, única, e sua existência se materializa no olhar” (BUCCI, 2004: 233).

Com essa ideia adquire-se a compreensão de que a notícia é uma construção social, ideológica, e um produto cultural. Nelson Traquina, ao falar da teoria etnoconstrucionista, ratifica esse pensamento ao afirmar que as notícias são o resultado de um processo de “transformação” de uma matéria-prima (ou de um acontecimento) num produto. Esse fenômeno afeta direta e mutuamente a relação entre seres humanos e a mídia, pois provoca o que Debord chama de “alienação”: “A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (1997: 15).

Isso quer dizer que, de forma inconsciente, o espectador, quanto mais se contempla, menos vive. Debord (1997:24) define esse momento como uma “Guerra do Ópio” em que a satisfação da sobrevivência é regida pelas “leis do espetáculo”.

Esse exército de pessoas alienadas são como *flâneurs*: vagam sem se sentir à vontade em lugar algum, pois “o espetáculo está em toda parte” (DEBORD, 1997:24).

O tempo e o espaço ocupados por esse novo território alienante se tornam estranhos aos seres.

O espetáculo invade a sociedade pelos meios de comunicação de massa e tem como peculiaridade fundamental o fato de cumprir o papel de ser, ao mesmo tempo, seu meio e sua finalidade na divulgação. O espetáculo, utilizando-se de estratégias próprias para sua apreciação, “não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (DEBORD, 1997:17).

O filósofo Herbert Marcuse (1967:14) afirmou que a mídia não é um suporte para o vazio, não é neutra. Na modernidade, em que a arte se oferece como mercadoria, o mecanismo de satisfação acaba deturpado pela mídia. Os olhos são adestrados pela indústria, pelo espetáculo cinematográfico.

Em meio a tantos programas supostamente jornalísticos, a maneira mais utilizada para conquistar a audiência tem sido por meio de uma fórmula popularesca que manipula seus espectadores e amplia as informações de maneira sensacionalista e explora as emoções e as tragédias.

O tom sensacionalista, antes restrito a alguns noticiários, passou a dominar toda a mídia, em especial a televisão, que amplifica o terror, embora se proponha a informar e tranquilizar o cidadão comum. “[Ela] instaura uma insegurança e uma inquietude generalizada que, ao menor sinal de perigo (ainda que falso), é capaz de levar ao pânico” (CONTRERA, 2008: 10).

O impacto da mídia ao apresentar determinada notícia até a saturação acaba amplificado. “*Aqueles que ganhavam a vida relatando e comentando eventos ficaram sem chão diante da escalada de ataques terroristas*” (p.13).

Malena Contrera relata esse fenômeno como sendo “um panóptico total” (referindo-se ao conceito criado pelo filósofo Jeremy Bentham) e assegura que, graças

ao seu poder de penetração, “a maior arma agora são as imagens” (CONTRERA, 2008: 9). O próprio Debord já havia observado esse comportamento, ao afirmar que o mundo real é reduzido ao conteúdo imagético.

As imagens são responsáveis por espetacularizar a violência e condecorar o grotesco. Contrera (2008:10) aponta os telejornais como disseminadores do caos, citando “a capacidade que a mídia tem, em especial a televisão, de amplificar o terror, de instaurar o pânico.”

Malena Segura Contrera observa que a mídia se ocupa de espetacularizar a violência, explicitando-a sob formas cada vez mais grotescas. O efeito disso pôde ser medido pelo pânico esboçado por pessoas que estavam totalmente afastadas dos focos de ataque. O papel dos meios de comunicação serviu como gatilho desses surtos coletivos e mostram seu caráter endêmico. “A mídia é o útero desse engendramento” (CONTRERA, 2008: 21).

Em *Partes Humanas*, as personagens se tornam obcecadas por acompanhar o noticiário. Este, por consequência, explora a dor alheia para elevar os índices de audiência.

O inverno rigoroso e atípico tornava até mesmo os meteorologistas celebridades, “como se fossem profetas” (p.11). A população “agarrava-se a cada palavra que diziam” (p.11). Era como se esses profissionais ditassem a rotina da sociedade despreparada para o cenário caótico, na esperança de que eles seriam prenunciadores de um tempo (climático e, por extensão, político) melhor.

José Arbex Jr., no artigo *O Jornalismo e o Espetáculo da Mídia*, argumenta que os telespectadores esperam “que os meios (de comunicação) alimentem suas fantasias cotidianas” (2007). Assim, apegam-se aos dizeres da mídia, “gozam com o espetáculo

da dor”, como uma maneira de ver projetados na tela os seus próprios medos e anseios, mas querendo se dissociar, torcendo para não fazer parte do que é mostrado.

Instaura-se o medo, que, nos dizeres de Bauman, é “reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas da nossa época” (BAUMAN, 2007: 32). *Em Partes Humanas* o cenário estava claramente fora de controle:

Muitas histórias infelizes e eventos fortuitos aconteceram naqueles dias. Histórias de horror sobre a morte de famílias inteiras que tinham saído para comer uma pizza [em um estabelecimento que explodiu] penetravam a consciência, e havia também contos heroicos sobre policiais, guardas de fronteira⁴ (sic) e soldados que impediam o horror em massa com seus corpos e ação rápida. A vida naquela parte do planeta carregava um grande medo. O olhar para o futuro calorosamente recomendado ao público como forma de lidar com a situação estava enevoadado pelo pânico (p.13).

Os fatores da insegurança do presente e da incerteza do futuro servem como alimentadores do “medo mais apavorante e menos tolerável” (BAUMAN 2007: 32) e produzem um sentimento de impotência, seja ele individual ou coletivo.

Diante desse contexto terrível, os meios de comunicação de massa não conseguem somente atrair a comoção do seu público, mas podem provocar apatia e frieza diante da dor alheia. É o que se chama de banalização da violência e da vida.

Eugênio Bucci complementa esse pensamento, afirmando que a morte real não deveria ser um recurso mostrado sem cerimônia pelos programadores, misturando jornalismo e entretenimento: “Na mistura insana, os *flashes* ganham outra função.

⁴ Equívoco na tradução literal leva o leitor a crer que se trata de um guarda que só monitora as áreas de fronteira. O termo hebraico Mishmar haGuivul, abreviado pela sigla Magav, embora literalmente seja “guarda da fronteira”, refere-se a um ramo de combate da polícia israelense fundado em 1949, treinado pela Israel Defense Forces (IDF). O Magav se divide em quatro áreas de atuação: unidade de resgate de reféns, unidade contra o terrorismo disfarçado, unidade de atuação rápida contra crimes táticos e unidade de interceptação de ações com a infiltração em grupos terroristas. (Fonte: Israel Defense Forces Official Website: <http://www.idf.il>)

Deixam de ser informativos. Tornam-se anabolizantes da indústria do pânico” (BUCCI, 2004: 110). É o que ocorre no romance:

Pessoas que haviam se agasalhado bem contra o frio antes de sair de casa, sentindo-se mais ou menos protegidas, eram despedaçadas nas ruas próximas [...]. Alguns morriam na ambulância que os levava da cena do ataque para o hospital. [...] Os levemente feridos geralmente contavam à imprensa o que tinha acontecido. A descrição do horror normalmente começava com as palavras: ‘De repente, ouvi um estrondo’ (p. 12-13).

Os membros de todos os estratos da sociedade eram convocados a magnetizar a audiência, alimentar o espetáculo e a fazer parte dele (assunto retomado na página 59):

Os médicos às vezes tinham que amputar partes do corpo afetadas pela gangrena nascida do frio, e um deles declarou à imprensa: ‘Como se não bastasse o que os homens-bomba fazem às vítimas, elas ainda sofrem com o frio e com a negligência.

A aparição e o discurso demolidor desse médico impressionou favoravelmente o produtor de um dos novos programas, e foi-lhe oferecido um espaço permanente ao final de cada edição, depois da previsão do tempo (p.16).

O resultado desse objetivo de atrair a audiência de qualquer maneira, aponta Eugênio Bucci, é que ele dissocia o jornalismo de seu objetivo primário, o de estar a serviço da verdade e passar a obedecer a uma ética de mercado. “Onde quer que a notícia esteja a serviço do espetáculo, a busca da verdade é apenas um cadáver” (BUCCI, 2004: 129).

Como se pode ver, a partir do final do século 20, tudo passa a ser medido pelo entretenimento, que escapa do noticiário televisivo para se apoderar da vida. E para

completar o ciclo, até mesmo o que está fora da mídia tem como tendência a se transformar em entretenimento, com a finalidade de atrair a atenção dela.

2.2.3. A guerra como espetáculo midiático televisivo

Com o advento da televisão, os meios de se obter informação mais utilizados até então, como os jornais impressos e o rádio, não conseguiam competir em audiência. Como seria possível superar aquele veículo de comunicação que oferecia som, movimento, transportava o repórter e, por extensão, o telespectador, para a cena do acontecimento?

A televisão possuía uma finalidade dupla: com o mundo dos noticiários e do entretenimento, transformando em notícia tudo o que tivesse os rudimentos de entretenimento, e em entretenimento tudo o que contivesse os rudimentos de notícia (GABLER, 1999: 81). Dessa forma, Gabler mostra por que esse meio passou a fazer parte da sociedade contemporânea tão profundamente: “Ao polir, processar e empacotar a realidade em forma de notícia, a televisão acabou integrando vida e entretenimento de forma muito mais completa e inextricável que qualquer outra máquina de notícias” (GABLER, 1999: 86).

A mídia tornou-se ponto mundial de convergência das atenções, de onipresença, além de ser um fator de sociabilização. É capaz de provocar tamanho enfeitiçamento da e pela imagem (MORIN, 1988: 98-99) que aboliu os limites espaciais e temporais e conseguiu alcançar praticamente o limite do “*real time*”, a transmissão do fato quase em tempo real.

Ela ofereceu os meios necessários para que a sociedade se transformasse num cenário perfeito para *voyeurs*, pois “instalou o espetáculo em todas as instâncias comunicativas” (CONTRERA, 2008: 53).

Nesse espaço virtual, em que o sangue que se derrama não atinge o espectador, a violência principal é outra: é contra a sensibilidade, a imunidade do contato, pois “o corpo foi transformado em imagem, para aparecer na foto, no vídeo, na tevê” (CONTRERA, 2008: 124).

No romance, em uma das notícias de atentados, a televisão mostrou famílias chorando, saindo do Instituto Médico-Legal. A personagem Boaz comentou quase com indiferença sobre os “coitados dos familiares” que têm de fazer o reconhecimento dos corpos, ou de partes deles. Enquanto isso, *“na telinha começaram a aparecer as imagens das vítimas, em sequência, na bomba em Katzrim, com informações sobre a hora e o local do enterro. Às vezes, o âncora tropeçava no nome complicado de alguma das vítimas, mas a hora dos funerais e a idade delas eram sempre exatas”* (p.102).

O escritor israelense Amós Oz, em visita ao Brasil no final de 2011, disse durante a sua palestra, no SESC Pinheiros, que qualquer guerra é um duelo entre duas vítimas: “É uma ambiguidade moral, é um conflito entre certo e certo, mas, outras vezes, é entre o errado e o errado”. A mídia ajuda a criar e a dividir opiniões e, mais do que isso, dá suporte ao conflito, já que “a guerra, em nosso tempo, é, ela mesma, um ato de comunicação.” (BUCCI 2004: 239).

Sem autonomia, a verdade jornalística é, naturalmente, contestada e sacrificada pelo conflito de interesses. A guerra se reduz a um componente desse espetáculo em que a verdade, “a velha, a jornalística, precisa morrer para que a guerra aconteça. [...] A guerra é uma necessidade do espetáculo” (BUCCI, 2004: 242-243).

Mas não se podem ignorar os efeitos políticos e, sobretudo, psicológicos, que uma guerra transmitida “ao vivo” traz aos espectadores para sua contemplação. Ela não deixa de ser um belo espetáculo, confirma Jean Galard em *A Guerra ao Vivo* (2005: 199), já que é possível estabelecer até mesmo uma relação etimológica entre a palavra *guerra*, em latim, “*bellum*”, e *belo*, “*bellus*”.

Um traço central de nossa sociedade midiática é a constante exposição de reportagens sobre todos os aspectos da violência. Como já explicado, essa vertente sensacionalista “amplifica a violência no imaginário cultural” (CONTRERA, 2003: 126), mas justifica-se, pois gera nos espectadores enorme prazer, um fenômeno conhecido por “paixão pelo grotesco”, termo sinalizado por Raquel Paiva e Muniz Sodré em *O Império do Grotesco*. O entretenimento engoliu a notícia.

Elas ganham ainda mais impacto quando são transmitidas “ao vivo”, ou praticamente em tempo real. Uma das grandes mudanças trazidas pela tecnologia é a mudança de nossos referenciais de espaço geográfico. O presente, que levava um tempo para se consumir, cada vez mais se torna instantâneo e é ampliado, com a ideia de gerúndio: “está acontecendo”. O “aqui” está em todo o espaço, está presente, posto pela instância da notícia “ao vivo”. Por um lado, enquanto o espetáculo pode alienar o espectador, por outro, o conceito de “ao vivo” o aproxima novamente, e o atrai para a contemplação do impactante, do “momento dramático” e da “agonia do close” (GALARD, 2005: 205).

Paul Virilio, em *O Espaço Crítico*, apresenta o conceito como acronia e atopia, ao mencionar a desaparecimento das unidades de tempo e espaço, que leva em conta a revolução midiática e cria um “não-lugar” e um “não-corpo”.

O mundo televisivo é um plano espacial sem território: o “ciberespaço”. O tempo encurtado entre o fato e sua transmissão, essa imediatez temporal, aumenta a

realidade e a autenticidade. Além disso, também há no espectador a sensação de se sentir afetado, atemorizado pelo transmitido, como se ele fosse parte da barbárie, como se ele participasse do perigo involuntariamente (conforme trecho citado na p.39).

A guerra do Golfo Pérsico (1991), a primeira a ser televisionada ao vivo, foi encarada como se fizesse parte do programa convencional de entretenimento. Cada televisão introduziu um título, como “América em Guerra”, “Crise no Golfo”, criou um logotipo e até mesmo uma trilha sonora para a transmissão. Os repórteres, que atuavam *in loco*, viraram estrelas. Perceberam que guerra não era só inferno, era entretenimento. A TV passou a ser um transmissor não só do real, mas também de um negócio para acabar com o tédio, um “show business”, da mesma forma que um atrativo de um parque de diversões.

Susan Sontag havia atentado para o fato de que os conflitos bélicos não seriam os mesmos depois do advento da televisão: “A compreensão da guerra entre pessoas que não vivenciaram uma guerra é, agora, sobretudo, um produto do impacto das imagens” (SONTAG, 2003:22). Complementando esse pensamento, Sérgio Mattos (1991:40) atribuiu à TV mais uma função: permitir e fomentar a videoguerra, isto é, um conflito monitorado por câmeras, transmitido pelas televisões, transformado em imagem.

Nessa primeira transmissão, as imagens não apresentavam um aspecto cruel. A guerra foi considerada “limpa”, os corpos não eram mostrados. Tanto os alvos como a população eram *flashes* de luz. Era um cenário escuro, com pontilhado de mísseis disparados aparentemente sem rumo. Nos jornais, o padrão era semelhante, com imagens de um cenário praticamente indistinguível, em preto e branco.

A CNN estampava as imagens, de satélite, em tom esverdeado, que mais pareciam telas de jogos de videogame de uma guerra virtual.

A situação atual mostra-se totalmente diferente, a transmissão da guerra ganhou recursos tecnológicos, irrompe na casa dos telespectadores, que podem se surpreender, no meio de um almoço ou jantar com a TV ligada, com vísceras saltando de soldados atingidos, sangue espirrando com requintes de tortura, mães segurando corpos destroçados de seus filhos. Não é mais um local distante, no meio do Oriente Médio, da Ásia ou da África. A mídia é o local da guerra. Tudo acontece diante de nossos olhos, de nossa TV.

Poucas pessoas testemunham de fato atentados terroristas e todas as informações são obtidas já em segunda mão, de forma filtrada pela mídia. Além disso, a repercussão e a projeção também só ocorrem graças ao espaço midiático. As imagens terríveis podem ser editadas, mas denotam que o horror já se consumou. Nada resta aos espectadores senão contemplar passivamente, sem poder intervir. A humanidade apossa-se do televisionado e entrega-se ao espetáculo.

Um dos comentários feitos pela personagem Boaz, que alude também ao título da obra, *Partes Humanas*, mostra como os noticiários estão presentes no cotidiano da população israelense. Ao ver na televisão famílias chorando, saindo do Instituto Médico Legal, depois do atentado, Boaz diz:

- *Coitados [...] têm de fazer o reconhecimento de pedaços de seus parentes. Dentes, mãos, sapatos, anéis. De ataques assim não se sai inteiro. Uma pessoa explode em mil pedaços* (p.101).

Naquele momento, enquanto a tela registrava a imagem das vítimas em sequência, mais uma vez ele comenta sobre como a população enfrenta a realidade quase desumana em um país alvo de atentados constantes:

Às vezes não resta nada para ser enterrado, então eles colocam pedras, ou pedaços de madeira, e assim as famílias pensam que estão enterrando alguma coisa. Vejam as mães chorando, que cruel! (p.102)

O corpo é transformado em imagem e, como descreve Contrera, “quanto mais performático for esse corpo, melhores as imagens por ele geradas” (CONTRERA, 2003: 124). Assim, o que é mostrado pelos meios de comunicação é hegemônico, torna qualquer um testemunha e vítima do acontecimento.

O espetáculo ultrapassa os fatos e as imagens. Trata-se da dor alheia, do sofrimento que contamina quem o vê/lê/ouve. Susan Sontag explica que há uma satisfação de olhar e “experimental” (sentir) a dor do outro, sem se ferir.

“O relato das crueldades de guerra é construído como um ataque à sensibilização do espectador” (SONTAG, 2003:41). No começo, pode haver estranhamento e dificuldade de encarar as imagens, algo que se atenua facilmente, como explica Ana Paula da Rosa, na dissertação *Guerra de Imagens: agendamento e sincronização do olhar pela mídia*.

Expor a dor do outro é propiciar uma espécie de experimentação daquela dor e, mesmo que seja possível trocar de canal, virar a página, acessar outro site, ainda assim prevalece o valor da agressão, quase tangível, feita por meio da imagem. Têm-se o hábito de afirmar que as imagens, de tão banalizadas que estão, perderam a capacidade de tocar, de chocar. No entanto não é que as imagens tornem os seres insensíveis, mas a exploração demasiada de certas imagens leva a seu esvaziamento (DA ROSA, 2007: 74).

Ela quer dizer que a mesma cena repetida tantas vezes, como um corpo dilacerado, deixa de significar algo, tamanho o seu esvaziamento. A repugnância que a imagem desperta pode estar relacionada com o sentimento de impotência proporcionado pela frustração de não poder agir para modificar a situação. Quem está fora do campo de batalha não consegue ter nem uma ínfima sensação do que é viver permeado pela guerra “[...] As imagens dão a chance de tentar senti-lo, mas nunca de, verdadeiramente, vivenciá-lo” (DA ROSA, 2007: 74).

As imagens, os sons etc., teriam como estratégia servir de pseudoaproximação, para sanar a lacuna causada pela ausência, pelo vazio. A exaustão da estereotipia causa esse esvaziamento das imagens.

Somado a isso, o efeito de uma imagem transmitida ao vivo é mais do que dar precisão cronológica a determinado acontecimento. As imagens são armas, fazem parte do evento, relembra Jean Galard, ao citar a emblemática filmagem do atentado às Torres Gêmeas: “De maneira geral, a imagem ao vivo é o instrumento de uma guerra em curso” (2005: 215).

Eugênio Bucci também explica esse fenômeno a partir do ocorrido em 11 de setembro de 2001. Em *O Olhar Mutilado*, capítulo presente em *Civilização e Barbárie*, organizado por Adauto Novaes, Bucci afirma que quem assistiu à cena converteu-se em “mutilado de guerra”, “mutilado pelo olhar”.

O ato terrorista interferiu na instância do olhar, que conecta a sociedade consigo mesma, e, assim, conseguiu o inacreditável: feriu o corpo de cada um, tanto daqueles a quem pôde matar sob os escombros, como daqueles a quem, na forma de um show, alcançou a imagem (BUCCI, 2004: 228).

Dessa forma, Bucci atenta para o terror instaurado diante de nossos olhos, que é o vazio, a ausência de sentido que não oferece suporte para enxergar o incrível como crível. Nessa sociedade regida pelas imagens, destruí-las significa irromper o vazio, enfatizar uma falta profunda e insuportável, mas, sobretudo, também intervir na verdade. “A única verdade é o tecido do (e pelo) olhar” (BUCCI, 2004: 229).

É preciso doutrinar os olhos, fazê-los crer não em seu julgamento, mas o que parece irreal e revelador da barbárie.

A exemplo do mutilado de guerra, que tenta mover um músculo que já não possui, o mutilado do olhar tenta acionar um ícone, carregado de sentido imaginário, e se dá conta de que esse ícone não existe - e seu sentido imaginário virou poeira negra, fumaça, carnificina (BUCCI, 2004: 230).

Nesse sentido, as personagens do romance também são “mutiladas pelo olhar”. A guerra entre israelenses e palestinos é acompanhada não por seu olhar à janela, mas à TV. A arte do espetáculo e a vida demonstram solidez. É, como define Bucci, uma “incisão nas córneas de cada testemunha para arrancar-lhe (amputar-lhe) o sentido que ordenava e codificava o que podia ser olhado” (BUCCI, 2005: 227). A grande diferença é que a proximidade das imagens comove, “mas o sangue que se derrama não chega a sujar nossas mãos” (CONTRERA, 2003: 124).

Esse novo capítulo instaurado pela guerra televisionada é envolvente, hipnótico, possui uma carga de dramaticidade tamanha que parece uma novela da vida real. As emissoras, atentas aos olhos ávidos dos espectadores zapeando a infinidade de canais da

TV, exploram ao máximo a dor alheia para seduzir, prender a atenção e aumentar os índices de audiência.

Todas as noites, a nação aguardava seu pronunciamento [do jornalista mais querido e popular] [...] Ele foi mortalmente ferido em um ataque terrorista, quando estava a caminho do Ikea, onde fora comprar a mobília nova de sua casa. Seu funeral foi mostrado nos dois maiores canais nacionais de televisão (p.12-13).

Bucci explica que a civilização da imagem, presidida pela ordem do desejo inconsciente, é inclinada a observar atos de barbárie como fator de gozo (2004: 231). A morte é entretenimento e espetáculo. Curiosamente, a palavra *espetáculo* está relacionada ao campo da visão desde sua etimologia, porque advém dos verbos latinos *specio* e *specto*. *Specio*: ver, observar, olhar, perceber. *Specto*: ver com reflexão, examinar, acautelar, provar.

O entretenimento nada exige de seu público, não há esforço intelectual. Segundo Neal Gabler, o entretenimento trabalha “apenas a serviço dos sentidos e das emoções; era a reação passiva recompensada pela diversão” (GABLER, 1999: 23). Dessa forma, ele acredita que, ao operar sobre as emoções e sobre as vísceras, sobre os centros da irracionalidade e irresponsabilidade, “o entretenimento estava fora do alcance do intelecto” (GABLER, 1999: 24).

Essa caminhada rumo ao antirraciocínio teve seu ápice com a televisão, o veículo que é o maior gerador e divulgador de imagens. Foi preciso converter tudo o que aparecia na tela em entretenimento, que era a sua forma natural de discurso, para manter o público estimulado e convencido a não mudar de canal ou desligar o aparelho. Esse é o grande papel da televisão:

Transformada no meio primordial mediante o qual as pessoas se apropriavam do mundo, a televisão disseminou uma epistemologia na qual toda e qualquer informação, não obstante a fonte, era forçada a se transformar em entretenimento; a era da tipografia cedendo lugar à era da televisão e mudando nossa forma de pensar (GABLER, 1999: 58).

“Entretenimento” ligava-se ao termo “sensacional”, que originalmente não era sinônimo de algo incrível, pelo contrário. De início, era um dos mais pejorativos da língua inglesa, significava algo que provocava reação de excitação do sistema nervoso, como o prazer proporcionado pelas drogas. O entretenimento era um “ópio do povo”, não somente a religião, como afirmou Karl Marx.

É como se os indivíduos da nova era preferissem contemplar passivamente o que é veiculado a viver a “vida real”. A imagem é contemplada sob e para olhos entediados. Esse fenômeno foi nomeado por Serge Daney de “Ditadura do Visual”.

Em frente à televisão, a população se vê “anestesiada”, como aponta Malena Contrera:

Esse estado de prostração e sedação predispõe a todo o tipo de violência, porque a violência principal já foi perpetrada, aquela contra o próprio corpo, contra a materialidade do mundo, contra as sensibilidades e os envolvimento. [...] O corpo da terra não tem importância, como também não o tem o corpo de ninguém. O corpo foi transformado em imagem, para aparecer na foto, no vídeo, na TV. E quanto mais performático for esse corpo, melhor as

imagens por ele geradas (CONTRERA, 2004: 124).

Essa situação provoca a anulação do corpo. É o que Jean Baudrillard considera como troca do real por um hiper-real, caracterizando o desencontro entre o corpo e a alma.

José Arbex Jr., em seu artigo “O jornalismo e o espetáculo da mídia”, publicado no portal *Observatório do Direito à Comunicação*, comenta acerca do gozo diante da observação da dor, que acontece porque os telespectadores projetam no outro seus medos e anseios. “A tela serve de palco ao teatro mais íntimo de cada um”. Distantes do acontecimento, quem assiste ao espetáculo “pode vivenciar, por meio do outro, as suas angústias e prazeres sem realmente se expor aos perigos que a vida oferece”.

“Os câmeras davam closes na casa quebrada, enquanto Kati relatava a tragédia familiar. Os entrevistadores queriam mais detalhes, mais cores. Diretores e produtores sussurravam orientações por intermédio dos âncoras, e eles faziam as perguntas apropriadas” (p.19).

Ciro Marcondes Filho confirma essa ideia de que a representação da violência e da dor, por mais que se articule de forma envolvente e dramática, apaga a experiência vivida, porque ocupa um espaço inatingível ao espectador. “Esse talvez seja o limite da violência midiática” (MARCONDES FILHO, 2002: 206).

Por isso, embora pareça paradoxal, a violência das imagens que aparecem diariamente nos telejornais suscitam ao mesmo tempo mal-estar e gozo. Ao retratar a percepção da sociedade frente a dor, Susan Sontag, em *Diante da Dor dos Outros*, afirma que “a fome de imagens que mostram corpos em sofrimento é quase tão sôfrega quanto o desejo de imagens que mostram corpos nus” (2003: 38). Ela comenta que

existe um prazer com a dúvida de ser ou não capaz de olhar para uma imagem sem titubear:

[...] Além de choque, sentimos vergonha ao olhar uma foto em close de um horror real. Talvez as únicas pessoas com direito a olhar imagens de sofrimento dessa ordem extrema sejam aquelas que poderiam ter feito algo para minorá-lo – digamos, os médicos [...] Os restantes de nós somos *voyeurs*, qualquer que seja o nosso intuito. Em cada exemplo, o horripilante nos convida a ser ou espectadores ou covardes, incapazes de olhar (SONTAG, 2003: 38-39).

Somos todos, com exceção dos médicos, *voyeurs* diante da dor. Os homens não se tornaram passivos ou insensíveis diante da barbárie retratada pela mídia. Pelo contrário, diz-se que essa geração pós-moderna tem como traço principal a paixão pelo grotesco.

Há implicações da visão à distancia sobre o que acontece “ao vivo”, porque a imagem é capaz de “tornar presente aquilo que não está presente” (WOLFF, 2005: 23). Ao contrário da alienação, as imagens saem da tela e trazem o mundo externo para dentro da tela. Na entrevista realizada com a Castel-Bloom (vide apêndice), que ocorreu durante o conflito entre Israel e Gaza (janeiro, 2009), a escritora disse que se refugia da realidade quando desliga a TV.

Talvez você pense onde está o terror, onde está o medo, onde estão as bombas? Porque eles não estão em todo lugar. Veja, estamos sentadas tranquilamente em um café de Tel Aviv e não há o menor sinal de violência nos rodeando. Então, quando estou em processo de negação da realidade, eu não assisto à televisão. Eu apenas ouço

rádio que não transmite o noticiário ‘Kol Israel’⁵, porque eu não aguento mais sentir medo de que a qualquer hora algo vai explodir diante de meus olhos.

Isso não acontece só no livro de ficção. Em momentos críticos dos conflitos, altera-se toda a programação. A guerra passa a ser o único assunto.

Num país marcado por sucessivas guerras, as imagens reais deixam pouco a dever aos filmes hollywoodianos. O que acontece na obra é extensão do real: estampam-se na mídia *takes* cinematográficos com as mais várias formas de exposição da dor e do sofrimento. De certa maneira, é a ratificação explícita de que é a partir da televisão que ocorre a vivência e a projeção do mundo.

O acesso da mídia aos acontecimentos interfere na “verdade” a ser transmitida ao público. A (des)aliança entre guerra, mídia e informação impacta profundamente a sociedade contemporânea. Assim entendeu o estudioso do assunto, Friedrich Kittler (1999: 41), ao expressar o poder da “midiatização”: a mídia dominante de nosso tempo é também “controladora de toda compreensão”.

Pensando nessa força midiática, entendemos que vencer uma guerra vai além do poder bélico, político e econômico de cada uma das partes envolvidas. Está intrinsecamente ligada à detenção da informação, que pode interferir na liberdade de expressão e no acesso da população local e internacional às notícias.

A barbárie real pode até tornar-se parte do entretenimento. Em Israel, durante o período de maior intensidade de conflitos, intercaladas a debates com políticos,

⁵ “*Kol Israel*”, a “Voz de Israel” é uma operadora pública que possui oito estações de rádio, em dezessete idiomas, para atingir a todos os públicos. Entre eles, há um sistema de transmissão em ondas curtas, a fim de fornecer uma segura fonte de informações sobre Israel e o Oriente Médio. Desde a Guerra do Golfo, em 1990, o segundo canal da estação, o “*Kol Israel Reshet Bet*”, tornou-se o local de transmissão de “todas as notícias” e a principal fonte de informação para assuntos de caráter imediato e emergencial dos israelenses. Os boletins de hora em hora (que duram aproximadamente cinco minutos) são transmitidos em cadeia, por AM e FM, por quase todas as rádios. Além disso, as atualizações na “*Reshet Bet*” ocorrem a cada meia hora e, nesses intervalos, a rede coloca as revistas de atualidades, esportes, programas sociais, econômicos e de entretenimento. A redação principal é em Jerusalém, apoiada por filiais em Tel-Aviv, Haifa e estúdios de Beersheba. Ouvir as transmissões da “*Kol Israel*” já faz parte da cultura israelense. É costume perto da hora em ponto que até os motoristas do ônibus, taxistas, bares e restaurantes aumentem o volume para que mais pessoas possam escutar. Com os avanços da Internet, as transmissões foram disponibilizadas online e é possível ouvi-las de qualquer lugar do mundo.

especialistas ou qualquer um disposto a discutir o assunto, há imagens da guerra, de pessoas matando e morrendo em frente às câmeras e, nesses períodos, podem ser suspensas as novelas locais e os programas de esporte.

Esse limite da representação ultrapassando o real é o que Francis Wolff definiu como o mais poderoso poder da imagem: “fazer crer que ela não é uma imagem, fazer-se esquecer como imagem” (WOLFF, 2005: 43).

A representação é uma realidade fabricada: tem direito à escolha do enquadramento, das cores, do que é mostrado e o que é omitido. A câmera “ao vivo” pretende mostrar o real, mas jamais poderá ser a realidade. Dessa maneira, diante dos olhos de seus telespectadores, a barbárie garantiria um espetáculo da vida real pela produção de simulacros.

III. A MÍDIA PERCORRE O ROMANCE

A impressão que se tem, quando se lê 'Partes Humanas', é de estar zapeando os canais da tevê num domingo à tarde: show de horrores, reportagem fajuta, a incrível história da menina pobre que quer ser alguma-coisa-ilustre (pode-se usar o título: Cinderela da Favela), novelão mexicano, a exploração da violência como culpa de algum governante etc. (LUCHESI, 2005).

Com “metáforas grotescas” (AMÂNCIO, 2009:151), em *Partes Humanas*, Orly Castel-Bloom coloca em cena elementos que reúnem um misto de cinismo, desgosto e pessimismo frente aos desafios de Israel pós-sionista – à beira de um colapso – ela “não poupou nada nem ninguém neste livro” (ROZENCHAN, 2008:157). A autora tenta apresentar o que considera uma imagem fidedigna de Israel contemporâneo: o retrato da desesperança em um cenário apocalíptico.

Em *Partes Humanas*, pela primeira vez em uma obra de Orly Castel-Bloom, há uma mudança no eixo temático. A autora deixará de lado uma escrita totalmente voltada à literatura fantástica e apresentará, pela primeira vez, um cenário com elementos realistas, no caso, relacionados à Segunda Intifada. Essa alteração no fazer narrativo demonstra as intencionalidades da autora.

Todd Hasak-Lowy observa que a estratégia adotada por ela no romance lhe permitiu descrever a experiência coletiva de sofrimento de forma muito pessoal. Ela abordou com “profunda sensibilidade a representação e a mediação da realidade, porque os meios de comunicação desempenham um papel central no Israel retratado em seu romance” (HASAK-LOWY, 2008:97).

Hasak-Lowy observa que o leitor encontra um padrão na maneira como a televisão e o rádio permeiam os episódios que constituem os relatos das personagens do romance (2008:97). Na narrativa, assim como ocorre fora do mundo ficcional, boa parte dos habitantes só conhece e “experimenta” a Segunda Intifada através dos meios de comunicação.

Nesse Israel apresentado pela autora, a mídia e a realidade estão de tal forma entrelaçadas que já não é possível fazer uma significativa distinção entre os dois. Não há espaço para ceticismo: o narrador, que é onisciente e se apresenta na terceira pessoa, contribui para dar confiança ao leitor. Os fatos descritos têm um apelo muito mais real do que fantástico, ainda que muitas vezes pareçam totalmente insanos. É como se não fosse irreal aquele inverno ameaçando todos com uma brutalidade sem precedentes, ou o surgimento da gripe saudita, misteriosa e fatal. E, neste cenário caótico, há o israelense, no centro do romance, como vítima.

Uma das observações feitas por Hasak-Lowy sobre a vitimização do israelense é que ele considera “notável” a passividade das personagens. Em um contexto de guerra, ainda que de forma desequilibrada, sempre há ataques de ambos os lados do conflito. Mas não há citação da autora sobre retaliações a palestinos, “para não mencionar a expansão dos assentamentos, confisco de terras, demolições de casas, assassinatos de civis inocentes” (HASAK-LOWY, 2008:98). Israel é posto pela mídia como vítima brutal o tempo todo, seja das condições climáticas, seja da violência. Os governantes, numa situação conformista, de mãos atadas e apáticos, procuram os meios de comunicação para dirigir mensagens de esperança à população, mas nada tentam fazer para reagir e tentar aplacar esse terror⁶.

⁶ Historicamente houve retaliações de israelenses a palestinos durante esse período. A intenção da autora de omitir isso no romance e vitimar o israelense o tempo todo pode ter, entre outros motivos: culpar a mídia de omitir fatos e manipular a sua população, para que esta não se volte contra o modo local de governar. Um segundo intuito seria o de isentar a culpa da imprensa da situação e fazer a crítica então à sociedade israelense, por olhar só a si própria de forma egoísta e não se preocupar com o que ocorre do outro lado do conflito.

O ano em que se passa a história é impreciso. Fala-se no ano de “2.0...”, mas, dados os acontecimentos políticos citados, como o colapso na relação entre israelenses e palestinos, atentados com homens-bomba e explosões em locais de grande circulação de civis, sabe-se que a autora narra o período marcado pelo início da Segunda Intifada, de 2000 a 2002, ano da publicação do livro.

A autora só nos dá com precisão as datas entre as ações das personagens e eventos, que ajudariam a situar o leitor no espaço de tempo em que ocorre o romance: um período de dois meses, entre os dias 20 de *tevet*⁷ e 20 de *adar*⁸ do calendário hebraico. Apesar disso, para a maioria dos leitores, sobretudo os que não estão em Israel, e, portando, não têm o hábito de medir o tempo pelo calendário hebraico, não têm ideia precisa de quando é 12 de *shvat*⁹, por exemplo. De certa forma, continuamos perdidos na linha do tempo.

Até o final do primeiro capítulo, não é descrita uma personagem específica. Em vez disso, aborda-se, de forma ampla e geral, “a nação israelense”, “os habitantes de Israel”. A mídia também contribui para esse efeito ao se dirigir ao coletivo, como observou novamente Hasak-Lowy, ao falar da centralidade da mídia no romance:

Em *Partes Humanas*, a televisão e o rádio são personagens centrais, fazendo ligações vitais de conexão ao órgão nacional, mas eles nunca ameaçam a primazia da realidade externa, apenas se limitam a transmiti-la. Aqui e em outros lugares, o narrador onisciente, infelizmente, é totalmente confiável (HASAK-LOWY, 2008: 100).

⁷ Quarto mês do calendário civil judaico, que normalmente situa-se entre os meses dezembro e janeiro no calendário gregoriano.

⁸ Sexto mês do calendário civil judaico, que normalmente situa-se entre os meses março e abril no calendário gregoriano.

⁹ Quinto mês do calendário civil judaico, que normalmente situa-se entre os meses janeiro e fevereiro no calendário gregoriano.

É como se, para a autora, “Israel da Segunda Intifada fosse um mundo em que o tempo individual fosse prematuramente interrompido, com o corpo humano, na ocasião, em pedaços, isto é, fragmentado em partes humanas” (HASAK-LOWY, 2008: 100).

O professor Hasak-Lowy vê nisso a criação de um aspecto paradoxal: o acúmulo de vidas fragmentadas e corpos decepados criam um sentimento de unidade a Israel e ao romance.

A grande responsável por ampliar a sensação de pavor e caos nessa sociedade israelense acuada é a mídia. Detentora da informação, divulga notícias que nada tinham de positivas, sejam as políticas sejam as meteorológicas: mostrando o inverno atípico e extremo, *“aqueles que eram fiéis aos canais israelenses também recebiam em casa o espetáculo dos recifes de coral cobertos de gelo [...]”* (p. 28).

A mídia ainda era capaz de informar sobre os últimos fatos: *“Mostrava os mortos dos ataques do dia, os carros cheios de balas, e explicava onde os terroristas estavam de tocaia, de onde vieram, como escaparam [...]”* (p.93); de acalmar: *“Somente à noite, ela [Íris] conseguiu encontrar um pouco de paz e sossego na frente da televisão”* (p.135); de entreter: *“Ela [Tasaro] logo ficou “absorvida por seu programa de televisão favorito”* (p.155); e de fazer sensacionalismo com a vida alheia: *“As forças de segurança mataram-no depois de duzentos metros. Mostraram o corpo do terrorista”* (p.182); *“Algumas pessoas aqui querem ver aparecer no Gotcha! [...] Dar um flagrante, filmá-lo e gravá-lo e mostrá-lo roubando na televisão”* (p.177).

Além disso, a mídia permeia todas as histórias das personagens, causando-lhes alienação, evitando silêncios, como se lhes fizesse companhia: *“Íris sentou-se na frente da televisão e começou a fazer alguns cálculos. O noticiário era um ruído ao fundo [...]”* (p.93); principalmente, mexendo direta ou indiretamente com suas trajetórias:

“- Mas como aconteceu [a gravidez]? Não está tomando a pílula? – Esqueci umas duas vezes. Por causa do catálogo, da TV [...]” (p.199); e banalizando a morte, que aparece na tela, até durante o jantar: “Encontrou um pedaço de pão de dois dias, fatiou-o e colocou as fatias no forno durante alguns minutos. Seus olhos também foram atraídos pelas imagens da televisão. Um terrorista tinha atirado nas pessoas dentro de seus carros parados no sinal vermelho” (p.182); “Seu funeral foi mostrado nos dois maiores canais nacionais de televisão” (p.12).

Nesse cenário de espetáculos, um médico que ousou ser mais contundente em suas explicações sobre gangrena e comentou o quanto estava difícil à população escapar de ser vítima de algo (quando não era do frio era de homens-bomba), ganhou programa televisivo (conforme o segundo trecho citado na p.40). Os âncoras eram alto-falantes da sociedade, as “vozes do povo”: “uma âncora mais esperta que a maioria perguntou ao analista se disso deveríamos concluir que os pobres de Israel seriam atingidos não só pelo terrorismo, mas também pela dificuldade de sobreviver, e recebeu uma acusação de ser altamente cínica” (p.16). Tudo isso, sem contar o mundo de pseudocelebridades, como os meteorologistas, “profetas” convidados a participar de programas, estrelarem propagandas: “E o público não se cansava deles [...] começaram a aparecer em comerciais de guarda-chuva, aquecedores, capas impermeáveis [...] tomavam parte em jogos de perguntas. [...]” (p. 11).

3.1. As personagens movidas pelo espetáculo

Castel-Bloom descreve suas personagens “pela fina ironia, pelo cinismo escrachante, quase escabroso” (ROZENCHAN, 2008:157). Enquanto os meteorologistas tornam-se os novos “profetas” do país, os verdadeiros profetas só estão

presentes em nomes de rua, são praticamente desconhecidos e têm seu heroísmo bíblico “esvaziado”.

Nesse coletivo nacional, Orly Castel-Bloom consegue representar uma impressionante gama da sociedade israelense contemporânea. Há habitantes pobres e ricos, homens, mulheres, asquenazitas, sefaraditas, orientais etc. São personagens fragmentadas, com histórias parciais, de certa forma também fragmentadas, confusas como o mundo que ela procura descrever. As personagens são apresentadas ora pelo nome, ora pelo sobrenome, podendo confundir um leitor desatento, talvez com o objetivo de proporcionar afastamento e evitar um vínculo emocional com as personagens da obra, ou ainda ratificar sua insignificância na sociedade.

A autora apresenta a multiculturalidade do país em que vive, compondo um mosaico de origens, substratos econômicos e características com as personagens da obra.

Ao analisar algumas das personagens apresentadas, é possível perceber que as trajetórias e as mazelas individuais aparentemente não pertencem à história nacional, elas ficam restritas apenas a um âmbito pessoal e social. O professor de Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo, Luis Krausz, no artigo *Chaves do Despedaçamento*, também atentou para o fato de que o consumo – ou a impossibilidade do consumo – permeia muitos dos incidentes que constituem o romance (2011: 245). Assim, a autora provoca um mal-estar, um mergulho em uma realidade dizimadora. Soma-se a isso a melancolia e o desencantamento com o mundo.

A trituração da individualidade em meio ao movimento incessante das máquinas de todos os tipos é a realidade única no universo de infinita horizontalidade concebido por Castel-Bloom. [...] As

peessoas, assim como as coisas, rapidamente se transformam em dejetos, como é característico de uma sociedade centrada na produção e no consumo maciços, enquanto as ideias e os sentimentos são relegados a um plano distante, praticamente inacessível” (KRAUSZ, 2011: 245-246).

É possível notar que as personagens carregam dilemas existenciais e uma constante sensação de pânico e vazio. Na realidade israelense apresentada, a mídia, no livro, expõe um cenário de desemprego, pobreza e discriminação entre as origens de seus habitantes e suas condições sociais. Ela seduz a população pelo sensacionalismo. Não faltam exemplos, na obra, de como o noticiário interfere na vida das personagens.

Liat Dubnov representa a elite asquenazita¹⁰. É a única entre as mulheres do romance que é bem sucedida desde o princípio. Há uma referência explícita a respeito do estabelecimento eficaz desse grupo proveniente da Europa, sobretudo como fuga durante e após a Shoá (Holocausto).

Liat é a mais estudada entre todas as personagens e, logo no início do romance, é descrita como alguém que pertencia a uma classe social elevada e possuía rica formação cultural. A elite em todas as áreas da vida israelense, com exceção da política, é predominantemente asquenazita (SMOOHA, 2002: 193).

Em um trecho da narrativa, Liat é responsável por fazer uma crítica a essa sociedade sobrecarregada e a erosão na política do bem-estar social¹¹. Por conta disso,

¹⁰ Quando o Estado de Israel foi criado, esse segmento compreendia 85% da população da então Palestina. Essa demografia proeminente foi responsável por criar, segundo Oz Almog, “uma hegemonia com caráter de status étnico”. O sociólogo Sammy Smooha atenta para o fato de que, nos primórdios do Estado de Israel, os asquenazitas foram responsáveis por solidificar uma supremacia, com uma cultura dominante, e uma considerável diferença de caráter econômico e cultural.

¹¹ A política do bem estar social, Welfare State, é o termo genérico para designar o Estado assistencial que garante padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguro social a todos os cidadãos. Em Israel, foi implantada para dar suporte à sua população multicultural, formada em sua maioria por imigrantes. Garante-se, assim, a integridade nacional e a absorção de todos à sociedade. Desde 1980, essa política está em declínio, por problemas políticos, econômicos e demográficos. No entanto, sociólogos como Avraham Doron defendem que o

ela demorou para ir ao hospital ao sentir os primeiros sintomas da gripe saúdita, para não sobrecarregar o sistema: *“achou que poderia curar-se sozinha. E realmente tentou remédios convencionais e não-convencionais, mas nada ajudou. Ela ficava cada dia mais fraca, perdeu o apetite, teve febre alta, e no final acabou ligando para Adir, pedindo que lhe fizesse um favor: [...] levá-la para o hospital”* (p. 32). De seu leito, ficava aflita por não ter acesso aos noticiários: *“De acordo com o número de ambulâncias e o ritmo de sua chegada, Dubnov tentava adivinhar as dimensões do último ataque. Ela não tinha televisão, porque todos os aparelhos disponíveis no hospital já estavam alugados, e ela também não dispunha de um rádio”* (p. 31).

Na noite que antecedeu a morte de Liat pelas complicações da gripe, o irmão dela, Adir Bergson, antes de dormir, pensava no que ouvira de um locutor de rádio sobre a situação de Israel. Já é possível mensurar a interferência dos meios de comunicação na vida das personagens, sobretudo em tempos difíceis como aqueles, do país em conflito com seus vizinhos: *“Ele desligou o aparelho de 21 polegadas que eles tinham no quarto [...] se lembrou das interpretações místicas que ouvira no rádio naquele mesmo dia, a estação do Exército ou a Voz de Israel, que os muitos ataques terroristas e o inverno europeu previam a vinda do Messias [...]”* (p.40-41).

Ao voltar do hospital, quando foi receber os detalhes sobre a morte da irmã, entrou no carro e ligou o rádio. Mesmo com o pensamento em Liat, *“ouviu o relatório do repórter em um helicóptero sobre os engarrafamentos da manhã, e notícias breves sobre duas pessoas mortas em consequência de ferimentos no ataque do dia anterior.*

enfraquecimento progressivo do Welfare State se dá por conta da diversidade étnica, cultural e religiosa, que é “inimiga” da função integrativa dessa forma de governar. Doron explica que o multiculturalismo e o pluralismo são componentes significantes para esse enfraquecimento da sociedade que, por consequência, “atingem a população com um todo, criando um grande ‘buraco’.” (DORON, 2007: 93). Cada um dos diferentes estratos que compõe a multiculturalidade israelense briga para garantir o recebimento de maiores direitos do Estado. Os judeus ultraortodoxos, por exemplo, não trabalham e são financiados pelo governo em seus estudos religiosos. Isso significa que aproximadamente um a cada cinco homens israelenses entre 35 e 54 anos não trabalha e vive à custa do governo. Eles também têm liberação do exército, que é obrigatório aos demais. Outro exemplo são os novos imigrantes que, quando chegam a Israel, recebem apoio financeiro, gratuidade de moradia e estudo do hebraico por um ano, entre outros benefícios. Em reportagem publicada no *Los Angeles Times*, diz-se que a economia de Israel nesse ritmo só sobrevive por “milagre”: “A política do bem estar social pode levar Israel ao colapso” (SANDERS, 2010: 11).

Ele deixou escapar um suspiro amargo: sua Liat se fora e o mundo continuava. Pessoas nasciam e morriam [...]. É preciso continuar, disse a si mesmo” (p. 46-47).

Íris Ventura só soube da morte daquela que era sua amiga desde a infância porque alterou sua rotina, ao ouvir o noticiário no rádio. À noite, não foi à lavanderia, quando os filhos já estavam na cama, porque ouviu um anúncio de que “*uma tempestade violenta estava para chegar*” (p.56). Assim, levou as roupas para a lavanderia “Mundo Limpo”, durante a manhã, quando então deparou com o anúncio de morte, colocado na porta do estabelecimento.

Até mesmo durante o caminho para o enterro de Liat a obsessão de Íris Ventura por estar a par dos últimos acontecimentos fez com que o rádio de seu carro permanecesse ligado. Esse meio de comunicação parecia útil também para evitar a falta de assunto entre as personagens.

A rádio era a voz que predominava dentro do veículo do Dr. Danziger, dentista de Liat. Ele estava com Íris, que lhe solicitou carona. Ela se mexia inquieta no banco, incapaz de olhá-lo e dizer-lhe uma única palavra. “*O silêncio fazia bem aos dois. O rádio dominava completamente o interior do carro. Danziger escutava a estação das Forças Armadas a todo volume [...]. No rádio comentavam a respeito da atrocidade cometida contra o garoto Ziv Barami, cujo cortejo fúnebre avançava naquele momento [...]*” (p.75).

Em seguida, a rádio passou a entrevistar pessoas do outro lado do conflito. Danziger calou o repórter, explodindo de raiva. Assim, ajudou a dar um mote de conversa entre os dois: “*Não entendo a mídia israelense*” (p. 75).

No carro de Adir, Íris observou-o agitado e inquieto, gesticulando muito. Achou que ele falava ao celular, mas “*disse a si mesma que estava com ciúmes*” (p.87), quando percebeu que ele estava ao lado de sua namorada, Tasaro Tasama.

Tasaro era vítima de preconceito por causa de sua origem. Judia etíope¹², imigrou a Israel pela Operação Shlomo (maio de 1991, perto do final da guerra civil na Etiópia). Sofreu durante a árdua imigração e para vencer os desafios de estabelecer-se em sua nova pátria. Teve dificuldades, no início, mas, com o tempo, com o aprendizado do hebraico, conseguiu dominá-lo tão bem quanto o amárico assistindo à televisão. Conhecida por sua beleza¹³, Tasaro era modelo fotográfica, aparecia em comerciais e anúncios nos jornais e não escondia sua ambição de ficar famosa.

Quando Tasaro assistia ao apresentador Ricki Lake trazendo negros e brancos ao seu programa predileto de TV, emocionava-se, pois se sentia sempre vítima de uma sociedade que a olhava com desconfiança: *“Quando Tasaro via negros e brancos misturados assim, sentia uma grande esperança”* (p.157).

Notava com infelicidade que o preconceito a ela, estrangeira, era explícito. Como não possuía sotaque israelense, era dublada nos comerciais de que participava. Sentia-se profundamente insultada por isso.

Ela ficou ofendida, pois, embora ganhasse um bom dinheiro como modelo, sua intenção era ser uma atriz de verdade. [...] As pessoas diziam que ela não teria muitas chances. Não era uma questão de racismo, mas de fatos [...] (p.58).

Kimmerling descreve os etíopes como um grupo que quer muito se inserir na sociedade israelense homogênea. Entretanto, “eles são pressionados para as margens”

¹² Por mais de duas décadas, desde a imigração da Etiópia, os etíopes ainda “possuem o estigma de ‘estrangeiros’”, são considerados “outsiders” em Israel. Mesmo em uma sociedade basicamente constituída por imigrantes, há uma fronteira que Baruch Kimmerling aponta como “intransponível”: a fronteira da raça. “Os etíopes viram-se a si mesmos na posição mais baixa na hierarquia israelense das cores. [...] [O fato] os atingiu duramente, inclusive em sua autoestima”.

¹³ Em *Ethiopian Jewish Women*, Shalva Weil aponta o fato de as etíopes serem consideradas atraentes por outros israelenses: “As mulheres etíopes em geral são notadas por israelenses não-etíopes como duplamente sedutoras (sobretudo modelos, consideradas extremamente atraentes) e pobres, vivendo abaixo da linha da pobreza em um estado de sofrimento.” (WEIL: 2004, p.84) Por outro lado, mesmo como símbolo da força e feminilidade, afirma-se que muitas vezes sentem necessidade de proteção masculina para seguirem em seus projetos pessoais, ganharem dinheiro “e usam seu charme feminino com os homens com o objetivo de obterem sucesso”.

(2001: 46), em função de três fatores: a cor da pele, a “dúvida” em relação à sua origem judaica e o capital humano cultural empobrecido.

Os imigrantes etíopes correm o risco, portanto, de permanecer um grupo étnico-racial isolado, mesmo com a melhoria de seu *status* econômico e habilidades requeridas para superar a disparidade entre eles e os israelenses veteranos (KIMMERLING, 2001: 46).

A vida de modelo que Tasaro levava fez com que se diferenciasse social e culturalmente do resto de sua família. Sentia intenso sentimento de culpa por ter conseguido se enquadrar na sociedade israelense. Ela via que seus familiares não se esforçavam para tal e, portanto, eram um caso perdido. Para ajudá-los financeiramente, uma vez por mês Tasaro “*deixava a nova vida israelense e os visitava*” (p.159).

Era perceptível que não conseguia manter diálogo com os familiares, que não haviam aprendido bem o hebraico, moravam em um bairro periférico e não possuíam fonte de renda e dinheiro para comprar alimentos. Ao voltar para sua casa, Tasaro desligava-se do mundo que havia deixado para trás distraíndo-se com um *walkman*. “*Deixou o sentimento de inferioridade para trás. [...] Ela queria esquecer, por isso se perdia na música*” (p.162). A própria personagem não se sentia bem ao fazer essa visita no pobre bairro etíope, o que reforça o comentário de Kimmerling sobre o não pertencimento desse grupo à sociedade.

Na relação dela com o namorado, houve passagens marcantes da presença midiática. Em uma das vezes em que Adir chegou em casa, não a encontrou, ligou a TV, ouviu notícias sobre os últimos atentados. Isso foi o estopim para suscitar uma severa crise asmática:

Adir fazia seus planos [sobre Tasaro] ao mesmo tempo em que assistia um comentarista explicando as consequências da última escalada do terror. Seu comentário foi interrompido por uma notícia urgente: um apresentador noticiou um ataque terrorista no monte Hermon. [...] A tela mostrou imagens de corpos em roupas de esqui espalhados pela neve ensanguentada. Foi demais para Adir. Desligou a televisão, como se isto banisse o evento de sua casa, e levantou-se para preparar uma caneca de chocolate quente [...] tentou encher os pulmões de ar [...] caiu no chão, bateu a cabeça e desmaiou (p.196).

Enquanto isso, Tasaro, preocupada por ele não atender ao telefone, pegou um táxi. O motorista tentou puxar conversa, ela pouco respondeu. E, para driblar o silêncio, *“o motorista aumentou o volume do rádio e eles ouviram as notícias diretamente do norte” (p.197).*

A linda modelo etíope, que dominou o idioma hebraico graças à TV, e se esforçava para entender o que era dito em seu programa preferido, termina o livro com um novo emprego, lendo os números da loteria ao vivo, conquistando também seu espaço na mídia:

Boaz estava na frente da televisão, segurando o boleto da loteria, ouvindo os resultados, tenso. No início ele mostrou surpresa e murmurou ‘Quem é ela?’ ao ver a nova apresentadora, e em seguida ele chamou – ‘Olha, Kati, eles contrataram uma garota etíope. Legal. [...] A etíope, que tinha dentes muito brancos e olhos brilhantes, sorriu e disse: ‘Se você não ganhou dessa vez, talvez ganhe na próxima...’ (p.186).

Outra personagem que parece estar à margem na sociedade israelense é Íris Ventura, a sefaradita¹⁴. Ela se coloca como vítima de inúmeros males da vida pós-

¹⁴ Jeremy Allouche, em seu estudo *The Oriental Communities in Israel*, dissertou acerca do preconceito inicial, por vezes velado, entre asquenazitas e sefaraditas/orientais. O primeiro grupo julgava-se superior porque o país foi formado por um impulso ideológico eurocêntrico. Um exemplo dessa visão pré-estabelecida é o comentário de Ben Gurion: “Aqueles judeus não têm educação. Os costumes deles são os mesmos dos árabes. [...] eu não gostaria de ter

moderna: sozinha, sem dinheiro, sem o amor do ex-marido, sem o amor do ex-namorado, sem familiares, sem emprego fixo e com três filhos para criar: “*Íris Ventura era um fardo*”, comentou Liat, a amiga asquenazita, certa vez.

Por mais de dez anos Íris fora casada com Othiel Grossman. Depois de uma vida de conforto e felicidade ao lado dele, foi trocada por uma imigrante russa. Ficou muito tempo deprimida e, em seu desespero, apostou todas as fichas em Adir, com quem namorou e novamente foi trocada por uma imigrante, Tasaro, personagem citada anteriormente. Íris ardia de ciúmes de Tasaro e de sua beleza estonteante, porque se julgava superior¹⁵ àquela moça que imigrara da Etiópia¹⁶. Mas, no fundo, Íris, que era natural de Israel, sentia-se “*comum e sem graça e até mesmo compreendia Adir por tê-la trocado*” (p.52).

O sonho de consumo de Íris Ventura durante boa parte do romance era uma máquina de lavar nova, mas ela não possuía cheques, nem saldo bancário, pois havia falido. De acordo com um estudo da política cultural israelense, o maior desejo do sefaradita era elevar seu *status* socioeconômico individual e coletivo dentro da sociedade (ETZIONI-HALEVY, 1977: 39). Isso é mostrado também no romance: a vida para Íris não era fácil e até mesmo lhe parecia bastante insossa. Quando era tomada pelo desespero, pela falta de dinheiro e perspectivas, gostava de lembrar que possuía um segundo plano, uma alternativa, caso não houvesse de fato outra maneira de mudar de vida.

essa cultura aqui. E eu não vejo nenhuma contribuição que eles podem nos trazer. Não queremos israelenses se tornando árabes”. (GURION, Ben *apud* ALLOUCHE, 2003: 22). Havia um medo expresso de que a cultura dos judeus europeus fosse “contaminada” e diminuída no contato com os judeus sefaraditas/orientais, muitos com nível “primitivo”. Uma das consequências desse pensamento pode ainda ser percebida. Um estudo sobre a imagem dos judeus sefaraditas na literatura apontou como os mitos são até os dias de hoje utilizados na literatura. Nesse estudo afirma-se que inúmeras formas “foram utilizadas para ridicularizar ou destruir a imagem do judeu sefaradita e seu repertório cultural” (ALLOUCHE, 2003: 23).

¹⁵ Hakak afirma em seu estudo como é doloroso ver como os judeus sempre protestaram contra estereótipos e agem da mesma maneira ao olhar para as diferentes raízes étnicas de seus irmãos orientais.

¹⁶ A Operação Shlomo, em português, Salomão, refere-se à operação de guerra ocorrida no dia 23 de Maio de 1991, quando o exército israelense conseguiu retirar da Etiópia para levar a Israel mais de 14 mil judeus que viviam em constante perigo no país, por causa da guerra civil entre tribos etíopes e um governo tirano e ditatorial.

Como uma crítica implícita de Orly Castel-Bloom à política do bem-estar social israelense¹⁷, a personagem afirma que, mesmo sem convicção religiosa alguma, pensava na possibilidade de tornar-se ortodoxa, apenas porque isso faria com que fosse apoiada pelo governo, que lhe ajudaria a viver e educar seus filhos¹⁸.

Durante o enterro de Liat, sua amiga de infância, precisou afastar-se da cena do enterro, para procurar o celular na bolsa, que estava tocando na hora inoportuna. Um policial a viu afastada dos enterros que ocorriam simultaneamente, remexendo na bolsa, e aproximou-se de forma agressiva, pois a confundiu com uma terrorista. Apontou-lhe uma pistola e gritou “mãos para o alto”. *“Íris ficou estarrecida. Eram tempos difíceis, mas suspeitar dela?”* (p.83). O policial não quis sossegar. Pediu que ela rapidamente esvaziasse o conteúdo da bolsa e dos bolsos do casaco no chão, mostrasse a identidade.

Íris, pálida de susto e vergonha, notou as pessoas ao redor observando a cena, *“fascinadas com a situação”* (p.84), e havia até câmeras de televisão e microfones também (porque acompanhavam o presidente, que fazia elegia a um garoto). Ela explicou ao segurança o motivo de ter se afastado do enterro da amiga e ouviu: *“Da próxima vez não ande por aí com a mão enfiada na bolsa. Estamos em uma área de segurança”* (p. 84).

¹⁷ Avraham Doron em *Multiculturalism and the Erosion of Support for the Universalistic Welfare State: The Israeli Experience* (*Multiculturalismo e a Erosão do Apoio para o Estado do Bem-Estar Universalista: A Experiência em Israel*) aborda essa questão. O historiador Gershon Goremborg também descreve o impacto profundo que o número crescente da população ortodoxa em relação aos seculares possui na economia israelense, uma vez que essa é subsidiada pelo governo. Os números contam a história e descrevem a falência da política do Bem-Estar Social com o esgotamento dos recursos financeiros. Em 1979, 21% dos homens ultraortodoxos com idade entre 35 e 54 anos não estavam empregados. Isso era duas vezes a proporção entre os outros judeus. Em 2008, dois terços dos homens *haredi* na mesma faixa etária não estavam trabalhando para seu sustento.

¹⁸ A ultraortodoxia é uma ramificação do judaísmo cujos membros vivem segundo uma versão rigorosa da lei religiosa e buscam não se envolver com a sociedade ao redor. Eles se vestem de forma distinta, vivem em bairros autoss segregados e estudam em escolas separadas. O judeu ultraortodoxo, ou *haredi*, casa-se cedo e tem muitos filhos. Gershon Gorenberg, no artigo “Apesar de pobres, ultraortodoxos crescem em Israel e influenciam o governo”, mostra que ao passo que a população israelense como um todo se expande em 1,7% ao ano, a comunidade *haredi* cresce 7% anualmente. A mulher ultraortodoxa tem em média 6,7 filhos, o que representa três vezes mais do que outras mulheres judias israelenses. Entre outros benefícios, o *haredi* está isento do serviço militar, que é obrigatório a homens (por 3 anos) e a mulheres (2 anos). Esse segmento é também dependente do restante de Israel, pois a população masculina não está integrada ao mercado de trabalho. Por se dedicar plenamente aos estudos religiosos, a comunidade ultraortodoxa tem a vida subsidiada pelos fundos do Estado.

Desse excerto é possível inferir que Íris não somente possui sobrenome e origem sefardita, como de fato poderia herdar o biotipo predominante, a cor de pele em tom moreno, semelhante às características físicas do árabe¹⁹.

Até mesmo ela, que sofrera preconceito ao ser julgada erroneamente pelo policial, ao entrar em um ônibus, apontou uma pessoa e avisou ao motorista do veículo que estava desconfiada de que aquele homem podia ser um terrorista. O ônibus foi evacuado, mas o rapaz em questão também era inocente e judeu.

Pensar televisivamente foi o que fez Íris apontar o suspeito no ônibus, já se imaginando uma heroína do caso, dando depoimento na mídia: *“Afastou-se [...] afinal, não estaria no noticiário das cinco como testemunha, ou na cobertura imediata, ao vivo, que teria acontecido se o massacre tivesse sido muito ruim”* (p.117).

Ela não conseguiu aparecer na mídia, relatando os fatos. O seu fracasso, como se percebe, não se restringia ao âmbito pessoal e profissional, mas também à sua não aparição na televisão.

Em outra cena cômica, Íris cruzou com Kati na rua, e protagoniza mais uma cena em que se imagina dentro do espetáculo televisivo. Ao ser questionada por alguém familiar a respeito das ruas terem só os primeiros nomes dos homenageados, sem sobrenomes, *“no início, pensou que a mulher era maluca [...]. De repente, ocorreu-lhe que deveria estar sendo filmada para uma ‘pegadinha’ da televisão, e olhou em volta à procura de uma câmera escondida, mas ela estava escondida, claro”* (p. 147). E ainda irritou-se com Kati, que nada entendeu por que estava sendo replicada daquela maneira, simplesmente ao expor sua falta de conhecimento sobre os nomes dos profetas bíblicos.

¹⁹ Gustavo Chacra comenta em seu blog hospedado no Estadão que generalizar o biotipo do árabe, moreno, olhos amendoados etc., é um equívoco grave. Assim como achar que os árabes de todos os países são iguais: “Um marroquino de Fez é tão distante de um libanês – mesmo muçulmano – quanto um porteño é de um dominicano. Mesmo dentro dos países, há diferenças. Generalizar muçulmanos, árabes, judeus, israelenses, libaneses, egípcios, o que for é imbecilidade. [...] podem ser indonésios, americanos, franceses, libaneses, brasileiros e, juro, israelenses. Pode usar burka, pode usar biquíni. Pode ser da Al Qaeda, pode ser do Exército dos Estados Unidos. Árabes podem ser judeus, podem ser cristãos, podem ser muçulmanos. Podem comer quibe, podem comer hambúrguer, podem comer macarrão. Judeus podem ser brasileiros, podem ser egípcios, podem ser libaneses, podem ser americanos, podem ser israelenses” (CHACRA, 2010).

Íris reclamou: “*Vocês não têm mais o que fazer? Parar pessoas na rua para perguntas idiotas? Por que não fazer programas sobre coisas reais?*” (p. 147).

Íris, por vezes, tentava se ver como uma personagem televisiva. Enquanto fumava na varanda, em sua residência na rua dos Profetas, ela tentou se lembrar do nome dos doze profetas menores²⁰ “*e fingiu ter de responder à pergunta para ganhar meio milhão de shekels em um programa de televisão. Ela tentou espremer-los de sua memória, mas não conseguiu*” (p. 139).

De certa forma, quando ela fica triste por ser comum, não ter o que mostrar, não ter/ser uma “grande história” é também por uma influência midiática, pois só figura nas pautas o incomum, o diferente. E, em sua simplicidade, “*queria que as pessoas na cidade soubessem que ela tem uma vida de sucesso*” (p. 63).

A personagem se põe a pensar na frase final de um filme a que assistiu. “*Nada está perdido, mas tudo ficou no passado*” (p.134). A ênfase à frase não é à toa. É um comentário explícito no romance sobre o contexto israelense pós-sionista. O lar judaico, tão desejado pelos *chalutzim*, os pioneiros, estava lá, era real, mas não parecia nem de longe a Terra de Israel almejada pelos sionistas. Além disso, o país se encontrava em um momento de vazio ideológico, depois que foi estabelecido.

Sufocada com tudo o que havia sofrido ao longo da vida²¹, Íris seguiu seu destino, mas sem o mesmo ânimo, sem espaço na sociedade, sem marido, sem um emprego dos sonhos, enfim: insucesso na vida pessoal e no cenário midiático.

Outra personagem que merece destaque, não por sua origem, mas por seu cargo, é Reuven Tekoa. Ele só existe para a mídia, para ser uma imagem, para ser a representação do Estado “solidário”. É um homem que divide seu tempo ora dentro de

²⁰ Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

²¹ A respeito dessa sensação de ser “*outsider*”, Jeremy Allouche descreve um estudo étnico de 1981, realizado pelo sociólogo Schlomo Svirsky. Nesse trabalho, intitulado *Oriental and Ashkenazim in Israel*, ele afirma que as condições inegavelmente deploráveis que acometeram a comunidade “sefaradita” não são resultado de seu passado ou de seu fator educacional diferente do predominante. Para ele, decorrem da situação em que o sefaradita foi obrigado a enquadrar-se, ao imigrar a Israel, vivendo em meio à maioria asquenazita.

uma limusine escura blindada, ora percorrendo uma sequência interminável de enterros: essa é a imagem mostrada do presidente de Israel. Com a agenda lotada, Tekoa cumpria seu papel de autoridade fazendo visitas, de funeral em funeral. Assim, exercia um papel meramente figurativo na esfera política.

O presidente, cercado de mortes causadas por todos os tipos diferentes de tragédias que afetavam o israelense, mostrava-se próximo da população, mas, ao mesmo tempo não escondia estar de mãos atadas frente ao cenário apocalíptico no qual a vida estava banalizada. Essa realidade, como explicou Luis Krausz, “implica numa aceitação tácita da inevitabilidade desses atentados, que já se tornaram mais um aspecto ‘normal’ da existência” (KRAUSZ, 2011: 240).

A tragédia e a morte saem, portanto, de seus pedestais para serem trazidas para o universo comum, banalizado, algo com que todos as personagens do romance vivem e convivem. O presidente procurava a mídia para recomendar aos israelenses que se mantivessem próximos nesse período obscuro, confirmando o título do romance, em que eles apareciam apenas como *Partes Humanas*, dissociadas, vivendo cada um por si. Durante um pronunciamento oficial, Tekoa declarou: “*Somos apenas mortais, e portanto temos de nos ajustar àquilo que a natureza nos manda. Com relação à segurança, posso dizer que temos um exército forte, um bom governo, só devemos nos manter unidos*” (p. 93).

Os noticiários estão sempre à caça de furos de reportagem que gerem repercussão, retorno de audiência, além de leitores, ouvintes. E no meio do romance os jornais tiveram um grande assunto em mãos. O presidente do país sofreu um “piripaque”. Esse fato possibilitou à mídia a abordar o assunto com um quê de sensacionalismo e de exploração da desgraça alheia, sem apuração minuciosa dos fatos.

A figura do presidente desfalecido já figurava na mídia, com seus guarda-costas curvados sobre ele, e já se faziam ilações sobre o que teria acontecido, antes mesmo de saberem se ele fora atingido por uma bala, ou se fora em decorrência de alguma doença.

Nessa ocasião, enfatizou-se recorrentemente, nos meios de comunicação, quão estafante era a rotina do político que sofrera a crise de “exaustão”. A imagem do presidente estampou-se em todas as mídias de Israel que, apressadamente, produziram um perfil do político acreditando que a morte do presidente era iminente.

A imagem do presidente desmaiado na entrada do hospital estava na primeira página de todos os grandes jornais. [...] Nos jornais e nos noticiários de rádio e de televisão, perfis do presidente estavam sendo preparados às pressas, para o caso de ele vir a falecer. Mas Tekoa não morreu, e também não estava com a gripe saúdita, como foi divulgado pela televisão estatal. Ele estava sofrendo de exaustão, e assim sendo, os perfis foram impressos e divulgados, mas sem o final triste. (p.100)

E não bastasse a invasão de privacidade que o presidente já vinha sofrendo com sua imagem, “alguém” deixou escapar, ao canal de televisão a cabo do Norte e de Haifa, quanto ele tinha de hemoglobina, que estava precisando de suplementação de ferro. Outro repórter foi investigar a sua agenda, numa batalha midiática invasiva cujo único troféu era o mérito do furo de reportagem, mas que nada acrescentaria ao já apresentado diagnóstico.

Três dias depois, Tekoa deixou o hospital “*para liberar o leito*” (p.100). Os doentes e feridos eram tantos que os habitantes não poderiam nem ao menos dar-se ao “luxo” de permanecer no hospital se sofressem de males “menores”. Nos dias seguintes que se seguiram ao seu mal-estar, o presidente “*recobrou as forças e conseguiu retomar sua rotina sombria de enterros e velórios, de hospitais e visitas de condolência, uma jornada sem fim*” (p.101).

Ao contrário do idealismo que esperamos de uma autoridade política, Tekoa e seu motorista de limusine mostram sinais claros de que não acreditam mais na sociedade israelense, e o descrédito já se havia tornado intrínseco a eles. Tekoa era ornitólogo amador e se perguntava o que aconteceria às aves de cor cinza, depois do fracasso da colheita por causa do frio: *“Não há nada aqui nem para os pássaros – disse o motorista – Que ótimo. Então, quem há de encontrar alguma coisa aqui? (p.238).*

Nas páginas finais do livro, a filha do presidente aparece deslumbrada com a possibilidade de morar nos Estados Unidos. Ela optou pela vida longe do país e não via a hora de encontrar um apartamento para si fora de Israel.

O final do romance, então, mostra-se patético e sem esperanças de redenção, como se o período marcado pelo pós-sionismo não proporcionasse uma transformação positiva à sociedade; pelo contrário, levasse a uma nova condição de “encalhe no banco de areia do fatalismo trágico” (KRAUSZ, 2011: 250). Podemos inferir que o derrotismo e a falta de perspectivas já eram realmente parte da rotina dos israelenses, que não enxergavam possibilidade de melhora.

A filha do presidente convida o pai para conhecer um apartamento nos Estados Unidos, pensando até em comprá-lo. Esse fato reforça a ideia de uma moradia definitiva no país, ou, no mínimo, de longo prazo. A jovem quer que ele olhe a vista das janelas. O diálogo entre pai e filha, que ilustra o momento final do livro, é a metáfora da visão de um novo horizonte, bem melhor, longe de Israel e daquela realidade em que vivia o presidente²².

²² Deixar Israel é um conceito que vai de encontro às aspirações sionistas e isso é expresso até pela origem etimológica do verbete utilizado para isso. Em hebraico, enquanto o termo “Aliá” (ascensão ou elevação espiritual) designa a imigração judaica para Israel, o seu oposto, a emigração, é chamada “Yeridá” (em hebraico, descida espiritual).

3.1.2. Kati: a personagem performática apaixonada pelo espetáculo

O jornalismo é uma das maneiras de apresentar ao mundo as informações, sob o rótulo de “realidade”. Para ajudar a compor os fatos e legitimar o conteúdo do que se transmite, escolhem-se personagens como “protótipos ou representantes categoriais da comédia humana” (SILVA, 2006: 93).

Como acontece fora da ficção, a mídia “elege” celebridades para ilustrar os problemas da sociedade e se realimenta delas em um movimento cíclico e ininterrupto. Nancy Rozenchan vê nesse cenário o amplo aspecto dominante dos meios de comunicação, que se “imiscuem na vida das personagens até para ditar a medida da dor, do desespero e do luto” (ROZENCHAN, 2008: 157).

Pessoas que vivem na pobreza, que foram alvo da violência, que estiveram presentes em algum acidente são chamadas para dar depoimentos, sem poupar detalhes, aos espectadores. A partir dos fatos a serem noticiados, muitas vezes os jornalistas constroem personagens-símbolo, “aquelas que de fato representam o assunto” (MARCONDES FILHO, 2002: 109). Essas pessoas interessam por fazerem parte de um acontecimento excepcional ou único. É o exemplo, como já foi dito, de Kati Beit Halahmi, figura emblemática da pobreza e miséria da população israelense e da desesperada tentativa de fuga dessa situação.

Para Kati, com quatro filhos - dois pares de gêmeos e dois pares de gêmeas -, um marido sem emprego e deficiente físico, a casa caindo aos pedaços, sem janelas, sem iluminação, sem cobertores, sem proteção contra a neve e roupas adequadas para o frio, a única saída que enxergava era expor-se teatralmente na mídia para provocar a comoção dos telespectadores. A sua maior ambição, mais do que resolver sua condição miserável, era figurar no ambiente midiático.

Kati ficou muito excitada pela forma com que estava sendo filmada e entrevistada sobre as dificuldades da família, e às vezes ela chorava no ar, e mesmo que isto prejudicasse a maquiagem aplicada pelos profissionais antes da sua entrada no estúdio, não impedia que o câmara obtivesse closes de seu rosto (p.17-18).

Kati expunha sua pobreza de modo particularmente aguçador e performático aos repórteres - *“cenas que eram por ela interpretadas”* (p.18). A imprensa mostrava imagens muito deprimentes de sua residência. Todos queriam mais detalhes sensacionalistas de toda a sua trajetória e da maneira degradante como morava. Ela, naturalmente, não decepcionava. *“Não temos dinheiro para comprar outro vidro para a janela – disse ela, e foi recompensada com um close-up [...].”* (p.19)

Kati gostava de expor sua tragédia pessoal, pois estava certa de que somente assim salvaria a família da condição miserável em que vivia. A imprensa se alimentava dessa história e queria mais detalhes, mais cores. No início, receosa, não se abria tanto. Depois de algumas entrevistas, Kati discorria sobre seu infortúnio sem nada esconder.

A personagem adorava a exposição - *“estava convencida de que, ao descrever o que acontecia por trás da porta de sua casa, ela conseguiria salvar a vida da família da pobreza”* (p.19). E recitava seu infortúnio desde quando a família do marido havia expulsado o casal de suas dependências e os tirado do testamento por causa do preconceito por suas origens do Curdistão²³.

²³ A professora fundadora da Nova Associação de Artistas e Escritores Orientais, Ella Habib Shohat, comenta no artigo *Rupture and Return: A Mizrahi Perspective on The Zionist Discourse* (disponível em: <<http://web.mit.edu/cis/www/mitejmes/>>) que as condutas de visão eurocêntrica em Israel trouxeram diversas consequências para os judeus orientais e os sefaraditas, com distorções, sobretudo, na representação de sua história, cultura e identidade. O *mizrahi* (oriental) foi apontado em diversas vertentes antagônicas da hegemonia preponderante: civilização *versus* selvagens, modernidade *versus* tradição, ocidental *versus* oriental, judeu *versus* árabe.

Kati representa bem o estereótipo do *mizrahi*²⁴. Moradora da região de Lod, na favela de Ramle, região periférica entre Tel Aviv e Jerusalém, ela só conseguia manter-se com um subemprego, e vivia em péssimas condições de moradia²⁵.

O impulso de “fazer alguma coisa pela família”²⁶, relatado pela personagem, parece fazer todo sentido, levando-se em consideração o que acontece no país em que mora²⁷. Smoocha observa que os *mizrahim* acabam frequentemente na pobreza, à margem²⁸ da sociedade israelense, nos estudos, nos empregos (SMOOHA, 2002: 198).

Kati percebera, de modo empírico, que chorar frente às câmeras podia ser uma saída para conseguir melhorar sua condição de vida. Essa estratégia também se repete nos *reality shows*, como se a exposição da miséria fosse uma “gincana” (JANINE RIBEIRO, 2005: 87).

Renato Janine Ribeiro quer dizer que, no espetáculo televisivo, esse show de realidade nos mostra que fazer uma autoexposição dos dramas pessoais torna-se até mesmo uma estratégia de ascensão financeira e pessoal. O que se conquista ao dar visibilidade midiática à dor (fingida ou não, real ou não) é dinheiro e até, sendo a pessoa

²⁴ Lyn Julius relata, no artigo *The Forgotten Oriental Jews*, que milhões de *mizrahim* foram expulsos de seus países e se direcionaram a Israel, buscando sair de uma condição de marginalização e constante intimidação, mas permaneceram na condição de “esquecidos”, pelo governo israelense, ficando relegados a subempregos, a condições de moradia inferiores etc.

²⁵ O professor da Universidade de Haifa, Sammy Smoocha, investigou a questão dos judeus *mizrahim*, os problemas e os impedimentos para sua bem sucedida integração em Israel. Ele chegou à conclusão de que “a cultura israelense é hegemônica e institucionalizada” e isso traz consequências diretas aos judeus orientais (ou não-asquenazitas). Uma vez que estão alocados em residências na periferia, isso acarreta uma subdivisão e separação na área educacional, empregatícia e financeira. “Ineficiência na distribuição de recursos é o componente mais importante nas relações étnicas entre israelenses”. Essa situação também é constatada por Baruch Kimmerling, que destacou as condições de moradia do *mizrahi*. As casas foram implantadas em bairros periféricos, em tamanhos previamente estabelecidos, o que levou à formação dos chamados “bolsões de pobreza” (KIMMERLING, 2001: 34).

²⁶ “A imagem do judeu oriental tornou-se sinônimo de preguiça, retrocesso, repertório cultural e aspirações próximas às de pessoas iletradas” (HAKAK, 1991: 94).

²⁷ Smoocha descreve que, ao serem apontados pelo resto da sociedade como “menos inteligentes e mais primitivos e irracionais” (2002: 199), os *mizrahim* internalizam essa fala. Isso gera entre eles “um sentimento de incompetência e baixa autoestima”. Esse fato, o autor intitula de “estereótipo étnico”: “A imagem dos *mizrahim* não pode ser positiva, uma vez que eles predominam entre as classes trabalhadoras inferiores, são identificados como pobres, criminosos e são subrepresentados nas elites não-políticas.” (SMOOHA, 2002: 199)

²⁸ Smoocha descreve a estrutura de classes que forma a sociedade israelense como etnicamente distinta. Porém, nela, o estrato daqueles que vivem com os recursos do bem-estar social, como marginais, desempregados, criminosos, que não trabalham e não estudam, é formado em sua maior parte de *mizrahim*. Os serviços feitos por trabalhadores que ganham salários abaixo do mínimo são também predominantemente constituídos de mão de obra *mizrahi* (SMOOHA, 2002: 198).

exposta bonita, fotos na *Playboy*. Isso sem mencionar a elevação dos índices de audiência das emissoras com um falso assistencialismo.

O sensacionalismo mostra-se presente durante as entrevistas da família Beit-Halahmi, que procurava fornecer respostas que comovessem o público e atraíssem a audiência.

Os entrevistadores queriam mais detalhes, mais cores. Diretores e produtores sussurravam orientações por intermédio dos âncoras, e eles faziam as perguntas apropriadas [...]. Depois de duas ou três entrevistas [Kati] se abriu completamente [...] (p.19).

Kati conseguira, assim, ao mostrar o seu drama pessoal, o retorno do público. Nos dias seguintes, havia recebido uma resposta bastante positiva dos telespectadores. Esse pressuposto foi tratado no artigo *A Guerra ao Vivo*: “A imensidão da miséria terrestre não pode ser dada em espetáculo sem suscitar um imenso sentimento de impotência” (GALARD, 2005: 211). Depois da exposição pública, a família Beit-Halahmi recebeu grande ajuda comunitária, e o jornal estampou uma grande foto colorida de Kati e seus quatro filhos, o que, para ela, foi motivo de orgulho.

Kati esvaziou a carteira para comprar quatro exemplares do jornal [...]. Algum dia, pensou, ela ou as crianças, ou mesmo Boaz, iriam querer se lembrar dos poucos dias de fama que tiveram, e então tirariam as fotografias da gaveta e iriam se deliciar com elas (p.26).

Quando Kati não estava mais nos “furos de reportagem” dos noticiários dos mais variados veículos de comunicação, passou a frequentar *talk shows*, como o “Na Varanda de Effi”. “[...] Raramente havia um programa sobre atualidades na televisão

ou no rádio, em que os problemas de Kati Beit-Halahmi e sua família não fossem discutidos (p.17).

A personagem, que conquistou popularidade ao alimentar a mídia com a história de sua vida, mostrou-se abatida quando deixou de ser procurada para dar entrevistas. Estar no mundo é ser imagem aos olhos dos outros, e ela não queria ser esquecida. Quando a frequência dos ataques terroristas passou a ganhar mais espaço do que sua pobreza, ela não reagiu positivamente ao apagar dos holofotes. *“Kati, agora no passado da mídia, estava em pedaços”* (p.19), já que acreditava piamente que a garantia do futuro estava em manter sua imagem nos noticiários.

Kati pôde perceber que a vida midiática a transformara. Quando deixou de ser chamada para relatar a história das suas desgraças sob a luz dos refletores, percebeu que não podia mais perder aquela vida de celebridade. Ao não ser reconhecida pelos moradores e visitantes do prédio em que fazia faxina, *“a estrela temporária caiu em melancolia profunda, e o antigo e cansativo fardo familiar alojou-se novamente em sua alma”* (p.104).

Ela amava os dias de glória, pensava como era interessante a vida na televisão, como era agradável ser maquiada pelas profissionais que tornavam seu rosto teatral e percebeu como não podia viver distante do mundo midiático e do reconhecimento do público. *“Kati olhava para o balde cheio de água escura da limpeza e derramava suas lágrimas dentro dele”* (p.105).

Sem o aparecimento na imprensa, Kati achava que passaria o resto da vida fazendo bicos de limpeza nas escadarias do condomínio, vendo sujeira, água sanitária, trapos e detergente. Por isso, *“sentiu um enorme aperto no peito, assustada com o futuro, que sabia muito bem como seria”* (p.99).

Quando Marshall McLuhan afirmou que o meio é a mensagem, propunha também uma reflexão da mídia como prolongamentos do corpo humano. Notadamente, Kati odiava o trabalho de faxineira e não queria mais torcer panos imundos no chão, pois a vida midiática já estava intrínseca a ela: *“Não podia suportar mais o abismo entre a realidade e o que ela queria”* (p.125). O fato de ela alimentar o sonho de ser maquiadora tem, de modo coerente e óbvio, a ver com isso.

Boaz, o marido de Kati, considerado inválido pelo governo para exercer a profissão de taxista, após um acidente de carro, mesmo sem mobilizar-se para ajudar financeiramente nas despesas da casa, criticava a maneira de agir da mulher, com a excessiva exposição na mídia.

- *Qual é o seu problema? Que droga é essa? Eles tiraram fotos suas, mostraram seu rosto na televisão, falaram de você nos jornais, e como resultado você se esquece de onde veio? Se esqueceu, eu digo. Você veio das favelas de Ramle. [...]*

- *Eu não sou doida - disse Kati - Pelo menos tenho feito alguma coisa por essa família”* (p.103).

Os noticiários, para proporcionar mais proximidade e, por consequência, provocar mais comoção em seus telespectadores, tornam-se pautados pelo biográfico. Essa novela da vida real chega a competir com os filmes, novelas e programas de entretenimento. Dessa forma, os noticiários são verdadeiros espetáculos cinematográficos. A esse respeito, diz Debord, o espetáculo é a afirmação da aparência e, por extensão, de toda a vida humana (1997: 16).

Há no romance uma passagem em que Boaz, o marido de Kati, discute com ela o que deve ser mostrado aos filhos na TV. O noticiário trazia, durante o horário do jantar, a imagem de famílias chorando ao sair do Instituto Médico Legal. Essa passagem pode ser analisada como sendo a ideia literal do título da obra, *Partes Humanas*. Boaz explica

aos filhos, por causa dos atentados, às vezes uma pessoa “explode em mil pedaços” e cabia à família a tarefa de reconhecer as partes dos corpos de seus parentes (trecho citado na p.45). A esposa questiona por que ele estava contando “essas coisas” às crianças. “*E por que não?*”- ele retrucou: “*Elas têm de saber onde vivem. Que saibam!*” (p. 101).

Em todo o tempo, Kati se permite seduzir pela simulação da vida, vivenciando o seu cotidiano com elementos que foram apresentados a ela por meio do simulacro. O desejo de maquiar as pessoas, sobretudo aquelas que farão aparições na mídia, demonstra o intuito dessa personagem de mergulhar no mundo num espaço de eternos simulacros, de representações sobre representações.

Além de dominante, a mídia torna-se um simulacro da sociedade, mais atraente ao olhar. No romance, o televisionado, o simulacro da vida de Kati era mais interessante que a vida real.

Quando ela decidiu mudar de vida, ao procurar a maquiadora Angélica Gomeh, relatou sua história e o que de mais relevante lhe tinha acontecido, incluindo, logicamente, “*a semana de exposição maciça na mídia*” (p. 151).

Apaixonada por televisão, novelas e frases feitas, como a expressão “se e quando”, que achava bonita e queria utilizá-la em todas as ocasiões, Kati resolveu aplicá-la, para conseguir um bom dinheiro e sair da condição miserável. A cena tragicômica em que se envolveu, fingindo ter as características e a conduta da atriz da sua novela preferida, foi no banco em que também trabalhava como faxineira.

Podemos entender com essa passagem que os signos, descritos por Bakhtin, são o real e, ao tornarem-se suporte material da ideologia, produzem um novo significado, “o próprio simulacro se torna realidade” (WILTON DE SOUZA, 1995: 23). No romance, Kati fez uso desse conceito bakhtiniano trazendo de seu mundo fictício um

elemento para a sua realidade. Foi durante uma faxina no banco, seu segundo emprego. Naquele dia, ela recorrentemente lançava olhares furtivos a um funcionário que fazia cálculos em sua mesa.

“Ela estava muito nervosa, porque naquele momento decidira ativar o plano inspirado por Claudia Helena, a heroína em ‘Por causa de um beijo’. Chegava a hora do ‘se e quando’, disse para si mesma” (p.175).

Tomada por um acesso de raiva e profundamente ferida quando soube que não teria direito a receber um seguro do banco quando se demitisse, e não haveria quem testemunhasse por ela, percebeu que a oportunidade de mudança seria a de “encarnar” o papel da atriz predileta: *“Uma lágrima rolou por seu rosto. Ela sabia: se não se tornasse Claudia Helena por alguns minutos, não teria futuro”* (p.175). Assim, lembramos mais uma vez Guy Debord, ao pensar na necessidade de representar a própria vida como espetáculo, como válvula de escape da banalização.

A faxineira apropriou-se da personagem televisiva e a trouxe à sua realidade, ao abordar o homem do departamento de moedas estrangeiras, que parecia concentrado em seu serviço no banco, mesmo depois de já haver encerrado o horário do expediente. Kati lembrava-se muito bem da armação que Claudia Helena fizera para um vilão qualquer: *“e nesse momento de loucura e desespero, ela incorporou sua heroína e encaixou o inocente funcionário no papel de vilão”* (p.176).

A realidade da personagem do romance acaba invadida pela contemplação do show, porque o espetáculo se mostra presente em toda a parte. A representação do real assumida pela mídia leva à existência de “um comportamento hipnótico” (DEBORD, 1997: 18) do público, ao que Debord chama de “alienação do espectador”. Quanto mais ele contempla, menos vive a sua própria vida, apropriando-se do que a mídia lhe impõe.

Assim, tudo que era vivido antes de forma direta, Debord indica que se tornou representação.

Atuando como “Claudia Helena”, Kati passa a insinuar ao funcionário que sabia do seu segredo, conhecia o que ele escondia, já que ouvira “muita conversa”. Surpreendentemente, o homem não rebateu os dizeres, ou chamou-a de louca. “*Ido empalideceu, como o vilão da novela*” (p.177). Com uma expressão assustada no rosto, Kati sentiu pena dele, mas havia dado um tiro certo: abordara um funcionário corrupto em plena crise moral. Ao ameaçá-lo, sabendo do perigo do escândalo, ele implorou: “*Não deixem que me explorem na televisão, pelo amor de Deus! [...] Qualquer coisa, mas não às câmeras!*” (p.178). O funcionário sabia que uma vez que seu rosto figurasse na mídia, sua carreira estaria definitivamente arruinada.

Ainda levada pelo “impulso misterioso” de Claudia Helena, Kati escreveu um aviso para dizer que estava deixando o emprego, pediu a Ido que entregasse ao responsável na área de Recursos Humanos e estava certa de que então poderia iniciar sua nova trajetória. O narrador do romance nos conta que ela teve vontade de voltar ao funcionário, dizer-lhe que havia mentido, que ele não precisaria se preocupar. Mas “*sua pena não durou mais do que um ou dois segundos*” (p.179). Afirmou para si mesma que a vida também lhe tinha sido cruel e, apesar de tudo, “*uma oportunidade assim acontece uma vez a cada milhão de anos*” (p.179).

Com essa cena e os diálogos apresentados nela, podemos enxergar o romance como uma “paródia” da vida israelense descrita por Castel-Bloom, “sob a égide do realismo grotesco e do rebaixamento” (KRAUSZ, 2011: 242). Luis Krausz explica que esse caráter paródico apresentado no romance produz uma “comicidade absurda”, com a quebra de paradigmas e a abertura para o inesperado.

Nessa e em diversas outras passagens do romance, encontramos um vasto repertório tragicômico. Krausz descreve o riso como um elemento que perpassa todo o romance, sobretudo em momentos marcados por tragédias causadas por terroristas, fatores climáticos ou pela crise econômica. Para o professor, esse fato possui um caráter de transgressão e de subversão: “Ao forçar o leitor a rir daquilo que de outra forma seria trágico, a narrativa rompe com as estruturas” (KRAUSZ, 2011: 247).

O marido de Kati, que odiava a exposição da família no mundo midiático, não percebia como os meios de comunicação permeavam suas atividades. Por ironia, Boaz teve uma morte “midiática”. Os instantes que antecederam à sua morte mostraram essa personagem o tempo todo atenta à programação do rádio.

O noticiário o acompanha nos momentos finais de sua vida. Ao dirigir-se a Jerusalém, para a sua consulta com um místico, percebeu durante o caminho que estava com medo. Ouviu o rádio, variando as estações, notícias sobre trânsito, tempo, neve. As emissoras repetiam alertas vermelhos para alvos em Jerusalém. Estava certo de que queria esquecer o passado: *“Estava ansioso para saber como enterrar sua vida antiga bem fundo na terra, como se enterra lixo atômico, que vira uma reportagem sobre isso no canal Discovery”* (p.212).

Inquieto, alternava o som ambiente do carro entre o rádio e uma fita de músicas religiosas que ganhara de um passageiro em seu tempo de taxista. *“Ele conhecia aquelas músicas, quem não conhecia? Eram sucessos antigos, e por isso interrompeu a fita e voltou ao noticiário. O locutor insistia nos alertas para o Jihad islâmico [...]”* (p.213).

Boaz parecia incomodado com a situação. Depois, passou a ligar e a desligar o aparelho no carro, inquieto. *“[...] Ele se pôs a procurar pelas estações que normalmente ouvia, só que ele não sabia quais eram suas frequências em Jerusalém, e então o rádio*

começou a transmitir música árabe. Boaz desligou o aparelho. O silêncio que caiu sobre o carro deixou-o inseguro, e ele ligou novamente o rádio [...]. Ele ouviu no rádio o locutor explicando como o núcleo de um floco de neve cresce [...]” (p.215). Distraído, acabou entrando em uma rua de mão única e foi xingado por outro motorista. A primeira atitude imediatamente depois: *“Desligou o rádio”* (p.215).

E mal terminou a consulta, entrou no carro, ativou o limpador para retirar a neve acumulada; incomodou-se com a sensação de desamparo: ligou novamente o aparelho de rádio. Assim, soube que durante o tempo em que ficou no Instituto “Pura Luz” para a consulta com um vidente, tinha havido mais um atentado. No noticiário radiofônico o porta-voz do primeiro-ministro dizia, de maneira dúbia, que, daquele momento em diante, nada seria como antes. E Boaz partiu para Tel Aviv.

Foi no intervalo do noticiário que veio seu fim. A estação começou a transmitir uma música de David Bowie sobre um homem que se perdia no espaço, ouviu pedras de granizo batendo no para-brisa, tomou 40 tiros: *“No rádio, a música continuou até o fim”* (p.227).

Antes de o motorista do ônibus, no qual Kati estava voltando para casa, aumentar o volume do rádio para as últimas notícias, ironicamente Kati cantarolava *“Eu, você e Deus ao meu lado, um dia venceremos a luta...”* (p. 232). Mas a animação perderia a razão de ser. O noticiário, no rádio do ônibus, logo anunciava um ataque terrorista que deixara morto um cidadão israelense. Descobre, ao chegar em casa, sendo esperada por soldados israelenses, que a vítima era seu marido.

Nos dias seguintes ao atentado sofrido por Boaz, a mídia continuou a falar do fato, sendo sua morte noticiada por todo Israel, em boletins urgentes, pela TV e pelo rádio, que divulgava a recente emboscada: *“Houve um noticiário urgente. O motorista aumentou o volume [...]: ‘Em um atentado à bala na estrada 443, um cidadão*

israelense de cerca de quarenta anos, oriundo da região central do país, foi assassinado minutos atrás” (p. 232); *“No noticiário da meia-noite a TV mostrou uma foto de Boaz Beit-Halahmi”* (p.236). Disseram que a família já estava avisada, Kati chorou na frente da TV e adormeceu com ela ligada.

O conformismo de Kati é apresentado com uma frase irônica dita por ela, após saber que teve o marido assassinado em um atentado terrorista. A uma emissora de rádio, disse em entrevista que queria dar um recado à população israelense. Assim, Kati volta a ser personagem do cenário midiático. Sabemos disso quando o motorista do presidente liga o aparelho; ele e o presidente a ouvem sendo entrevistada antes do funeral, em um programa de atualidades, na estação “Voz de Israel”. Diferente das autoridades, ela mantém a esperança: *“desejo dizer uma coisa ao povo de Israel”*. Ao que foi prontamente encorajada pelo apresentador. *“É preciso aguentar firme e seguir em frente. Não temos outro país”²⁹*.

Nessa hora tão difícil de sua vida, recém-enlutada, e viúva, ainda encontrou forças para dar entrevista e mandar uma mensagem de esperança à sociedade israelense. *“Muito obrigado, Kati Beit-Halahmi – disse o apresentador, com entusiasmo. – Seja forte”* (p.239). A entrevista ainda teve sequência com um pedido dela de mandar uma mensagem ao primeiro-ministro de Israel.

Não sabemos o conteúdo desse pedido, porque a situação satura até o presidente, que cansara de ouvir sobre a morte banalizada todos os dias, as dores e os mesmos discursos: *“Mude a estação, já cansei dessa conversa”* (p.239). É como se ele reiterasse a constatação feita por Adir, ao se perguntar por que tão pouca gente aparecera no cemitério para as homenagens póstumas à sua irmã: *“As pessoas estão cansadas da morte”* (p.98). Para o presidente se refugiar desse mundo sombrio, somente desligando

²⁹ Frase clichê do Movimento Sionista usada comumente por poetas, músicos, jornalistas, líderes políticos etc nos momentos de crise, de guerra e conflito.

o rádio, ficando isolado de todos os meios de comunicação, dos noticiários, para encontrar finalmente a paz: “*Silêncio é o que desejo [...] Só o silêncio....*” (p.239).

Essa “imensa acumulação de espetáculos” reitera o pressuposto de Debord, de que as relações sociais passaram a ser mediadas por imagens. A obra de Castel-Bloom mostra essa tendência ao unir as fronteiras entre o que é interesse público e o que é sensacionalismo e a exploração das emoções pela mídia.

Um traço dominante dividido por todos os protagonistas é a tendência de ver a vida como um seriado televisivo de comédia. Essa observação, feita pela professora de literatura comparada da Universidade de Tel Aviv, Smadar Sheffi, pode ser comprovada não só se olharmos a passagem de como Kati obteve dinheiro para pagar o curso de maquiagem, imitando sua heroína das novelas, mas também observando Tasaro, que aprendeu hebraico pela televisão e era uma grande fã do programa de Ricki Lake; ou ainda Íris Ventura, que estava certa de que Adir não voltaria para ela porque Tasaro “*tinha uma história incrível, nacional, social e pessoal*”.

“Os pensamentos dos protagonistas são maravilhosamente orientados televisivamente” (SHEFFI, 2002). O efeito disso, a professora explica no jornal *Haaretz*³⁰, é que o livro inteiro parece ser uma imitação de uma transmissão televisiva que tem como objetivo imitar a realidade. O limite entre a vida e como ela é transmitida se torna incerto - a fronteira entre elas torna-se um borrão. “Por vezes, ela é apagada completamente” (SHEFFI, 2002).

A professora acredita que o romance dá uma sensação de proximidade aos leitores, não porque se assemelha à realidade da vida em si, mas porque se aproxima da representação dessa realidade.

³⁰ SHEFFI, Smadar. *Reel Time*. Haaretz, Israel, Culture - "Books", 26, abr, 2002. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/culture/books/reel-time-1.46787>> Acesso em: nov. 2011.

Castel-Bloom escreveu um romance que parece ser construído em parte pelos noticiários diários, mas também alude a uma comédia, com personagens cujo conhecimento de si próprios é superficial: a família de alto nível, a família pobre, a símbolo etíope adotada pela sociedade "esclarecida" de Tel Aviv. O que se percebe é que “todos os protagonistas poderiam facilmente estrelar uma novela”. Os componentes de TV serviriam para dar mais “vida” e aguçar a emoção dos espectadores frente ao realismo “monótono” e “repetitivo” dos acontecimentos de *Partes Humanas*.

IV. ORLY CASTEL-BLOOM

4.1. Biografia

Rejeitando os modos tradicionais de representação, Orly Castel-Bloom tem feito nada menos do que mudar a cara da ficção hebraica.
(SHAKED, 2000: 241)

Orly Castel-Bloom é um dos nomes proeminentes da literatura israelense contemporânea. Nascida em Tel Aviv, em 26 de novembro de 1960, foi criada numa família de judeus sefaraditas do Egito, que imigraram a Israel em 1949, inspirados pela ideologia sionista.

Até os três anos, aprendeu apenas o francês, idioma que era falado em sua casa. Após o serviço militar, foi para a Universidade de Tel Aviv estudar Cinema, mas saiu depois de um ano. Em seguida, passou um ano em Beit-Tsvi estudando Teatro. Em 1987 publicou seu primeiro livro, uma coleção de histórias *Lo Rahok Mimerkaz Hair* (*Não Muito Longe do Centro da Cidade*).

O sucesso veio à tona com seu quarto livro, *Dolly City* (1992). A partir dessa obra, Orly Castel-Bloom foi considerada uma das 50 mulheres mais influentes de Israel (1999), uma das mais originais escritoras da atual geração e uma das representantes da prosa pós-moderna em seu país.

O livro *Dolly City* também compôs a galeria das “obras literárias mais representativas”, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1997, e foi aclamado como um dos dez livros mais importantes já publicados desde a criação de Estado de Israel.

Nele a escritora traz à tona uma realidade fantástica, uma fábula de horror cômico da vida urbana moderna. O cenário é Dolly City, uma cidade sem base, sem passado, sem uma infraestrutura, “a cidade mais demente do mundo”. Nela vive a médica paranoica, Dolly, que encontra um bebê recém-nascido em um saco plástico preto e decide tornar-se mãe. O complexo de “iídiche mame” é levado ao extremo. Dominada por um exagerado impulso maternal, a médica utiliza seu “laboratório privado de descoberta de doenças raras” para abrir o filho todos os dias com um bisturi e ter certeza de que todos os órgãos da criança estão funcionando perfeitamente. Dolly quer tentar protegê-lo de doenças da vida moderna, ainda que ele seja deformado pelo corte e costura diário do corpo. A mãe percebe que, “sem querer”, nesse trabalho diário com o bisturi, esculpiu o mapa de Israel nas costas do filho, ampliando suas fronteiras, à medida que ele crescia. A autora apresenta quais são as implicações no trabalho de criação de uma nação, pois, nessa sátira grotesca, a maternidade, obsessiva e alienante, é comparada ao patriotismo. O filho superprotegido, defendido, costurado e deformado é a metáfora do Estado de Israel.

Castel-Bloom recebeu vários prêmios, entre eles o “Tel Aviv Foundation Award” (1990), o “Alterman Prize” (1993), por duas vezes o “Prime Minister’s Prize” (1994, 2001), o “Newman Prize” (2003), o “French WIZO Prize”, pela obra *Partes Humanas* (2005), o “Leah Goldberg Prize” (2007), entre outros. A autora teve sua produção literária traduzida para mais de dez idiomas.

Em novembro de 2011, Orly Castel-Bloom recebeu indicação ao Prêmio Sapir de Literatura e usufruiu do momento de exposição na mídia para manifestar publicamente um pedido para que o governo israelense ajudasse a ela e a outros

escritores financeiramente, pois em Israel “não é possível fazer a vida só com o que se recebe dos direitos autorais”³¹.

Para a escritora, Israel deveria deixar claro se quer em seu território escritores e artistas, pois caso a resposta seja negativa, ela saberia que deveria partir dali. Em caso positivo, o governo deveria apoiá-los com uma “mesada” fixa de incentivo à cultura.

Castel-Bloom alegou que não conseguia manter-se com o que recebia da venda de seus 14 livros publicados e com a gratificação financeira oferecida nas premiações literárias. Por causa disso, acumulou dívidas que somadas chegaram à quantia de um milhão de shekels (aproximadamente R\$ 500 mil) e se viu forçada a vender a casa onde morou por mais de 20 anos, em um bairro nobre de Tel Aviv, para viver em um apartamento alugado.

Sobre a relação com o Estado de Israel, Castel-Bloom afirmou que não ama mais o país e está com ele “em crise conjugal”. A solução seria “uma terapia de casais – porque precisamos de ajuda profissional para superar a crise de confiança. Nessa relação, só eu me doava e nada recebia em troca”.

Em suas entrevistas, é comum ela relatar a iminência de sua morte, pois acredita que a vida de um escritor ou poeta israelense deveria ter uma duração de 60 anos. Ela, que já passou dos 50 (nasceu em 1960), admitiu o desejo “perturbador” de comprar uma arma de segunda mão ou uma espingarda, para cometer suicídio, com a justificativa em tom dramático e exagerado: “É porque sou uma mendiga”.

³¹ GOLDEN, Shai. *Ithala. Emtza. VeSof*: Orly Castel-Bloom Merosheset (Início. Meio. E fim: Orly Castel-Bloom quebrou). Maariv, Israel, Tarbut, 25, nov, 2011. Disponível em: <<http://www.nrg.co.il/online/47/ART2/309/301.html>> Acesso: mar. 2012.

4.2. Características literárias da autora

Orly Castel-Bloom, uma das representantes da geração de autores que eclodiu entre as décadas de 1980 e 90, ao lado de outros nomes consagrados, como Etgar Keret, Gadi Taub, Uzi Weill e Gafi Amir, adotou características literárias marcantes do “novo estilo” da literatura hebraica contemporânea. Para o crítico literário Gershon Shaked, a autora tem mais afinidade com as histórias grotescas que as autoras das gerações anteriores: “As metáforas em seu trabalho têm uma função cômico-absurda, e a maioria delas cria um contraste incongruente” (SHAKED, 2007: 17).

Castel-Bloom apresenta nessa nova fase da literatura hebraica uma vertente urbana que ocorre especialmente em Tel Aviv; uma linguagem carregada de expressões que fazem parte da realidade do cotidiano, como “pigu’á” (atentado); e um humor negro, absurdo e grotesco. A cidade perdeu seu significado e se tornou um reflexo da realidade das personagens que nela vivem. Todas as protagonistas de Castel-Bloom apresentam um enorme vazio existencial, ausência de amor e/ou um sentimento mais profundo pelo próximo, que é expresso pelo desespero. “Como resultado disso, o enredo dos romances não é um ‘drama de dor’, mas um desagradável encontro existencial que precisa ser aceito como é” (SHAKED, 2007: 17).

Adia Mendelson-Maoz, em *On the Human Parts: Orly Castel-Bloom and the Israel extreme* (“Em Partes Humanas: Orly Castel-Bloom e Israel radical”), apontou os traços da autora que a inserem nessa geração pós-moderna: o esforço rumo à desintegração coerente da visão de mundo; mudança de um narrador autoritário para um narrador sem autoridade; estilo coloquial e utilização de uma gramática básica; achatamento da complexidade psicológica e emocional das personagens; dissolução das

fronteiras entre o que pertence ao corpo privado e o que pertence aos seus arredores; e renúncia da linearidade, que cria o implausível na descrição do mundo ficcional.

O escritor Gadi Taub, seu contemporâneo, destaca a aspiração da autora de causar um choque em todos os que são íntimos das cidades israelenses e dos seres humanos que nelas residem: “Seu sucesso se justifica pela habilidade paradoxal de conectar com um senso existente de desintegração.” (TAUB, 2000: 98). Shaked corrobora esse pensamento e afirma que o que é mais interessante na escrita da autora é sua apresentação “semigrotesca” de estabelecer paralelos próximos com o contexto extraliterário: “O leitor que está consciente da situação social acaba familiarizado com as personagens retratadas pelos estereótipos, seus costumes, estilos de vida e valores” (SHAKED, 2007: 24-25). Para esse crítico literário, os efeitos alcançados pela autora não “borram” a realidade, e os fatores realísticos são refletidos nas entrelinhas.

Para Adia Mendelson-Maoz, esse “novo estilo” utilizado por Castel-Bloom é capaz de produzir uma poética considerada radical, que viola agressivamente qualquer harmonia, unicidade e valor, e, por ser provocadora, gera uma problemática entre o físico e o político: “Ela desintegra o mundo que constrói e severamente prejudica o corpo humano em um ato de terror, em paralelo com a situação política” (2006: 163-164).

Uma vez que essa fronteira entre as pessoas e o mundo não está clara, a agressão política invade o aspecto pessoal, como se seus “delírios sádicos” (MENDELSON-MAOZ, 2006: 164) encontrassem uma realização concreta (e física) em seus textos.

Em suas obras, Castel-Bloom utiliza, de forma recorrente, uma poética radical para ilustrar sua perplexidade política, seus questionamentos sobre valores essenciais e sua posição crítica sobre o período em que vive da história israelense.

4.3. Uma escritora entre o real e o virtual

Em entrevista, Orly Castel-Bloom revela que *Partes Humanas*, seu primeiro romance com pano de fundo realista, nasceu ao mesmo tempo em que se desenrolava a Segunda Intifada, conflito que ela acompanhava pela televisão.

Comecei a escrever um romance cuja ideia inicial era juntar vários fragmentos de histórias pessoais. Então ‘estourou’ a Segunda Intifada. Eu tinha 70 páginas já escritas do romance. Selecionei tudo, apertei ‘delete’. Vi pela TV um linchamento de israelenses em Ramallah (município palestino na Cisjordânia), que me fez mudar de opinião e começar tudo novamente, levando em consideração a história política daquele momento.

*O contexto era real, mas as personagens não, porque queria manter certa distância da realidade. Eu precisava disso, porque a realidade era muito forte. Para escrever sobre o que estava presente nos noticiários, eu precisava de um distanciamento, porque **aquilo que acontecia na minha TV era também parte da minha vida e aumentava os meus medos**, que já não eram poucos [...] Foi a primeira vez que senti uma obrigação moral de contar ao mundo o que estava acontecendo, sem tanta invenção sobre os fatos.*

É comum aos escritores buscarem inspiração no que os rodeia, ou em suas experiências pessoais. É o que acontece nesse caso, em que autora está imersa em pânico, não exatamente pela realidade em que vive, mas a que ela acompanha, a que é produzida pela mídia.

Malena Contrera aponta a estética midiática como condutora de nossas percepções. Segundo ela, “interagimos com o real a partir do universo de representações que dele fazemos” (CONTRERA, 2003: 65). Muito do que os indivíduos aprendem sobre o mundo se dá na sala de estar, a partir de uma transmissão ideológica e persuasiva.

Ao *New York Times*³², Castel-Bloom revelou que ensinou seu filho, à época com nove anos, lições nada fáceis para uma criança aprender. Primeiramente, mostrou como se jogar no chão, quando um terrorista adentrasse um recinto e começasse a atirar. Em seguida, explicou que, caso ele notasse um homem-bomba ao seu lado, devia recitar o “*Shemá*”³³, a reza murmurada pelos judeus quando iam para a morte, na Antiguidade, na Idade Média, durante a Inquisição na Espanha, no Holocausto (Shoá), entre outras tragédias.

Em seu livro, ela oferece uma mostra de como a vida imita a arte e vice-versa. Nessa mesma entrevista, ela admitiu novamente que, ao acompanhar o noticiário e o linchamento em Ramallah³⁴, acreditou que “era imoral ignorar a Intifada”. O romance descreve a “anatomia da morte”. Esse foi o primeiro da autora escrito em terceira pessoa – um narrador externo inserido em um Estado de Israel considerado irreconhecível. É a primeira obra ficcional a utilizar a Segunda Intifada como pano de fundo para um enredo.

Nessa entrevista ao *New York Times*, ela relatou que é impossível não se tornar uma mãe paranoica. Ela queria poder mandar a filha de táxi ao colégio todos os dias, mas o orçamento ficaria apertado, a solução era ter de usar o transporte coletivo mesmo. “Mas colocar a minha filha dentro de um ônibus era brincar de roleta russa”. O máximo de susto que passou foi quando a filha, com então dezesseis anos, esteve em um café de Tel Aviv no dia anterior a um ataque terrorista, no mesmo local, causado por um homem-bomba.

³² FREEDMAN, Samuel. “For an Israeli, Flights of Fancy are Grounded - Wide praise for a novelist stirred to social realism by bombings”. In *The New York Times*, 17 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2002/06/17/books/for-israeli-flights-fancy-are-grounded-wide-praise-for-novelist-stirred-social.html?pagewanted=1>> Acesso: nov. 2012.

³³ Oração que constitui a declaração judaica sobre a unicidade de Deus: “Escuta, ó Israel, nosso Deus é Um”.

³⁴ No dia 12 outubro de 2000 houve o linchamento de dois soldados israelenses à paisana em uma delegacia de Ramallah, Cisjordânia. Os dois homens foram detidos pela polícia palestina porque pareciam suspeitos. Manifestantes palestinos se aglomeraram e invadiram o posto policial, retiraram os dois homens e os espancaram até a morte.

Ao Jewish United Fund a autora comentou que alguns elementos do livro, como o clima extremo e a gripe saúdita, foram colocados porque ela precisava “lidar com a realidade de maneira ficcional”³⁵.

Para esquecer o medo, o terror e as bombas, ela lança mão do isolamento: “Quando estou em processo de negação da realidade, desligo a televisão e só escuto as emissoras de rádio que não transmitem o noticiário”.

Mendelson-Maoz sintetiza a história do livro, dizendo tratar-se de um retrato da televisão e da mídia de forma geral (2006: 169). A realidade objetiva é mostrada por meio dos *flashes* de noticiários. O próprio narrador é o responsável, entre um evento e outro, por atualizar os leitores sobre os acontecimentos, as opiniões e as fofocas dos jornais diários, e mostrar dessa maneira o que acontece no cenário “real”, de forma ampliada, distorcida e grotesca.

O escritor israelense David Grossman descreveu esse período como aquele em que famílias inteiras explodiam de repente, em que “crianças que não eram autorizadas a assistir a filmes de horror na TV viam cenas de violência mais explícita no noticiário noturno” (GROSSMAN 2003: 178-179).

Israel é construído no romance com seus problemas acentuados: uma zona de guerra em uma área de desastres naturais. Mas Mendelson-Maoz mostra que a banalização da morte, da pobreza e da doença são descritas com um toque de paródia e as personagens não têm consciência crítica:

A descrição da morte e do morrer são patéticos, desprezíveis e repletos de clichês: as personagens veem a si próprias e suas vidas através da tela da televisão e tentam

³⁵ PERVOS, Stefanie. “Israeli Author Orly Castel-Bloom: Writing fiction in a time of terror”. In Jewish United Fund, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.juf.org/news/local.aspx?id=31988>>. Acesso em: dez. 2012.

identificar, no que enxergam, uma 'boa história.' (MENDELSON-MAOZ, 2006: 170)

Ele também atenta à postura dos que compõem a obra - são “robôs controlados pela mídia” que internalizam a cultura de massa e dela se nutrem.

De acordo com o crítico, em *Partes Humanas* as personagens são individualistas e conformadas. Ninguém quer (ainda que de forma inútil) agir para mudar o contexto em que estão inseridas, pois as pessoas preferem olhar tudo, por meio dos grandes olhos da mídia, a lutar. Cada um mexe-se apenas para salvar a si próprio do “apocalipse”.

Castel-Bloom faz uso do sarcasmo para descrever a histeria e a opressão das personagens. De maneira unânime, elas são “cinza”: reúnem o conformismo, a falta de esperança e a passividade. Ninguém pensa em trabalhar pelo preceito judaico de “*tikun olam*”, o “conserto do mundo”, muito menos parece sequer possuir o desejo de viver. Vive-se, pois não há alternativa.

A autora acredita que o processo de criação artística se justifica porque nem ela nem outras pessoas do meio artístico e literário conseguem conviver com a realidade. “É uma válvula de escape e, ao mesmo tempo, precisamos nos expressar sobre o mundo”³⁶.

Partes Humanas mostra como é a árdua rotina na atual sociedade israelense. Imersos em pânico existencial profundo, as personagens parecem muitas vezes desesperadas e sem ter a quem recorrer. Enquanto tudo parece perdido, seguem na batalha da vida, exclusivamente pela inércia, com insatisfação constante e medo de encarar os desafios sociais, econômicos, ideológicos, filosóficos e existenciais que o país propõe.

Assim, o título *Partes Humanas* é polissêmico e torna-se bastante representativo. *Partes Humanas* pode simbolizar as condições das personagens do

³⁶ PERVOS, Stefanie. “Israeli Author Orly Castel-Bloom: Writing fiction in a time of terror”. In Jewish United Fund, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.juf.org/news/local.aspx?id=31988>>. Acesso em: dez. 2012.

romance, que são emblemáticas, já que vivem problemas universais, como pobreza, preconceito, epidemia etc. Essas diversas “partes” resumem toda a sociedade israelense, na qual elas estão inseridas.

Outro aspecto que pode ser analisado é que *Partes Humanas* aponta a transformação do ideal sionista. O indivíduo que abdicava de seus interesses pessoais em detrimento do coletivo passa a pensar de maneira egoísta. O cenário israelense, antes unido em prol do movimento pela existência de um Estado Judaico, já apresenta claro desgaste e mostra-se fragmentado em “partes”.

O escritor francês Gilles Lipovetzky, ao analisar a sociedade pós-moderna, reitera o conceito de pós-sionismo situando-o como o período marcado pelo vazio existencial. Em seu livro *A Era do Vazio*, ele explica esse contexto em que existe “um clima de pessimismo e catástrofe iminente” (1983:49). A sociedade sofre uma “mutação antropológica” e torna-se individualista e voltada às aspirações pessoais, não tem ídolo, modelo, projeto histórico mobilizador ou ideias sublimes: “O Eu é promovido a umbigo do mundo” (1983:51).

Pode-se levar em conta também a condição em que as personagens são apresentadas, com histórias incompletas, quase sempre inacabadas, e aparecem apenas em partes. Ainda é possível interpretar o título do livro ao pensar nessas personagens que agem movidas por instinto de sobrevivência, que vivem mecanicamente. É como se apenas uma ínfima parte delas fosse “humana”, ou seja, com sentimentos.

Por fim, em meio a um cenário destruidor, de sucessivos ataques terroristas, emboscadas, explosões e homens-bomba, a expressão “partes humanas” também poderia se referir à maneira como os corpos são encontrados. Sobre isso, a personagem Boaz tece aquele comentário bastante pertinente: “*Dentes, mãos, sapatos, anéis. De ataques assim não se sai inteiro. Uma pessoa explode em mil pedaços*” (p.101).

É o que, ao redefinir o mito sionista na atualidade, Amós Oz descreve como "Loucura e Enfermidade" no lugar do "Leite e do Mel". *Partes Humanas* sintetiza, sob diferentes visões, todo o cenário israelense: universalmente caótico, decadente, fragmentado e violento.

A ficção produzida atualmente gera uma questão paradoxal. Por um lado, como tendência, os escritores desconstroem os padrões existentes - de enredo, tema, realidade e linguagem; por outro lado, eles vivem justamente em Israel, essa sociedade cuja insatisfação e incerteza foram praticamente transformadas em um modo de vida.

4.4. Considerações finais: Literatura, ideologia e mídia

Para situar Orly Castel-Bloom no “pós-modernismo”, é preciso tentar compreender esse conceito no âmbito israelense, com o chamado pós-sionismo.

O termo ultrapassa a fronteira de sua primeira e superficial explanação, como sendo o período posterior à realização almejada pelo Movimento Sionista, que culminou com a criação do Estado de Israel, para esbarrar em um tempo de intensa inquietação, incerteza e crítica à sociedade israelense. Há uma ruptura do pensamento coletivo e da subversão da lógica até então proeminente.

Gabriel Steinberg Schvartzman defendeu, em sua tese de doutorado, *A Montanha Azul de Meir Shalev: Uma leitura pós-sionista da sociedade israelense*, que, enquanto os sionistas tinham o heroísmo como marca registrada e inerente, a nova geração, que valoriza, sobretudo, o individualismo, acredita ser um exagero sacrificar-se em benefício de valores da ideologia coletivista pioneira. “O israelense moderno sonha com sua própria utopia particular” (SCHWARTZMAN, 2005: 34).

Dan Horowitz e Moshe Lissak mostram que essa condição enfrentada pela sociedade israelense, ao estar constantemente sob pressão interna e externa, tem como resultado uma sobrecarga no sistema econômico. “A ideologia era fator unificador [...] na sociedade surgida por força de um impulso ideológico” (HOROWITZ; LISSAK, 1989: 18).

Para os pós-sionistas, passada a euforia da existência, de fato, de Israel, a validade da missão dos pioneiros já não tinha mais o seu vigor e, por isso, a geração seguinte viveu fortemente um modelo de vida influenciado pela globalização, com novas condições sociais, políticas e econômicas:

Com o passar dos anos, a política israelense tornou-se rotineira, e interesses parciais e particulares foram colocados acima das metas ideológicas do sionismo. Muitas das ideias inovadoras e até utópicas do início da colonização judaica da Palestina perderam parte de sua relevância. Os *kibutsim* e os *moshavim* perderam nas últimas décadas sua centralidade no cenário socioeconômico israelense devido às mudanças ocorridas na economia globalizada assim como pela falta de investimentos dos diferentes governos [...]” (SCHVARTZMAN, 2005:72).

Os atuais habitantes da chamada “Terra Prometida” parecem não possuir mais vínculo religioso e emocional com o território onde vivem. Em *Israel as a Social Laboratory (Israel como Laboratório Social)*, os autores Dan Horowitz e Moshe Lissak mostram a existência de um pluralismo que ocorre em diversos campos da sociedade: religioso, social, étnico, político, cultural, linguístico etc (1989: 25).

De acordo com esse pensamento, Eliezer Schweid afirma no artigo, “Post-Sionismo', Origen y Esencia”, que uma das premissas do pós-sionismo é o fato de ele ser incapaz de responder aos desafios de nossa época e segue empenhado em “resolver” problemas que já não existem (2000: 02), ou que se instauram na atualidade de forma diferente e exigem soluções de outro tipo. Laurence Silberstein explica que a transição se dá porque a definição de Sionismo, ao atingir seu objetivo com a concretização do Estado de Israel, não dá conta de explicar o contexto vivido pela sociedade depois desse período (2000: 08-09).

Israel, assim, pareceu ter adquirido um caráter de território universal, com os mesmos problemas de todos os outros lugares do mundo, que ainda são agravadas pela iminência constante de guerra, além dos incessantes conflitos religiosos e territoriais.

Belén Holgado Cristeto, da Universidade de Granada, definiu algumas características da produção textual desse período (2009: 140). Pode-se perceber que em *Partes Humanas* Orly Castel-Bloom faz uso de certas características de forma recorrente. Entre elas, ele cita: (a) A produção de uma literatura urbana, com Tel Aviv como centro, mas na qual as cidades são apresentadas como espaços alienantes e sem referências; (b) senso de imediatez, ênfase no visual, no tempo real, nos conceitos ligados à globalização e na tecnologia; (c) renovação estética e um culto às formulações irônicas, uso do humor ácido e negro; (d) a realidade é quase sempre um simulacro do real, mas de forma distorcida, surrealista e até mesmo humorística; (e) a ausência de um grande projeto coletivo, como retratavam os autores da geração anterior, que exaltavam a nação e seus habitantes; (f) uso constante de anglicismos, linguagem coloquial, expressões vulgares e de baixo calão. Fredric Jameson (1991: 26) acrescenta ainda a noção de fim ou esgotamento das ideologias e a incorporação, além da influência incontestável de *reality shows* e espetáculos televisivos.

O professor de Literatura Hebraica da Universidade da Flórida, Todd Hasak-Lowy, fez um estudo de caso da produção literária de Castel-Bloom para compreender, a partir da autora, como o “Pós-Sionismo” pôde se entrelaçar à literatura (2008: 87). No artigo *Postzionism and its Aftermath in Hebrew Literature: the case of Orly Castel Bloom* (*Pós-sionismo e suas consequências na literatura hebraica: o caso de Orly Castel Bloom*), o professor explica que ela merece especial atenção por inúmeras razões: (1) Possui produções desde 1987 e sua carreira como escritora é, portanto, contemporânea dos escritos pós-sionistas em geral; (2) muitas de suas obras de ficção devem ser lidas, de acordo com Hasak-Lowy (2008: 88), não somente como pós-modernas, mas como pós-sionistas também; (3) seus escritos têm sido consistentemente inovadores na questão formal e na temática, o que a torna “sem dúvida alguma uma das mais importantes escritoras hebraicas das últimas duas décadas”; (4) e, por fim, o romance *Partes Humanas* denuncia a condição social do israelense, cuja proporção é ampliada pelo profundo deslocamento causado com a eclosão da Segunda Intifada.

Com todos esses aspectos, Hasak-Lowy considera a ficção de Castel-Bloom emblemática e “literalmente equivalente ao emergente e possível declínio do Pós-Sionismo” (2008: 88). Além disso, esse tratamento “próximo” aplicado pela autora em suas narrativas sugere que o que ela reproduz no ficcional ressoa com as suas conotações políticas da vida real.

Pode-se dizer que Orly Castel-Bloom está ligada à corrente de pensadores pós-modernos e pós-sionistas tardios (da década de 90) por suas narrativas ficcionais quase sempre subverterem a realidade apenas para substituí-la com uma representação dessa mesma realidade, ou com uma projeção alternativa dessa realidade, produzida a partir de uma imaginação distorcida.

Hasak-Lowy entende que a mera crítica da ideologia sionista ou das narrativas dominantes da história israelense não constitui a ficção pós-sionista, uma vez que a posição crítica às ideias dominantes não era novidade:

Acredito que é necessário mover além da mera temática para situar a ‘Poética literária Pós-Sionista Hebraica’. Castel-Bloom, através do papel essencial desempenhado pelos modos de ficção pós-modernistas no seu tratamento do Sionismo e da história de Israel, transcende críticas literárias anteriores, perpassando pelo território do pós-sionismo (HAZAK-LOWY, 2008: 89).

Muitas vezes Castel-Bloom parece repetir a narrativa épica sionista, mas sempre com um toque de humor, paródia e distanciamento. As personagens de seus romances vagueiam por uma Terra de Israel violenta, caótica e sem moralidade, resignadas, individualistas, repletas de incertezas e, principalmente, sem aspirações de mudança.

A publicação de *Partes Humanas*, em 2002, representou uma ruptura na produção textual de Orly Castel-Bloom. Esse marco se deveu ao fato de a obra divergir com o conteúdo de seus textos anteriores. Hasak-Lowy considera que autora do romance, ao focar em um modo de escrita realista, “repensa e possivelmente até rejeita a relação entre realidade e sua representação, como era ilustrado na ficção pós-moderna” (2008: 89). É uma mudança drástica em sua ficção. *Partes Humanas* trouxe à literatura o turbulento momento político de Israel dos meados de 2000 – a Segunda Intifada. O romance pode ser lido também como uma resposta crítica à condição em que a história se passava.

Embora as transformações políticas, sociais e econômicas já fossem amplamente conhecidas pela população israelense, trazê-las à tona, sob a forma romanceada, contribuiu para reforçar à sociedade e ao governo a insatisfação com essa atmosfera de pânico e desespero em que eles viviam naquele momento histórico.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADONI, Hanna; COHEN, Akiba; MANE, Sherrill. "Social Reality and Television News: Perceptual Dimensions of Social Conflicts in Selected Life Areas". In: *Journal Broadcasting and Electronic Media*. v. 28. Washington: Eric: Education Resources Information Center, 1984. p.33-49.

ADORNO, et ali., comentários e seleção de Luiz Costa Lima. *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. 2.ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, Nacional, 1977.

ALLOUCHE, Jeremy. "The Oriental Communities in Israel - 1948-2003 - The Social & Cultural Creation of an Ethnic Political Group". In: *Publication of the Graduate Institute of International Studies*. Genova, 2003. Disponível em: <<http://repository.graduateinstitute.ch/record/10103/files/WPIHP-Allouche.pdf>> Acesso em: jul. 2012.

ALMOG, Oz. *The Sabra: The Creation of the New Jew*. Trad. (do hebraico para inglês): Haim Watzman. Berkeley: University Califórnia, 2000.

ALTER, Robert. "O Romance Israelense e a Ficção Pós-Segunda Guerra Mundial". In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. n.1. Trad.: Nancy Rozenchan. p.121-137.

_____. *Magic Realism in the Israeli Novel*. Columbia: University Press, 1996.

AMÂNCIO, Moacir. "Desintegrações Contemporâneas: o Indivíduo e a Sociedade na Objetiva de Orly Castel-Bloom". In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. n.6. Targumim, São Paulo, 2009. p.145-155.

ANDERS, Gunther. "O Mundo Fantasmático da TV". In: ROSENBERG, Bernard; WHITE, David M. (ORGs). *Cultura de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 415-425.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai Sangue*. São Paulo: Saraiva, 1990.

ARBEX JR., J. "O Jornalismo e o Espetáculo da Mídia". In: *Observatório do Direito à Comunicação*. 17 set 2007. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=1399>. Acesso em: jul. 2009.

_____. *Showrnalismo - A Notícia como Espetáculo*. 4.ed. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares* - Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BAND, Arnold J., "Sombreamento da 'Crise de Identidade' Israelense na Literatura". Trad.: Eliana Langer. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, p.163-175.

BAR-TAL, Daniel. *The Influence of Events and (Mis)information on Israeli-Jewish Public Opinion: The Case of the Camp David Summit and the Second Intifada*. Palestine-Israel Journal of Politics, Economics & Culture, 2004. Vol. 11. Ed.3/4. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=689ba91a-2e40-44d2-b562-4cf772912dcb%40sessionmgr110&vid=2&hid=127#>>. Acesso em: mai. 2012.

BARTH, John. "The Literature of Replenishment". In: *The Friday Book*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1984, p. 193-206.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

_____. *Telemorfose*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

BERTENS, Hans; Douwe Fokkema (Org.). *International Postmodernism - Theory and Literary Practice*. Amsterdã / Philadelphia: John Benjamins, 1997.

BONNER, Ethan. "Post-Zionism: Israel Re-opens the Past". In: *New York Times*, 14 nov. 1999.

BONOMO, Diego; ZAHARAN, Geraldo e PAIXÃO, Luciana. *Guerra no Afeganistão: Entre a Ficção e a Realidade*. Observatório da Imprensa, 2004. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd051220014.htm>>. Acesso em: abr. 2012.

BUCCI, Eugênio. "A Fabricação de Valor na Superindústria do Imaginário". In: *Communicare: Revista de Pesquisa* / Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, São Paulo - SP, p. 56 - 72, 01 jul. 2002.

_____. "A Mídia, Campo de Batalha". In: *JB Online*. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/destaques/11setembro/art_02.html> Acesso em: jul, 2009.

_____. *O Olhar Mutilado*. In: *Civilização e Barbárie*. (Adauto Novaes Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Televisão Objeto: a Crítica e suas Questões de Método*. Tese de Doutorado em Comunicação - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CARDOSO, João Batista Freitas. *A Semiótica do Cenário Televisivo*. São Paulo: Annablume, 2008.

CASTEL-BLOOM, Orly. *Chalaksim Enoshiyim*. Tel Aviv: Kineret, 2002.

_____. *Partes Humanas*. Trad.: Viviane Gouveia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CAZÉ, Wladimir. “Guerra: Espetáculo de Não-Realidade”. In: *Escola com Sabor – Guia para ações em Educação para a Comunicação*. Disponível em: <http://www.cipo.org.br/escolacom sabor/pensamentos_arq02.htm>. Acesso em: jul. 2009.

CHACRA, Gustavo. “O que é ser árabe? O que é ser judeu? Aliás, dá para ser judeu e árabe”. *Estadão – Blogs*, 24 fev 2010. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/o-que-e-ser-arabe-o-que-e-ser-judeu-alias-da-para-ser-judeu-e-arabe>> Acesso em: nov. 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e Poder – Uma análise da mídia*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COELHO, Maria. *A Experiência da Fama*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

COHEN, Arik. “Israel Kechevrá pós Tsionit”. In: *Ohana, David e Wistrich*, 1997.

CONTRERA, Malena. *Mídia e Pânico: Saturação da Informação, Violência e Crise*. São Paulo: Annablume, 2003.

CRIPPA, Giulia; ALMEIDA, Marco Antônio. *Transformações da Esfera Pública na Sociedade da Informação: Pensando Mídia, Guerra e Cultura*. In.: *Proj. História, São Paulo*, (30), p. 277-299, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/>>. Acesso em: jul. 2009.

CRUZ DE ARAÚJO, Francisco Augusto. “A Violência sob a Mira da Mídia e suas Implicações Sociais”. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT22/Artigo%20A%20VIOLENCIA%20SOB%20A%20MIRA%20DA%20MIDIA%20E%20SUAS%20IMPLICACOES%20SOCIAIS.pdf>>. Acesso em: dez. 2011.

DA ROSA, Ana Paula. *Guerra de imagens: Agendamento e Sincronização do Olhar pela Mídia*. 2007. 198 f. Dissertação (Comunicação e linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. Disponível em: <http://tede.utp.br/tde_arquivos/2/TDE-2008-02-12T121046Z-126/Publico/Ana%20Paula%20da%20Rosa.pdf>. Acesso em: out. 2012.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. *Manifestos Ideológicos*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Vida e Morte da Imagem*. Trad. Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

DOR, Daniel. *All the News that Fits: The Israeli Media and the Second Intifada*. Palestine-Israel Journal Of Politics, Economics & Culture, 2003. Vol. 10. Ed. 2. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=25352089-d968-44a5-ab73-d8f9ec937800%40sessionmgr115&vid=2&hid=127#>>. Acesso: mai. 2012.

DORNELES, Carlos. *Deus é Inocente - a imprensa não*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2002.

DORON, Avraham. "Multiculturalism and the Erosion of Support for the Universalistic Welfare State: The Israeli Experience". In: *Israel Studies*. V.12, N.3, 2007.

DUARTE OLIVEIRA VENÂNCIO, Rafael. *A Linguagem dos Três Fantasmas: Gozo na Experiência da Televisão*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-venacio-linguagem.pdf>> Acesso: jan. 2012.

ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

EISENSTADT, S. N. *Sociedade Israelense*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ELAM, Diante. *Romancing the Postmodern*. Londres: Routledge, 1992.

Embaixada de Israel no Brasil. *Cultura: Mídia*. Disponível em: <<http://embassies.gov.il/Brasilia/AboutIsrael/Culture/Pages/CULTURA-Midia.aspx>>. Acesso em: mai. 2012.

ETGAR, Chaim. *Vidui shel Soferet Bameshaber* ("Confissões de uma escritora em crise"). Mako – Anashim, 23 nov 2011. Disponível em: <<http://www.mako.co.il/tv-people/articles/Article-9866f682280d331006.htm&sCh=3d385dd2dd5d4110&pId=531648826>> Acesso em: jul. 2012.

ETZIONI-HALEVY, Eva. In.: SHAPIRO, Raphael. *Political Culture in Israel: Cleavage and Integration Among Israeli Jews*. Nova York: Praeger, 1977.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O Surgimento de uma Cultura Hebraica Nativa na Palestina (1882-1948). *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica I*. São Paulo: Humanitas, 1998.

FLEMING, Jennifer. "Redesigning Women: Television after the Network Era". In: *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 2008. Disponível em: <http://www.accessmylibrary.com/comsite5/bin/aml2006_library_auth_tt.pl?item_id=0286-34789897>. Acesso em: mai. 2009.

FREEDMAN, Samuel. "For an Israeli, Flights of Fancy are Grounded - Wide praise for a novelist stirred to social realism by bombings". In *The New York Times*, 17 jun 2002. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2002/06/17/books/for-israeli-flights-fancy->

are-grounded-wide-praise-for-novelist-stirred-social.html?pagewanted=1> Acesso em: nov. 2012.

GABLER, Neal. *Vida, o Filme: Como o entretenimento conquistou a realidade*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALARD, Jean. "A Guerra ao Vivo". In: NOVAES, Adauto (org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 196-216.

GLAZER, Miriyam. *Dreaming the Actual: Contemporary fiction and poetry by Israeli women writers*. Nova York: University of New York Press, 2000.

GLUZMAN, Michael. "The Infinite Strangeness of the World". In: *Maariv*, Literary and Art Supplement, 7 de janeiro de 1994, p. 29.

GOLDEN, Shai. *Ithala. Emtza. VeSof*: Orly Castel-Bloom Merosheshet (Início. Meio. E fim: Orly Castel-Bloom quebrou). *Maariv*, Israel, Tarbut, 25, nov, 2011. Disponível em: <<http://www.nrg.co.il/online/47/ART2/309/301.html>> Acesso em: mar. 2012.

_____. Orly Castel-Bloom: *Lo Rotza Ligmor Kmó David Avidan* ("Não quero acabar como David Avidan"). *Maariv*, Israel, Tarbut, 23, nov, 2011. Disponível em: <<http://www.nrg.co.il/online/47/ART2/309/230.html>> Acesso em: dez. 2011.

GORENBERG, Gershom. Apesar de pobres, ultraortodoxos crescem em Israel e influenciam o governo. Disponível em: <<http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2012/09/02/apesar-de-pobres-ultra-ortodoxos-crescem-em-israel-e-influenciam-o-governo.htm>>. Acesso em: mai, 2013.

GORKOVITZ, Sheni. *Eich Orly Castel-Bloom Lo Matbisheset?* ("Como Orly Castel - Bloom não tem vergonha?"). *Walla*, Israel, 25 nov 2011. Disponível em: <<http://e.walla.co.il/?w=/6/1880021>>. Acesso em: jul. 2012.

GOVRIN, Nurith. *Hebrew Literature in the 20th Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. *Guerra e Imprensa*. São Paulo: Summus, 2003.

GROSSMAN, David. *Death as the Way of Life*. Tel Aviv: Hakibbutz Hameiuchad, 2003.

GUIMARÃES DA COSTA, Belarmino César. *Estética da Violência: Jornalismo e produção de sentidos*. Campinas: Autores Associados, 2002.

HABIB SHOHAT, Ella. "Rupture and Return: A Mizrahi Perspective on The Zionist Discourse". In.: *The MIT Electronic Journal of Middle East Studies - Crossing Boundaries: New Perspectives on the Middle East*. Vol. 1, May 2001. Disponível em: <<http://web.mit.edu/cis/www/mitejmes/>>. Acesso em: jul. 2011.

HAKAK, Lev. In: Malka, Victor. *The Sefaradi Jews*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad.: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

HASAK-LOWY, Todd. "Postzionism and its Aftermath in Hebrew Literature: The case of Orly Castel-Bloom". In: *Jewish Social Studies: History, Culture, and Society*. Vol. 14. n. 2. Bloomington: Indiana University, 2008, p. 86-112.

HERZOG, Hanna. *Language & Communication in Israel: Studies of Israeli Society*. New Jersey: Transaction Publishers, 2000.

_____. "Postzionist Discourse and the Return of the Social Actor: Sub-politics, Fragmented identities and Generational Analysis". In: *Israel Studies Forum* 19, n.1, 2003.

HILLMAN, James; VENTURA, Michael. *Cem Anos de Psicoterapia... E o mundo está cada vez pior*. São Paulo: Summus, 1995.

HOLBERT, R. Lance; LAMBE, Jennifer L.; DUDO, Anthony D.; CARLTON, Kristin A. "Primacy Effects of The Daily Show and National TV News Viewing: Young viewers, political gratifications, and internal political self-efficacy". In: *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 2008. Disponível em: <http://www.accessmylibrary.com/comsite5/bin/aml2006_library_auth_tt.pl?item_id=0286-31342700>. Acesso em: 20 set. 2008.

HOLGADO CRISTETO, Belén. *El Posmodernismo en Orly Castel-Blum: De la narrativa grotesca y kafkiana a la denuncia de la realidad social en Israel*. Pruebas de estudio para la revista MEAH. Sección Hebreo, Norteamérica, 58, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.estudiow3.es/ojs/index.php/meah/article/view/49/48>>. Acesso em: jun. 2012.

HOOD, Lee. "Radio Reverb: The impact of "local" news reimported to its own community". In: *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 2008. Disponível em: <http://www.accessmylibrary.com/comsite5/bin/aml2006_library_auth_tt.pl?item_id=0286-31767016>. Acesso em: set. 2008.

HOROWITZ, Dan; LISSAK, Moshe. "Israel as a Social Laboratory". In: *Trouble in Utopia: The Overburdened Polity of Israel*. State University of New York Press: Nova York, 1989.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: História, Teoria, Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Israel Ministry of Foreign Affairs. *Israel Broadcasting Authority*. Disponível em: <http://www.mfa.gov.il/MFA/MFAArchive/2000_2009/2003/1/Israel%20Broadcasting%20Authority> Acesso em: nov. 2012.

Israel Radio International. *Israel broadcasting authority main site History of radio in the country*. Disponível em: <<http://www.israelradio.org/>> Acesso em: nov. 2012.

JAMESON, Fredric. *El Posmodernismo o la Lógica Cultural del Capitalismo Avanzado*. Barcelona: Paidós, 1991.

JANINE RIBEIRO, Renato. *O Afeto Autoritário: Televisão, Ética e Democracia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

JULIUS, Lyn. *The Forgotten Oriental Jews*. Disponível em: <<http://www.zionism-israel.com/log/archives/00000294.html>>. Acesso em: dez. 2011.

KIMMERLING, Baruch. *O Fim da Hegemonia Ashkenazita*. Trad. Gabriel Mordoch. 2001.

KITTLER, Friedrich; WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. *Gramophone, Film, Typewriter, Trans*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

KRAUSZ, Luis. Chaves do Despedaçamento. In: WALDMAN, Berta; KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Ensaio sobre a Literatura Israelense Contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 239-251.

KUBOVY, Miri. "Trends in Israeli Narrative Literature". In: *Israel Studies*. v. 5. n. 1. Bloomington: Indiana University, 2000, p. 244-265.

LAGE, Nilson. *Controle da Opinião Pública – Um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Jornalistas: Agenciando a cidadania, publicizando o privado*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRJ, 1992.

LAUZEN, Martha M; DOZIER, David M.; HORAN, Nora. "Constructing Gender Stereotypes through Social Roles in Prime-Time Television". In: *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 2008. Disponível em: <http://www.accessmylibrary.com/comsite5/bin/aml2006_library_auth_tt.pl?item_id=0286-34923317>. Acesso em: jul. 2009.

LEIBOVITZ, Liel. *No Way Out: Talking to Orly Castel-Bloom, Agur Schiff, and Moshe Ron*. Words Without Borders, nov. 2011. Disponível em: <<http://wordswithoutborders.org/article/no-way-out-talking-to-orly-castel-bloom-agur-schiff-and-moshe-ron>>. Acesso em: jan. 2012.

LIEBES, Tamar; FIRST, Anat. *How the New Media Environment Influences Local Wars: The Palestinian Israeli Case*. Jerusalem: Department of Communication and Journalism of the Hebrew University, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio d'água, 1983.

_____. *O Império do Efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOWSTEDT, Anthony; MADHOUN, Husam. *The Intifada, Hasbara and the Media*. Palestine-Israel Journal Of Politics, Economics & Culture, 2003. Vol. 10. Ed. 2. Disponível em: < <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=16f76c72-138e-4117-85a2-75b8dfdd1c69%40sessionmgr104&vid=2&hid=127>> Acesso em: mai. 2012.

LUCHESI JORGE, Ligia Nice. *Olhar Três (Parte da alteridade)*. Disponível em: <<http://www.geminaliteratura.com.br/parteshumanas3.htm>>. Acesso em: nov. 2012.

MACDONALD, Michael. *Império e Comunicação: A Guerra da Mídia de Marshall McLuhan*. Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais. n. 26 Abril de 2007. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. p. 9-26. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6765/4203>> Acesso em: out. 2010.

MACHADO, Arlindo. “Hiperídia: O Labirinto como Metáfora”. In: *A arte no século XXI – A humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

MACHADO, Juremir. “A Política na TV de Ficção”. In: *Comunicação, mídia e consumo*. v. 2. n. 3. São Paulo, 2005. p.11-23.

MANDELL, Lee; SHAW, Donald. “Judging People in the News – Unconsciously: effect of camera angle and bodily activity”. In: *Journal of Broadcasting & Electronic Media*. American Marketing Association, 1972.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org). *Pensar Pulsar: Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1996.

_____. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Comunicação e Jornalismo – A saga dos cães perdidos*. 2.ed. São Paulo: Hackers Editores, 2000.

_____. *O Espelho e a Máscara – O enigma da comunicação no caminho do meio*. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

_____. *Quem manipula quem?* Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Televisão, a Vida pelo Vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

MARCUSE, Herbert. “A Paralisia da Crítica: Sociedade sem Oposição”. In: *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 13-20.

_____. *As Novas Formas de Controle*. In: *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 23-37.

MARTINEZ, Mônica. *Jornada do Herói - A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2008.

MATTOS, Sérgio. *Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*. Salvador: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, 1991.

MATUCK, Artur. *O Potencial Dialógico da Televisão – Comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: Annablume, 1995.

McLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2005.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *A Arte de Tecer o Presente – A narrativa e o cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

_____. *Notícia: Um Produto à Venda – Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, Maíra Fernandes de; TOLEDO, Maria Thereza. “A Cultura do Espetáculo: Um estudo sobre a mídia e o incentivo ao consumo”. In: *XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE*, 2012, Ouro Preto – Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1461-1.pdf>>. Acesso em: out. 2012.

MENDELSON-MAOZ, Adia. “Checkpoint Syndrome: Violence, Madness and Ethics in the Hebrew Literature of MESHER, D. *Human, in parts*. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m0411/is_3-4_53/ai_n13814452>. Acesso em: 17 set. 2008.

_____. “On Human Parts: Orly Castel-Bloom and the Israeli Extreme”. In: DURAND, Alain-Philippe; MANDEL, Naomi. *Novels of the contemporary extreme*. Grã-Bretanha: MPG Books, 2006. p.158-173.

MEYERS, Oren. *Israeli Media Research: Politics, Culture, and Identities*. Disponível em: <<http://overseas.haifa.ac.il/upload/IsraeliMediaResearch.pdf>>. Acesso em: set. 2008.

MINTZ, Alan. *The Boom in Contemporary Israeli Fiction*. Londres: Brandeis University Press, 1997.

MIRA, Maria Celeste. “Invasão de Privacidade? Reflexões sobre a exposição da intimidade na mídia”. In: *Lugar Comum*. n 5-6. Rio de Janeiro: NEPCOM-ECO/UFRJ, 1998. p.97-116.

MORIN, Edgar. *Para Sair do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *O Paradigma Perdido*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

NOVAES, Adauto (org). *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Senac, 2005.

OREN, Tasha G. *Demon in the Box: Jews, Arabs, Politics, and Culture in the Making of Israeli Television*. New Jersey: Rutgers University Press, 2004.

PEARL, Jonathan and Judith. *Chosen Image: Television's Portrayal of Jewish Themes and Characters*. Carolina do Norte: McFarland & Company, 1999.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A Construção do Discurso de Sedução em um Jornal Sensacionalista*. São Paulo: Annablume, 2003.

PENA, Felipe. *A Vida é um Show: Celebridades e Heróis no Espetáculo da Mídia*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-vida-show.pdf>>. Acesso em: set. 2008.

PERI, Yoram. *Telepopulism: Media and Politics in Israel*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

PERVOS, Stefanie. "Israeli Author Orly Castel-Bloom: Writing Fiction in a Time of Terror". In *Jewish United Fund*, 4 out. 2008. Disponível em: <<http://www.juf.org/news/local.aspx?id=31988>>. Acesso em: dez. 2012.

RIBEIRO DE SOUSA, Celeste (org.). *Poéticas da Violência – Da Bomba Atômica ao 11 de setembro*. São Paulo: Humanitas, 2008.

RIESMAN, David; DENNEY, Reuel; GLAZER, Nathan. *A Multidão Solitária: Um estudo da mudança do caráter americano*. Trad. Rosa R. Krausz e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. "A Mídia e a Construção do Biográfico". In: *Tempo Social*. n 12. São Paulo: Revista de Sociologia da USP, 2000.

ROZENCHAN, Nancy. "Conflito armado como pano de fundo na Literatura Hebraica". In: RIBEIRO DE SOUSA, Celeste (org.). *Poéticas da Violência – Da Bomba Atômica ao 11 de setembro*. São Paulo: Humanitas, 2008. p.151-166.

RUDIN, Shai. *Love and Politics in Orly Castel-Bloom's Textile*. Women in Judaism. Toronto, v.7, n.1. 2010. Disponível em: <<http://wjudaism.library.utoronto.ca/index.php/wjudaism/article/view/14665>> Acesso em: out. 2011.

SAGIV-SCHIFTER, Tammy; SHAMIR, Michal. *Conflict, Identity, and Tolerance: Israel in the Al-Aqsa Intifada*. Political Psychology, 2006. Vol. 27. Ed. 4. p. 569-595. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=4395e231-4172-4dd3-b6ee-b1cd33c7a304%40sessionmgr111&vid=2&hid=127>>. Acesso em: mai. 2012.

SANDERS, Edmund. *Welfare System could cause Israel to Collapse, Economist Warns*. Los Angeles Times. Los angeles, p. 11. 10 mai. 2010. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2010/may/10/world/la-fg-israel-idle-20100511>>. Acesso em: dez. 2012.

SCHEJTER, Amit. "The Cultural Obligations of Broadcast Television in Israel". In: *International Communication Gazette*. v. 56. n. 3. Amsterdã: The Netherlands, 1999.

SCHUDSON, Michael. *The Power of News*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SCHVINDLERMAN, Julian. "La Sociedad Israelí en 'Trance'". Disponível em: <<http://www.hagshama.org.il/es/recursos/print.asp?id=652>>. Acesso em: ago. 2009.

SCHWARTZ, Tony. *Mídia: O Segundo Deus*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1985.

SCHWARTZMAN, Gabriel Steinberg. *A Montanha Azul de Meir Shalev: Uma leitura pós-sionista da sociedade israelense*. 2005. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) - Universidade de São Paulo.

SCHWEID, Eliezer. "'Post-sionismo', Origen y Esencia". In.: *Diálogo*. Ano XX, n.26. 2000. Disponível em: <<http://www.hagshama.org.il/amlat/biblioteca/archivos/26.pdf>> Acesso em: jul. 2010.

SECURATO, Silvia Bruno. "Deus nas Balizas da Pós-Modernidade". In: *Cadernos de Pesquisa em Ciências da Religião*. v. 5, n. 6. São Paulo: PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. p.61-76.

SEGEV, Tom. *1949 – The First Israelis*. Owl Books: Nova York. Trad.: Arlen Neal Weinstein.

SHAKED, Gerson. *A Generation without Dreams*. The Institute for the Translation of Hebrew Literature. Disponível em: <<http://www.ithl.org.il/interview2.html>>. Acesso em: jul. 2009.

_____. *Modern Hebrew Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

_____. Thoughts on Orly Castel-Bloom. In: HIRSCHFELD, Ariel et al. *Modern Hebrew Fiction: Women in Words*. 4. ed. Londres: Toby Press, 2008. p. 17-28.

SHAMIR, Jacob. "Television Programs in Israel: Can viewers recognize production value?" In: *Journal of Applied Communication Research*. v. 35. n 3 Jerusalem: Department of Communication and Journalism at the Hebrew University of Jerusalem, 2007.

SHAPIRA, Anita. "El Sionismo en una Era de Revoluciones". Disponível em: Hagshamá <<http://www.hagshama.org.il/es/recursos/view.asp?id=750>>. Acesso em: jul. 2009.

_____. *Política e Memória Coletiva – A discussão a respeito dos "novos historiadores"*. Trad. Gabriel Mordoch. (Versão traduzida não publicada)

_____. "Zionism and the Upheavals of the 20th Century. In.: *Doing Zionism*. Disponível em: <http://www.doingzionism.org/resources/expand_author.asp?id=174>. Acesso em: jul. 2009.

SHEFFI, Smadar. *Reel Time*. Haaretz, Israel, Culture - "Books", 26, abr, 2002. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/culture/books/reel-time-1.46787>> Acesso em: nov. 2011.

SHIFFMAN, Smadar. *Orly Castel-Bloom and Yoel Hoffmann: On Israeli Postmodern Prose Fiction*. Hebrew Studies - National Association of Professors of Hebrew (NAPH), 2009. Vol. 50, p. 215-227. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27913934>> Acesso em: fev. 2012.

_____. *Realism Mugaz* (Realismo Gaseificado). Ha'aretz, Jerusalém, 24 de Abril de 2002.

SILBERSTEIN, Laurence Jay. *The Postzionism Debates: Knowledge and Power in Israeli Culture*. Nova York: New York University Press, 2000.

SILVA, Marconi Oliveira da. *Imagem e Verdade: Jornalismo, Linguagem e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2006.

SMOOHA, Sammy. *The Persistent Significance of Jewish Ethnicity in Israel*. JCAS Symposium Series 7, University of Haifa, 2002. Disponível em: <http://soc.haifa.ac.il/~s.smooha/download/thepersistentsignificanceof_jewishethnicity.pdf>. Acesso em: jul. 2009.

_____. *Israel, Pluralism and Conflict*. Routledge & Kegan Paul Books, 1978.

SODRÉ, Muniz. *Televisão e Psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.

SONTAG, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STARR, Deborah. Retorrializing the dream; Orly Castel-Bloom's Remapping of Israeli Identity. In: SILBERSTEIN, Laurence Jay. *Mapping Jewish Identities*. New York: New York University, 2000. p. 220-249.

TAUB, Gadi. *Three Talks on Castel Bloom's Free Radicals*. Mikarov, 2000. pp. 85-99.

TAVOLA, Arthur. "A Notícia como Espetáculo Hiper-real". In. *Instituto Gutenberg*. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/tavola.html>>. Acesso em: jul. 2009.

TORERO, José Roberto. "A Jornada do Herói". *Folha de S. Paulo*, Esporte (D7), 9 jun 2000.

TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Editora Veja, 1999.

_____. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

TSARFATI, Yariv; RIBAK, Rivka; COHEN, Jonathan. "Rebelde Way in Israel: Parental perceptions of television influence and monitoring of children's social and media activities". In: *Department of Communication, University of Haifa*. v. 8. Haifa: Mass Communication and Society, 2005. p. 3-22.

TYNAN, Kenneth. *A Vida como Performance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VALVERDE, Monclar. "A Plasmação do Sentido" In: *Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

VIEIRA FILHO, Geraldo. *Complexo de Clark Kent: São super-homens os jornalistas?* São Paulo: Summus, 1991.

VILLELA, Regina. *Quem tem Medo da Imprensa?*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

WEIL, Shalva. "Ethiopian Jewish Women: Trends and Transformation in the Context of Transnational Change". In.: *Nashim: a Journal of Jewish Women's Studies and Gender Issues*. 2004, No. 8, p.84.

WILTON DE SOUZA, Mauro. "Recepção e Comunicação, a Busca do Sujeito". In.: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. p. 23. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WINNENBERG, Jakob. "Sentimentality in Postmodernist Fiction: From ethical problem to ethical possibility". In: *Textual Ethos Studies or Locating Ethics*. Inglaterra: Editions Rodopi, 2005. p. 349.

WOLFF, Francis. "Por trás do Espetáculo: O Poder das Imagens". In: NOVAES, Adauto. *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: Senac, 2005. p. 16-45.

WOLFSFELD, Gadi. *Media and Political Conflict: News from the Middle East*. Londres. Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mobilizing the News Media for the other War on Terror: Norms, Routines, and Dilemmas for Israeli Journalists Covering the Second Intifada*. Harvard Symposium Restless Searchlight, 2002. Disponível em: <<http://ics-www.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/712/Wolfsfeld.pdf>>. Acesso: mai. 2012.

_____. *The News Media and the Second Intifada: Some Basic Lessons*. Palestine-Israel Journal Of Politics, Economics & Culture, 2003. Vol. 10. ed. 2. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pfviewer?sid=01a5a6a40cc0-4709-b224-512d6d51712b%40sessionmgr110&vid=2&hid=127>> Acesso em: mai. 2012.

WOLFSFELD, Gadi; FROSH, Paul; AWABDY, Maurice. *Covering Death in Conflicts: Coverage of the Second Intifada on Israeli and Palestinian Television*. Disponível em: <<http://politics.huji.ac.il/gadiwolfsfeld/pdf/Covering%20Death%20in%20Conflicts.pdf>>. Acesso em: mai. 2012.

WURMSER, Meyrav. *Can Israel Survive Post-Zionism?*. v. 6, n 1. Filadelfia: Middle East Quarterly, 1998.

ZABISKY, Camila Pereira; PEREZ, Carla dos Santos; STELLA, Paulo Rogério. *A Influência Negativa da Mídia Ocidental nos Povos do Oriente Médio*. São Bernardo do Campo: 2005.

ZERUBAVEL, Yael. *The "Mythological Sabra" and Jewish Past: Trauma, Memory, and Contested Identities*. Israel Studies. V.7, N.2. Summer 2002, pp. 115-144.

VI. APÊNDICE

6.1. Entrevista com Orly Castel-Bloom

13/01/2009

17h30

Beit Cafe Matilda – Bnei Efraim, 209.

Tel Aviv

Orly Castel-Bloom é pouco chegada a conceder entrevistas porque não gosta de falar de si, abrir sua “bagagem de feridas”. Mesmo desconfiada, ela aceita o encontro, que aconteceu em uma cafeteria perto de sua residência, ao norte de Tel Aviv.

Como nasceu Partes Humanas?

Partes Humanas, na verdade, foi o primeiro romance real, realista, que eu escrevi. Eu tive um “estalo” que aos 40 anos (atualmente tenho 48), eu teria que escrever um romance realista, com personagens e roteiro real, esse era o meu plano e assim aconteceu. Comecei a escrever um romance cuja ideia inicial era juntar vários fragmentos. Eu tinha em mente alguns “sinais”, alguns indícios para montar minha narrativa. E então estourou a Segunda Intifada. Eu tinha 70 páginas já escritas de meu romance. Coletei tudo, apertei “delete”.

Eu vi um linchamento em Ramallah, que me fez mudar de opinião e começar tudo novamente, levando em consideração a situação política, realmente considerando-a como um fato existente na história. Eu escrevi durante o período da Segunda Intifada, mas eu queria manter certa distância da realidade. Então inventei duas coisas: um inverno anormal, de fato nada realista, com um caráter de lenda “Era uma vez... durante um inverno excepcional...”, para alcançar distância da realidade que acontecia.

Lembro que minha filha, na época com 16 anos, pegava ônibus para todos os lugares. Eu ficava em casa esperando o relógio bater 8h30, horário em que ela entrava

na escola, atenta para ouvir se não havia nenhum “bum” até esse horário. Só então eu começava a escrever. Dá para entender o que é isso?

Então inventei esse excepcional e inesperado inverno e também uma epidemia de “gripe saudita”, que matava todo mundo que a pegasse. Eu precisava dessa distância, porque a realidade era muito forte. Para escrever sobre o que estava presente nos noticiários, eu precisava de um distanciamento, porque aquilo que acontecia era também parte da minha vida, fazia parte de meus medos. A realidade se mostrava muito absurda. As pessoas só viviam pensando na sobrevivência, elas queriam uma vida normal, não o que tínhamos.

Temos vivido agora, em Israel, um cenário parecido com o do livro, não? Hoje, por exemplo, bem no dia dessa entrevista, estamos no inverno, com chuva, violência, pobreza e guerra, todos os elementos que aparecem no livro. O que a ficção difere da realidade?

Em cada livro que escrevo crio uma relação diferente entre a ficção e a realidade. Eu sempre tento novas misturas para trabalhar essa relação. Partes Humanas foi o livro em que mais consegui aproximar os elementos, porque senti uma obrigação moral (foi a primeira vez que senti isso) de contar ao mundo o que estava acontecendo, sem tanta invenção sobre os fatos.

Ao que parece, Partes Humanas é um título polissêmico: pode-se pensar na própria fragmentação do ser humano moderno; no fim do Sionismo, quando as pessoas não estão mais ideologicamente unidas, mas cada um por si; também podem ser os diferentes tipos que compõem a sociedade israelense e são estereotipados no livro, como o “estrangeiro”, o “pobre”, o “aleijado”; e, por fim, como não poderia deixar de ser, Partes Humanas pode ser o resultado da ação do homem-bomba. Como nasceu esse título Partes Humanas? Você pensou em tudo isso? Qual era o significado inicial?

Muito bom, veja como tudo é interpretação. Eu mesma não havia pensado em tudo isso. Fico feliz que você não tenha pensado primeiramente em pedaços de corpos. No Canadá, sei que eles fazem um tipo de carne que chamam de “partes humanas”. Não era para isso o meu título. Pensei ainda em outro significado. Havia tantas coisas

terríveis sendo mostradas nos noticiários, que eu me perguntava: “Isso é humano?” – para entender verdadeiramente o que é o espírito do homem. Pensei que apenas partes do homem são “humanas”, algumas não são.

Mas não podemos desprezar as outras interpretações. De fato, as Partes Humanas também representam o espectro da sociedade israelense, um “melting pot”. Veja: meus filhos são um quarto marroquinos, um quarto egípcios, um quarto gregos e um quarto israelenses. Isso é uma mistura, uma grande mistura. Todos os tipos de países estão misturados, isso são Partes Humanas. Meus filhos são formados de tantas partes, mas eles estão aqui, esse é o lugar deles. Não pense primeiramente no resultado das bombas sobre os corpos.

Mas no próprio livro há um trecho em que Boaz, uma das personagens, conta aos filhos pequenos: “Uma pessoa explode em mil pedaços e às vezes não sobra nada para enterrar” e é assim que ele morre: “explodido”.

Você está certa... é isso mesmo, é um fato. Lembro-me de que quando escrevi sobre a morte de Boaz, eu fiquei muito triste. Quando um escritor escreve, precisa ler e reler até que fique satisfeito com o resultado. A cada leitura eu ficava triste, por ter que matar, matar e matar novamente.

Como nasceram as personagens?

Esse foi o meu primeiro romance realista, então eu fiz uma pesquisa inicial. Fui para Lod, em Ganei-Aviv, que é um local muito pobre, assim como descrevi no livro. Ele não fica longe do bairro árabe; na verdade, basta atravessar uma rua, e lá há um projeto arquitetônico terrível. Desse lugar nasceram meus protagonistas, o casal Kati e Boaz Beit-Halahmi.

Nesse romance, foi a primeira vez que o nome das personagens foi realmente importante. Eu poderia caracterizá-los só por seus nomes. Eu levei seis meses para encontrar “Boaz Beit-Halahmi”. Quando encontrei a junção perfeita desse nome, encontrei também a personagem. Busco sonoridade para os nomes: têm que soar feito música.

Por que em suas obras as mulheres são tão mais fortes e presentes do que os homens?

Acho que as mulheres são fortes porque eu sou mulher. Não há nenhuma intenção de fazer “revoluções”. Mas agora estou tentando balancear isso, investigar o espírito masculino. Em meus livros, não que os homens sejam mais fracos, mas talvez menos complexos.

Você está escrevendo algum livro atualmente? Consegue viver de literatura?

Sim, para a primeira questão. Não, para a segunda. Isso é terrível. Mas eu recebi boas notícias pela primeira vez na minha vida. Meu ultimo livro publicado, “Textile”, talvez vire um filme. Talvez eu consiga deixar de ser pobre. Depois de 25 anos de trabalho, pela primeira vez tenho boas notícias. Mas, claro, tenho que ver se o projeto vai vingar e esperar até ver o cheque e, principalmente, a quantia dele. Talvez eu não precise mais implorar no banco para eles aguardarem mais alguns dias até que eu pague minhas contas. Eu escrevo literatura. E a realidade é dura nessa área, em Israel.

Acho que a dificuldade dos escritores é mundial. A maioria acaba buscando outro emprego.

É mesmo. Até minha mãe, que tem 80 anos, não liga para as minhas obras. Não que ela seja má, só que simplesmente não liga para o que escrevo. Ela não acredita que tenho uma profissão real. Hoje mesmo ela me falou para pegar o seguro desemprego do governo. Mas eu tenho uma profissão, sou escritora. Ela acha que não é, não me reconhece, isso me destrói.

No começo, ela usava como desculpa o fato de não entender hebraico, só francês. Depois, meus livros foram traduzidos para o francês, e então ela me disse que leria depois, depois, depois e nunca leu. Isso é triste para mim. Meu pai amava literatura, mas morreu faz mais de vinte anos. A única que lê é minha irmã, que não fala comigo e praticamente não tenho contato. Porque isso não é uma profissão “de verdade”.

Atualmente, tenho trabalhado durante o período noturno, entre a uma e as oito horas da manhã. Estou escrevendo contos, contos grandes, não de três páginas. Serão seis ou sete histórias conectadas tematicamente, mas não conectadas entre si. Eu não

quero parar, estou sempre olhando coisas novas. Quando eu terminar esse livro, já tenho ideias para o próximo. Assim será até eu morrer.

Conte-nos sobre suas influências. O que gosta de ler?

Na literatura hebraica, Shabtai, Agnon. Não gosto de A.B. Yehoshua, Amos Oz e David Grossmann. Nada contra. Quando eu era jovem, lia muita literatura francesa e árabe, por causa do idioma mais falado pela minha família. Aos 25 anos, procurava um escritor para entender o que era escrever literatura hebraica. Eu vi muitos escritores que, quando abria o livro, as letras “caíam”. Quando li Yaakov Shabtai, as letras estavam “fixas” no livro, as ideias amarradas. Eu decidi seguir esse estilo. Eu comecei tarde a escrever literatura, eu tinha 27 anos. Uma das coisas que me motivaram a escrever foi o fato de que meu pai morreu quando eu estava grávida, eu não conseguia lidar com isso. Sabíamos que ele iria morrer, ele estava com câncer em fase terminal, mas não sabíamos quando isso aconteceria. Eu estava desempregada, sabia que precisava inventar algo na vida para explicar com minhas próprias palavras o que eu estava sentindo, o que se passava dentro de mim.

Em Dolly City, a médica Dolly via focos de câncer por todos os lados e tinha uma relação doentia de proteção com relação ao filho. (Tamanho o desespero, ela abre o filho todos os dias, para verificar se realmente todos os órgãos estão funcionando corretamente, o filho é todo costurado. Mais crescido, ela o cola às costas, para não perder o controle sobre ele). Isso tem a ver com essa fase?

Perfeito... Foi um período de grandes traumas. A obra é muito relacionada aos meus medos depois da morte de meu pai. Logo depois, eu me tornei mãe e precisei aprender a tomar conta de minha filha e pensava: “Como protegê-la?” Logo aos três meses, ela sufocou. Eu corri para a rua com ela, sufocada, nos braços, eu não tinha telefone, carro, não tinha dinheiro para um táxi, nada. Gritava que era uma emergência, tentei parar os carros e as pessoas não paravam, eu nem sabia para que lado ficava o hospital. Eu estava certa de que perderia a minha filha e aqueles minutos até chegar ao hospital me deixaram completamente fora de mim. Eu de fato a perdi por dois minutos, mas conseguiram reanimá-la. Esse é o cenário em que nasceu Dolly City. Quando eu pensei que podia não ser uma boa mãe, eu tive essa ideia de proteção, essa

paranoia que aparece no livro. Depois, passei um período com depressão. Quando esse período terminou, escrevi o livro, como uma forma de me libertar dessa terrível memória. Eu confesso que escrevo para tentar explicar para mim mesma o que eu vejo, o que está acontecendo, as histórias de vida, os fatos reais, entende? Porque eu mesma não entendo.

Você acredita em Deus?

Boa pergunta. A resposta é uma história. Durante esse período de depressão, fui convidada para participar de um “talk show” na televisão, sobre o meu livro Onde eu estou. Foi antes de Dolly City ser publicado. Eu estava tão deprimida que eu não conseguia nem falar. O apresentador me disse “Na televisão precisamos falar!”, mas eu não conseguia, só respondia “sim” e “não”; isso foi a entrevista. E então ele perguntou: “Você acredita em Deus?” Pensei comigo: “Como eu saio dessa questão?” Queria uma resposta que fosse a menos complicada. Respondi “sim”, só para não ter trabalho. E ele replica: Qual Deus? O pentecostal? O de Baruch Spinoza?... o Deus disso? Daquilo? etc. Eu não sabia o que responder. Eu disse: o Deus “padrão” (risos).

Eu não posso dizer que não acredito em nada. Talvez eu seja agnóstica, mas eu sou judia, muito judia. E eu posso entender Deus e não posso entender Deus.

Você sente medo? Em que situação?

Medo? Acho que meus medos continuam mais relacionados aos meus filhos, ao medo de perdê-los. Também tenho medo de sentir dor, de perder o controle do meu corpo, e de ser acometida por coisas que não podem ser examinadas.

O que é o amor? Ainda acredita nesse sentimento?

O amor? Sim, ainda acredito no amor “padrão” (risos). Estou divorciada há dez anos. Quando isso aconteceu, eu estava muito centrada, e o homem me “desbalanceava”. É complicado, a escrita torna o escritor muito excêntrico, narcisista. Ninguém aguenta isso. Como posso explicar: posso ser só uma amiga? Ou mesmo... a

outra? Você pode aceitar que eu não consigo me dedicar integralmente a outra pessoa? Eu não tenho tempo, cabeça, espírito, eu tenho meu trabalho, meus filhos, esse é o problema, apenas para você ter um vislumbre do que é meu karma. Esperar um grande amor, desculpe-me, não é meu karma. Para mim, o amor é para meus filhos e para a literatura.

Você chora?

Sim, mas não muito, porque sinto que a ferida é muito grande, eu não quero. Só quero lidar com minhas feridas à noite, com a literatura. Depois do meu divórcio tive que aceitar que as coisas podem não sair como esperamos. A lenda foi quebrada. Até porque não é uma lenda, é uma vida. Talvez a minha escrita esteja no lugar de minhas lágrimas.

Eu entendo meu marido, não o odeio. Não somos amigos, mas temos uma conexão. Temos filhos e temos memórias comuns. Isso é muito estranho. É uma vida divorciada. Assim como existe a vida de casado, existe a vida de divorciado. De fato, eu não consigo lidar com isso, até mesmo na literatura, porque é muito próximo de mim. Mas às vezes o choro é um respiro profundo de alívio.

Como é viver em Israel? Dá para acreditar na Terra "do leite e do mel"?

“Leite e mel”? Não. Mas quando estou fora de Israel, sinto falta. É como se em outro país eu não sentisse que sou eu mesma. Quando volto, eu me sinto livre.

Mas a mentalidade do israelense sempre choca quando voltamos. Aqui o país apenas diz à população para sobreviver. Uma mulher judia só quer que seus filhos sobrevivam. Mas eu estou treinando para não ser arrogante, como os israelenses de forma geral.

E o que é o meu dia-a-dia aqui? Passar horas da madrugada acordada para escrever, e “sobrevivência” é a minha tarefa aqui. Sobrevivência. Vou ao banco, converso com o gerente do banco e peço “Por favor, dê-me mais alguns dias, eu vou tentar arrumar o dinheiro”. Isso é o que faço: sobrevivo, sobrevivo. E peço novamente ao gerente: “Mais uns dias, mais uns dias”.

6.2. Corpus: descrição do livro *Partes Humanas*

O romance *Partes Humanas* tem como ponto de partida a descrição de um inverno rigoroso e atípico em Israel. Antes dele, houve oito anos de estiagem, com a ameaça de que o lago Kineret e os rios que desaguavam no mar Mediterrâneo secassem para sempre, e o país voltasse a ser árido como em seus primórdios. A seca trazia uma mensagem de fome e inúmeros outros problemas, como recessão e pânico existencial.

A data em que ocorre o enredo não é precisa, fala-se em no “inverno do ano 2.0...”. A explicação para esse desvio da normalidade era uma frente fria que vinha do Polo Norte e se acomodara no Oriente Médio, trazendo temperaturas que variavam entre 5°C e 0°C.

Além do frio, chovia torrencialmente, rios transbordavam, Israel estava todo alagado e, como resultado, houve mortes e perda de propriedades. A situação era tão absurda que barcos eram vistos em locais “inimagináveis”, no meio das cidades. Parte da população teve que ser deslocada das áreas de risco para lugares mais altos e seguros.

As gotas de chuva eram do tamanho de azeitonas. Também chovia granizo de formatos variados, com circunferências de 50 cm, ou afiados, em formas geométricas “fascinantes”, atingindo e ferindo animais, humanos e tudo mais que tocasse.

Muitas casas, sem o preparo para receber tanta neve sobre o telhado, desabaram. Árvores plantadas na época dos pioneiros, símbolo de força e resistência, também vieram abaixo. As equipes de resgate e o Comando Front em Casa trabalhavam muito mais do que de costume e ganhavam elogios tanto da população como de seus porta-vozes na mídia.

A imagem dos meteorologistas ganhou destaque nesse período. Aqueles que apareciam na televisão viraram celebridades e conquistaram o espectador. A popularidade desses profissionais ganhou força quando eles começaram a participar de comerciais de guarda-chuvas, aquecedores e outros apetrechos de proteção para o inverno. Eles despertavam tanta confiança que a população aguardava o pronunciamento desses profissionais como se eles fossem “profetas”, e agarravam-se ao que diziam.

Os meteorologistas passaram a ser frequentemente convidados a participar de *game shows* de perguntas e respostas. Um deles chegou a ganhar meio milhão de *shekalim* em um desses programas, mas ficou mortalmente ferido à bala no dia seguinte, quando fora comprar uma nova mobília. O funeral foi televisionado em um dos mais importantes canais de TV.

Além de um inverno dizimador, a situação política entre israelenses e palestinos também entrou em colapso. Homens-bomba e franco-atiradores alvejavam e destruíam a vida de inocentes. Bombas dirigidas com controle remoto estilhaçavam ônibus, shoppings e calçadas e semeavam destruição. Quem se agasalhava do frio podia ter a vida despedaçada em segundos, ao jantar normalmente em família, em uma pizzeria. Mortes de famílias inteiras geravam pânico e medo profundo.

Os que ficavam levemente feridos eram responsáveis por relatar à imprensa o ocorrido. A descrição do horror se iniciava geralmente pelos dizeres: “De repente, ouvi um estrondo”. O conjunto desse contexto catastrófico vivido pela população israelense causou entorpecimento nas pessoas. Os funerais, realizados sob estranhas condições climáticas, eram rápidos e silenciosos. Os que permaneciam vivos tornavam-se apáticos, reservados e sombrios, como se aquele período de trevas houvesse deixado os sentimentos “em suspenso”.

Os noticiários detalhavam o resultado do relatório anual sobre a situação econômica. A conclusão era o aumento de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza. Em seguida, analistas de mercado falavam da negligência do governo com o assunto.

Na mídia, os meteorologistas disputavam espaço com o noticiário de violência. O apego emocional dos telespectadores com os profissionais que divulgavam as condições climáticas crescia proporcionalmente ao aumento da violência no país.

A população de maior vulnerabilidade social não possuía estrutura para enfrentar o frio. Sem equipamentos de aquecimento e roupas adequadas para enfrentar a temperatura baixa, tinham o sistema imunológico comprometido e adoeciam com maior frequência.

Não raras vezes, médicos amputavam partes do corpo desses cidadãos, em decorrência de gangrena causada pelo frio. Um desses médicos declarou à imprensa que essa população, já não bastasse conviver com o terrorismo, tinha que enfrentar o frio e a negligência. O discurso impressionou produtores televisivos, e esse profissional ganhou um espaço na mídia, após a previsão do tempo. Nesse quadro, explicava aos espectadores como diagnosticar problemas causados pelo frio – frieiras, infecções etc. – e quando era o momento de se correr para o hospital.

Após a divulgação do relatório de pobreza, a mídia comunitária de Ramle-Lod localizou a família Beit-Halahmi. Como o canal havia se preparado com antecedência para a transmissão do material, aproveitou para tentar dar um furo de reportagem sobre a “comovente história humana de dificuldades”, considerada relativamente leve, frente à dor provocada pelo terrorismo.

Uma equipe de filmagem entrou no apartamento, com todo o aparato necessário, para mostrar essa família. A mãe, Kati, foi instruída para acordar os filhos, que haviam

recém-adormecido. Eram quatro, dois gêmeos e duas gêmeas, que apareceram na sala, enroladas em cobertores de lã velhos e rasgados, tremendo de frio.

A edição noturna do noticiário local mostrou essa história impactante. A âncora do canal nacional de notícias correu para adquirir o material do canal comunitário. Assim, o canal nacional de notícias mostrou na edição da meia-noite a terrível história dos Beit-Halahmi. A família virou símbolo da tragédia que se abatera sobre o país. Não havia programa de TV ou rádio em que a situação deles não era debatida.

Por inúmeras vezes, Kati contou sua história de vida e respondia às mesmas perguntas feitas pelos jornalistas. Esforçava-se cuidadosamente para dar a resposta completa, como aprendera em seus poucos anos de estudo na escola.

A maneira como era questionada e filmada deixava Kati muito excitada. Ela adorava relatar as mazelas da família. Até chorava no ar, sem preocupação se a maquiagem feita antes de entrar no estúdio ficasse borrada, e não barrava os câmeras que faziam closes de seu rosto.

Em uma dessas aparições, seu relato era utilizado como pano de fundo de “cenas que eram por ela interpretadas” da pobreza em Israel. Os repórteres se interessavam pelas condições em que se encontrava a casa dos Beit-Halahmi: geladeira velha e vazia, mesa sem pé, pilha de pratos sujos na pia (pois não havia dinheiro para o detergente), inúmeros objetos e utensílios domésticos quebrados. Os dois pares de gêmeos dividiam dois cobertores, em três colchões finos. O banheiro estava às escuras por curto-circuito. As lâmpadas do resto da casa estavam quase queimando e, quando isso então acontecesse, a família ficaria condenada à escuridão.

Para completar esse cenário catastrófico, mostraram as janelas da casa, quebradas e remendadas com fita adesiva, que não impediam a entrada do frio e do

vento penetrante pela casa. Ao alegar falta de dinheiro para trocar as janelas, foi “recompensada com um close”.

Boaz, o marido de Kati, era avesso a essas aparições midiáticas. A câmera mal podia alcançá-lo, mas mostrou de relance um homem muito magro e baixo, barba por fazer, aparentemente por causa do desgaste das lâminas de barbear. Quando o encurrallaram, conseguiram fazer uma foto dele, com uma expressão zangada. Ele fugia da imprensa mancando, por causa de um grave acidente no qual se salvara por milagre, como havia relatado Kati em diversas entrevistas. Ele era o único que conseguia fazer funcionar a TV, dando socos para que ela pegasse no tranco. Kati ainda revelou que, quando o marido não estava em casa, ficava sem saber sobre os mais recentes ataques terroristas, quantos mortos e quantos feridos havia.

Em uma dessas aparições midiáticas, ela contou que trabalhou como garçoneiro em Eilat, cidade praiana, cuja atmosfera a encantava, e talvez não tivesse afundado na pobreza se não tivesse saído de lá. Conheceu Boaz no pronto-socorro. Ela tinha cortado o pé com uma garrafa quebrada, ele havia mergulhado no Mar Vermelho sem verificar se havia oxigênio suficiente. Apesar de vê-lo ligado a um balão e máscara para respirar, apaixonou-se imediatamente.

No programa “Na varanda de Effi”, em mais uma aparição televisiva, na noite de sábado, Kati esperava sua vez na plateia, repetia gestos e batia palmas, “como se estivesse louca para participar da diversão, mesmo não entendendo o que estava acontecendo”. Era um *talk show*. Antes dela, havia um geólogo sendo entrevistado, que falava sobre as condições climáticas do país. Effi queria saber o desenrolar da história de Kati e a estimulou a falar. A personagem relatou os problemas familiares, desde que se uniu a Boaz. A família dele expulsou ambos da cooperativa de produtores que possuíam, por não aceitar aquela relação. O problema era a origem dela, do Curdistão.

Kati incontáveis vezes imaginou o momento de vingança à família do amado, quando poderia lhes envergonhar, mas jamais pensara que poderia sentir o gosto de vingança em público. A apresentadora Effi disse veementemente que aquela situação era um escândalo, e foi prontamente aplaudida pela plateia.

Kati continuou a expor sua história de sofrimento e racismo. A família imigrara do Curdistão durante a Operação Esdras e Neemias, quando foi mandada para o campo de Ramle. Mesmo pedindo ao amado que dissesse à família que ela descendia de um líder da Yeshivá, que seus pais conversavam em aramaico como nos tempos bíblicos, era alvo de piadas. Boaz fora até mesmo retirado do testamento. Passou a trabalhar como taxista.

Nessa profissão, sofrera um acidente. O carro derrapou na estrada e capotou. Andar mancando foi o que lhe restou como sequela. Perdeu a licença de motorista e foi declarado pela Previdência Social dezenove por cento inválido.

O apresentador atentava para a entrevista fascinante, com a mulher de Lod atingida pela pobreza. Kati recebia então o *zoom* da câmera. Ela também contou que o marido estava desempregado e, enquanto não conseguia reaver a carteira de motorista, cabia a ela o sustento da família, trabalhando na limpeza de escadarias e fazendo faxina em banco.

Effi perguntou a ela sobre o futuro. Soluçando, com a voz engasgada e chorando, disse que não via perspectivas. Continuou a relatar sua mazela: dois pares de gêmeos, e possuía apenas quatro luvas. Cada filho tinha direito a manter apenas uma mão aquecida. Antes de o programa terminar, Effi avisou a ela que ficasse despreocupada, pois os telespectadores a ajudariam. O endereço de Kati em Lod apareceu escrito na tela.

A apresentadora estava certa. No dia seguinte, a família recebeu um vidraceiro para consertar a janela, um eletricista para a fiação, lâmpadas novas, e um caminhão repleto de caixas com roupas de inverno. Enquanto trabalhadores traziam as caixas, Boaz gritava para a mulher que ela estava manchando o nome da família. Kati retrucou, dizendo que pelo menos fazia algo para tirá-los do buraco, ao contrário dele, que passava o dia em frente à TV.

As roupas, cobertores e luvas que receberam eram suficientes para a metade da população de Lod.

Ainda ouviu de Boaz que era completamente desequilibrada e que desde que tinha ido à TV havia “pirado”. A discussão do casal foi interrompida pelo toque do telefone. Era da redação de um jornal, que queria uma notícia atualizada da família, depois das generosas doações. O marido disse estar enjoado da situação e de maneira alguma colaboraria com a imprensa e os fotógrafos.

Alguns dias depois, estava a família na mídia novamente, estampada na última página da edição, em foto colorida. Kati aparecia com os quatro filhos. Naquele dia, esvaziou a carteira para comprar quatro jornais. Cortou as fotos e a nota sobre a família, colocou em sacos plásticos para evitar que a ação do tempo as danificasse e guardou. No futuro, essa recordação do momento de fama seria deliciosa.

Por causa do frio e do medo de ataques terroristas, o turismo a Israel foi severamente afetado. Voos foram cancelados e cidades turísticas viraram cidades-fantasma. A CNN e outras redes de televisão, incluindo canais israelenses, mostravam o espetáculo do Mar Vermelho coberto de gelo e os hotéis da região desertos.

O frio trouxe um novo vírus, até então desconhecido. Chamaram-no de “gripe saudita”. Muitos cidadãos adoeceram e sucumbiram a ele. Quem não morria de ataques terroristas ou de frio, morria de gripe. Um médico que tinha um programa na rádio local

para a região de Sharon divulgou duas vezes, para acalmar a histeria, que a gripe saudita nada tinha a ver com a influenza espanhola, que dizimara 24 milhões de pessoas no início do século 20. A questão virou debate público. Os espectadores, exaustos, é que tiravam suas próprias conclusões.

Para agravar esse cenário de caos, começaram a enterrar os cadáveres uns sobre os outros. Os coveiros cavavam sepulturas ininterruptamente, dia e noite. Voluntários que procuravam destroços humanos nos locais onde houve explosões terroristas também não tinham folga, bem como médicos e enfermeiros que viravam turno atrás de turno nos hospitais, quase sem descanso.

Na noite do dia 22 de *tevet*³⁷, cento e trinta pessoas deram entrada no hospital de Tel Aviv, setenta sofrendo de problemas diversos, muitos deles de gripe saudita. O restante era formado de vítimas de um ataque terrorista. Um homem-bomba portando cinco explosivos havia detonado tudo na entrada de um cinema onde estreava, ironicamente, um filme de comédia. Na triagem do hospital, os médicos separavam os pacientes vitimados do ataque e aqueles que sofriam da tal gripe. Quase não havia leitos, a população era colocada no corredor e onde mais houvesse espaço.

Na ala dos gripados estava a culta e bela Liat Dubnov. Morena de olhos azuis, solteira por princípio, 39 anos. Liat era diplomada em aramaico bíblico, fazia mestrado em idiomas semitas e colecionava, de forma fanática, calendários hebreus desde os primórdios da invenção da imprensa. Fora colocada ao lado da janela da enfermaria, mas chegou a ficar por alguns dias no corredor, quando não havia cama disponível. Do local em que estava, ouvia as sirenes da ambulância e por elas tentava supor as dimensões do último ataque, já que não tinha televisão – todas as disponíveis no hospital já estavam alugadas – e ela não dispunha de um rádio.

³⁷ Corresponde ao 4º mês do calendário hebraico.

Antes de ir ao pronto-socorro, ficou uma semana de cama, para não sobrecarregar o sistema de saúde de Israel, que já estava no limite. Tentou tomar todos os remédios possíveis, mas acabou pedindo que Adir Bergson, seu irmão dois anos mais novo, deixasse a lavanderia e a namorada para levá-la ao hospital.

Liat e Adir eram irmãos só por parte de mãe, que morrera três anos antes, durante viagem aos Estados Unidos. Bergson permaneceu ao lado da irmã, quando foi diagnosticada com pneumonia aguda em ambos os pulmões, uma complicação da gripe saudita. Mas, por causa da asma do irmão, ela o aconselhou a ir para casa. Depois de três tentativas com antibióticos, os médicos haviam dito a ela que, se a quarta medicação não funcionasse, recorreriam aos esteroides, o que lhe pareceu pavoroso, pois não queria inchar nem ficar cronicamente enferma, como o irmão.

Enquanto ficava no leito, temia que seus esforços na academia que pertencia a seu amante, Shaul Takdim, tivessem sido em vão. Pior seria imaginar o amado com outra, saudável. Ele reduzia gradativamente o número e o tempo de visitas ao hospital, deixando-a triste. Nada comparado às duas vezes diárias em que se viam em circunstâncias normais, uma dentro e outra fora da academia.

Em um dos dias, com febre alta, quase delirando e à espera do amado, tentou adormecer, usando a imaginação. Pensava no local onde morava, na Amós, sua rua preferida, que trazia no nome o seu profeta preferido. Também contava propriedades que recebera de herança da mãe, incluindo o estabelecimento “Mundo Limpo, a lavanderia obrigatória”, e lembrava-se da coleção de calendários hebreus raros, alguns datados do século 15.

No leito, Liat conversou com pacientes terminais e deu a elas revistas de moda e maquiagem. Não se aguentou de ansiedade de conversar com alguém – o dono da academia. Ligou na casa dele, que atendeu ríspido, reclamou que teve um dia cheio e

que não poderia falar, pois a esposa estava sentada próxima. Bateu o telefone na cara dela, e foi como se a tivesse atingido de fato. Pensou que ele já poderia estar com outra. Nessa nova crise de ciúmes sofreu uma parada cardíaca e morreu.

Quando a irmã morreu, Adir dormia, sonhava com a invenção de um detergente verde que não detonasse suas crises de asma. Uma das fortes crises de que se recordara foi quando terminou o romance com Íris Ventura, que tinha três filhos com um rico arquiteto, mas só podia pagar por um pequeno apartamento mofado e sem elevador, em Jerusalém. Adir era asmático crônico e possuía uma fraqueza fora do comum. Nas últimas semanas, estava dormindo mais do que de costume, pelo cansaço resultante do aumento de trabalho, sem Liat, na lavanderia “Mundo Limpo”.

Na noite em questão, ele e a namorada foram tarde para a cama, porque ficaram se informando sobre a explosão em um cinema, pelo noticiário televisivo. Tasaro, a bela modelo etíope, foi quem interrompera o momento, pois precisava acordar cedo no dia seguinte, para uma sessão de fotos – e desligaram a TV de 21 polegadas que tinham no quarto. Tasaro logo adormeceu. Ele ficou pensando nas interpretações místicas que ouvira na rádio, na estação do exército ou na Voz de Israel, que dizia que o inverno e o terrorismo precediam a vinda do Messias.

Às 6h30 foram despertados pelo telefone. Era a voz da enfermeira do hospital avisando Adir sobre o falecimento da irmã e pedindo que fosse ao local. Atendeu ao pedido, desnortado. Tasaro, embora morasse com Adir, não adiou seus compromissos de trabalho para estar ao lado do namorado durante aquele momento tão chocante e difícil. Estava muito chateada porque se atrasara para uma sessão de fotos e temia ser dispensada.

O rapaz entendeu que a morte da única pessoa viva de sua família não era de grande importância para ela e disse que não precisava acompanhá-lo. No hospital,

encontrou com médicos exaustos, que deveriam estar completando setenta horas de plantão, e pediu-lhes explicações detalhadas, afinal, a irmã fora sempre saudável.

Adir, cuja saúde era fragilizada em decorrência das manifestações alérgicas e asmáticas, que sempre estivera a um passo da morte, nunca poderia imaginar que Liat morreria antes dele. Era sempre ele quem se divertia pensando no próprio obituário, não no da irmã. Manifestou claramente que, sem Liat, estaria sem direção. O cenário externo pareceu influenciar seus pensamentos. Ele estava perdido duplamente: no hospital e na vida. Entrou nas alas do Centro Médico Soraski, foi ficando cada vez mais perdido em meio aos longos e labirínticos corredores do hospital. A realidade lhe pareceu uma abstração e foi perdendo o equilíbrio. Não conseguiria seguir a vida sem Liat, era dependente das opiniões dela. Na realidade, ele era dependente de todas as mulheres que faziam parte de sua vida.

Fora Liat, por exemplo, que o aconselhara a deixar Íris Ventura, a amiga de infância com quem cortara relações. Desse relacionamento, teve que lidar com os filhos dela, de nomes “pesados”, segundo ele: Osher, Oz e Herut – “Felicidade”, “Força” e “Liberdade”. Adir a ouvia reclamar o dia inteiro do ex-marido e de como fora enganada e roubada por ele. Não fora difícil seguir a opinião da irmã.

Ela também tecia comentários sobre a nova namorada dele, Tasaro: a sociedade não estava pronta para aquela situação, afinal, ela era negra e ele branco. Liat dizia que a namorada do irmão tinha um passado obscuro, o que era um pretexto para separá-los, porque na verdade as duas não se suportavam.

A irmã que tanto o aconselhara na vida agora estava morta. No carro, de volta para casa, foi pensando no funeral, como faria a elegia. Queria algo simples, já que ninguém partilharia a mesma dor no peito que ele sentia. Nunca lhe ocorrera ter de escrever o obituário da irmã. Ligou o rádio e ouviu um repórter falar sobre o

engarraamento, as notícias sobre o estado de saúde dos envolvidos nos últimos atentados. Era preciso continuar.

Às vezes, Íris Ventura, ex-namorada de Adir, ligava para Liat, e vice-versa. Eram amigas desde a infância. Adultas, encontravam-se ocasionalmente. Em uma dessas vezes, Liat contou o que descobrira sobre a história de vida de Tasaro, a nova namorada do irmão. Íris, ao contrário da amiga, não se horrorizou com o que ouviu, mas viu em Tasaro uma “deusa exótica”. Adir jamais voltaria para o antigo relacionamento, depois de conhecer a modelo etíope, com uma incrível história pessoal e enredo cinematográfico. Além disso, ele não precisaria dividir a atenção da nova amada com filhos de outro casamento, como era seu caso.

Tasaro Tasama era com frequência vítima de preconceito por causa de sua origem. Ela é uma judia etíope, que havia imigrado a Israel pela Operação Shlomo (maio de 1991, perto do final da guerra civil da Etiópia). Sofrera muito com a morte do pai, durante a árdua imigração, com o aprendizado do hebraico, que aprendeu a dominar tão bem quanto o amárico, sua língua materna, e aprendeu também a vencer os desafios para estabelecer-se em sua nova pátria. Como modelo fotográfica, aparecia em comerciais e anúncios nos jornais e não escondia sua ambição de tornar-se famosa.

Íris ardia de ciúmes de Tasaro e sua beleza estonteante, porque se julgava superior àquela moça imigrante da Etiópia. No fundo, Íris, que era natural de Israel, sentia-se comum e sem graça. Era alguém que vivia a reclamar de seu ex-marido, cujo divórcio a esgotara. Por causa do primeiro relacionamento fracassado, precisou tomar remédios contra ansiedade e depressão. Depois veio Adir, que proporcionou o segundo abandono e novamente o sentimento de destruição.

Em 12 do mês de *tevet*, Íris estava em casa assistindo à televisão, dois dias depois de ter sido despedida da agência de publicidade onde trabalhava. Ouviu a

máquina de lavar, fora de controle, fazendo barulho. O grande problema é que ela não podia ser consertada e não havia dinheiro para comprar uma nova.

Nos dias seguintes, iria a “Mundo Limpo”, onde poderia, ao menos, encontrar Adir. Passou a ir lá todos os dias com esse mesmo propósito. Quando não o via, seguia para a “Branca Brilhante”, cujos proprietários a deixavam lavar pagando em crédito.

No dia 23 de *tevet* foi ao “Mundo Limpo” para levar as roupas de cama, mas não seguiu o padrão usual, de ir à noite, depois que as crianças dormissem, porque ouvira no rádio o prenúncio de uma tempestade. Na porta da lavanderia, já havia o anúncio: “Minha irmã Liat Dubnov repentinamente faleceu. Adir Bergson”. Na nota, foi colocado ainda o horário do funeral e onde aconteceria a *shivá*³⁸.

Ficou atônita. Colocou as sacolas furadas sob uma poça de água suja e nem percebera. A dor de dente que a atormentara havia meses, e que não ia ao dentista para poupar os *shekalim*, repentinamente desapareceu.

Íris não tinha dinheiro para ir ao dentista e economizava cada tostão que ganhava do ex-marido para os filhos, com medo de que eles precisassem de dinheiro para levar à escola e ela tivesse que alegar que não o tinha. Para aguentar a dor, comprava remédios baratos e passava as madrugadas com uma bolsa de gelo no rosto, vendo filmes idiotas.

A vida para ela era insossa e um mar de tragédias – falida no banco, desempregada, abandonada pelos dois amores, sozinha e agora tendo que encarar a morte prematura da melhor amiga. Íris mudou-se para Jerusalém depois da morte dos pais, assim que terminou o serviço militar. O pai se suicidara no Iom Kipur³⁹ e a mãe morrera dois meses depois, de ataque cardíaco. Na infância, houve outro episódio trágico. A família foi para a praia de Mishmoret, até que os pais notaram o sumiço de

³⁸ Período de sete dias que marca o luto no judaísmo.

³⁹ Dia do Perdão.

Nava, a irmã caçula de Íris, que havia se afogado. A culpa recaiu sobre ela, a mais velha. Esse sentimento a devastou para sempre.

Íris se formou na escola de artes, casou-se com o bem-sucedido arquiteto Othniel Grossman, e morava com ele em um verdadeiro palácio. Tiveram três filhos, houve a traição dele e o pedido de divórcio dela. Durante a separação de bens, houve uma árdua batalha judicial.

Quando Íris era tomada pelo desespero pela falta de dinheiro e perspectivas, gostava de se lembrar de que possuía um segundo plano - uma alternativa, caso não houvesse de fato outra maneira de mudar de vida. Sem convicção religiosa alguma, pensava que poderia se tornar ortodoxa, apenas porque isso faria com que fosse ajudada por inúmeras organizações sem fins lucrativos. Ela pensava nessas possibilidades durante a madrugada, com os filhos adormecidos, sozinha na sala, em frente à televisão.

Na lavanderia, achou um *shekel* perdido sobre um jornal, que estampava a foto dos Beit-Halahmi, com uma entrevista confessional. Sentiu pena daquela família, que nada tinha a ver com a situação dela, pois eles “sempre viveram na merda”, e ela não estava acostumada à pobreza.

Pensou em como seria sua vida se estivesse ao lado de Adir e, furiosa, Íris jogou o jornal sobre a cadeira vazia ao lado. Ela já sabia tudo sobre a família Beit-Halahmi e também sobre o ataque à cidade de Netanya, que fora esmiuçado nas páginas iniciais daquela edição. Ela já tinha visto pela televisão as cruéis imagens do evento, considerado um dos piores da história daquela cidade, com grande quantidade de feridos e mortos. O número de mortos descritos no jornal lhe causou repulsa, pois a notícia estava então desatualizada. Íris sentiu-se vazia pelo jornal atirado, e cuidadosamente colocou-o de volta a seu lugar.

Durante esse tempo, pensou que teria de encontrar uma carona para ir ao funeral, pois não tinha dinheiro para a gasolina. A dor de dentes a fez ligar para o dentista de Liat, Dr. Yoram Danziger, que clareava os dentes da falecida de seis em seis meses - um luxo, que nada lhe serviu. Procurou o número dele na lista telefônica e deu a notícia ao dentista. Ele se prontificou a levá-la e a deixá-la em casa na volta. Pensou no caminho em dar indiretas sobre a dor de dente, quem sabe assim, por ser amiga de Liat, ele não faria um preço especial, tomado por um sentimento de irmandade.

À frente do comboio que levava ao cemitério havia um carro principal, acompanhado por outros de segurança. Era uma limusine escura, com Reuven Tekoa, o presidente de Israel. Ele jurara fidelidade ao Estado e à defesa de suas leis, mas desde que assumira, há mais de um ano, sua tarefa se resumia em ir de funeral a outro, velório a outro, ir aos hospitais ver os feridos, dar telefonemas de condolências etc.

Um homem que dividia seu tempo ora dentro de uma limusine escura blindada, ora percorrendo uma sequência interminável de enterros: essa é a imagem que retrata o presidente de Israel. Com a agenda lotada, Tekoa cumpria sua função de autoridade e, assim, exercia um papel meramente figurativo na esfera política.

Adir estava a caminho do funeral de Liat, no carro com a namorada Tasaro, ainda arrumada depois de sair da sessão de fotos. Logo atrás havia o carro do Dr. Danziger com Íris, que seguia o cortejo em silêncio, ouvindo rádio na estação das Forças Armadas, no último volume. O noticiário falava sobre a atrocidade cometida com um garoto que seria enterrado naquele mesmo momento. Em seguida, a estação trouxe entrevistas com pessoas do outro lado do conflito, derramando sua dor, como um membro árabe do Parlamento. O dentista explodiu de raiva: “Não entendo a mídia israelense”.

Ele completou dizendo que não podia aceitar que entrevistassem o outro lado, que era uma estupidez, pois se tratava de gente “ignorante”. Íris concordou, mas disse que também entendia o outro lado. O dentista retrucou, perguntando como era possível entendê-los, pois certamente “eles” estavam no caminho errado, e aquela situação provocava a guerra. Íris cortou o assunto. Mudaram de estação de rádio e houve uma nova discussão.

Atrás do carro do dentista, dirigia Shaul Takdim, com o rádio desligado, mergulhado em tristeza e melancolia pela morte da amante. Sentia de remorso por ter desligado o telefone na cara de Liat, no dia de sua morte. Havia também no cortejo carros de outros frequentadores da academia. Adir prestou atenção em quem foi ao enterro da irmã. Não eram muitos os presentes, uma contradição à vida de festas e algazarra promovidas por Liat. Durante o comboio, a chuva engrossou.

Naquele final de tarde, os Beit Halahmi estavam agitados. Ouviram a notícia no jornal das 8h da manhã de que receberiam a visita do presidente, Reuven Tekoa. Kati limpou as escadarias e ficou pensativa sobre qual impressão dar a ele. Queria que o Reuven Tekoa tomasse providências ao ver que a família estava no fundo do poço. Por outro lado, orgulhosa, queria gastar todo o dinheiro que tinha para servir bem ao presidente e honrar a visita.

Depois de limpar cada canto da casa, recebeu um telefonema da assessoria do presidente comunicando-lhe de que ele precisaria ir a um enterro e fazer cinco visitas de condolências, e que aquele encontro precisaria ser adiado, sem data definida. Era uma questão de prioridades. Talvez, depois de um cessar-fogo, ela entraria novamente em contato. Kati disse, quase chorando, magoada, que não havia problema, enquanto limpava a televisão automaticamente. O telefone novamente tocou e ela até pensou que poderia ser da parte do presidente, dizendo que ele insistira em vir, apesar de tudo. Mas

foi outra boa notícia. Era da produção de “Na varanda de Effi”, convidando-a para participar do programa da sexta-feira. A gravação era naquele dia mesmo, os produtores viriam apanhá-la para ir ao estúdio. Pensou que, talvez, a vida tomasse outro rumo, com ela famosa.

Kati lavou o rosto, pôs pouca maquiagem, já que sabia que no estúdio trabalhariam a sua beleza. Sentia que uma mudança estava para acontecer que a faria deixar aquela vida ordinária.

Naquele meio segundo em que lamentou que o presidente não viria, a chuva engrossara e acontecia, ao mesmo tempo, o enterro de Liat e de um garoto morto em um atentado terrorista.

A cova de Liat logo se encheu de água e Adir ficou incomodado com a cena, pensando se deixariam por descaso o corpo da irmã ser enterrada boiando.

Durante o enterro de Liat, houve um incidente. Íris ficou terrivelmente constrangida por ter se esquecido de desligar o aparelho de celular na bolsa. Na hora do sepultamento, ele tocou alegremente a música “Diva”⁴⁰. Adir quis matá-la por isso. Afastada da cena do enterro para procurar o telefone na bolsa, um policial repentinamente apareceu, apontou-lhe uma pistola e gritou: “Mãos para o alto; não se mexa!” Depois de minuciosa vistoria, foi dispensada. Ruborizou, por ter sido humilhada em público. O episódio a deixou estarecida: “Eram dias difíceis, mas suspeitar dela?”

Teve que esvaziar a bolsa no chão, atraindo os olhares dos que foram ao enterro de Liat, fascinados com a abordagem. As pessoas que também prestigiaram o garoto morto no atentado também olhavam para ela. Havia ainda televisão, microfones, o presidente de Israel fazendo a elegia do rapaz. Ficou com imensa vergonha de voltar ao funeral de Liat, depois da humilhação que sofrera até mesmo na frente do presidente.

⁴⁰ Canção que representou Israel e foi vencedora no festival Eurovision de canções, em 1998, interpretada na voz da transexual Dana International.

Quando voltou, o túmulo já estava coberto de flores. O dentista olhou para Íris e comentou que a colocaram numa cova cheia de água e a cobriram com lama. Permitiu-se chorar, enquanto Adir exaltava as qualidades da irmã. No caminho de volta dos funerais, o presidente soltou um longo bocejo.

Íris deu uma indireta no dentista, dizendo que ouvira que ele era um ótimo profissional. Quem contara foi Liat, depois de um clareamento de dentes. Ele lembrou que ela o deixava louco, pois queria clareá-los compulsivamente. Ligaram o rádio, ouviram o noticiário.

Na hora em que Íris iria pedir a ajuda de Danziguer, o celular dela tocou novamente. Era Adir contando que brigara com Tasaro, que queria cozinhar comida etíope para o período de luto. Ele ofereceu a ela boa quantia em dinheiro, mil dólares, para que preparasse o apartamento de Liat para a *shivá* e oferecesse as refeições aos presentes. “Comida judaica, simples e sem gosto”, recomendou Adir.

Ficou pensando o que fazer com mil dólares. Precisaria comprar a máquina de lavar, pagaria o que devia no mercado, faria as compras para o mês, encheria o tanque do carro. À noite, sentou-se em frente à televisão para fazer os cálculos, enquanto ouvia o ruído do noticiário. Mostravam os mortos dos ataques do dia, os terroristas etc.

Quando houve a fala do presidente, Íris prestou atenção em seu discurso, que pedia para que os israelenses se mantivessem unidos e ajudassem a superar aqueles tempos tão difíceis. Legendas passavam pela tela, na parte debaixo, com as frases marcantes dos dizeres de Tekoa: “Presidente declara Israel zona de desastre natural”. E desligou a TV.

Adir encerrou o período da *shivá* constatando que apenas algumas dúzias de pessoas apareceram no apartamento, não centenas, como imaginara. Perguntou-se por

que tão pouca gente aparecera. A explicação lhe parecia óbvia em tempos tão sombrios: “As pessoas estavam cansadas da morte”.

A semana de fama da família Beit Halahmi começou com a publicação do relatório de pobreza e, em consequência da publicação desse relatório, a emissora local mandou uma equipe para visitá-la. “O circo que a mídia montou” em torno da família teve fim com um comentário inexpressivo no noticiário de 27 de *tevet*. Naquela segunda-feira, o apresentador do programa matutino anunciou que a pobreza não merecia mais o centro das atenções da imprensa, já que a frequência dos ataques terroristas era mais evidente.

Sendo assim, Kati, que participaria do programa de Effi, teria sua participação diminuída para apenas um minuto e meio de entrevista. Pensando que em breve estaria no passado para a mídia, a moça que representava a pobreza “ficou em pedaços”. Na volta, o táxi que a trazia para casa percorria, em alta velocidade, o caminho com neve e temperatura abaixo de zero. A pressa do motorista representa a vontade dele de removê-la rapidamente “da esfera do interesse público”, pois já estavam cansados dela.

Mas não era à toa que havia uma mudança de foco no noticiário. A semana começara com dois violentos ataques terroristas. Assim, aumentava o trabalho do presidente em visitar hospitais, ir a funerais e oferecer condolências aos familiares de um falecido.

No dia 28 de *tevet*, o presidente passou por um ecocardiograma por causa de taquicardia. Ao entrar em um hospital de Haifa para visitar as vítimas de uma bomba que explodira no pedágio da estrada, perdeu a consciência e desmaiou. Essa cena do presidente ao chão, com seguranças curvados sobre ele sem saber o que fazer, estampou a primeira página dos grandes jornais. Nas redações de rádio e televisão decidiram preparar às pressas o perfil de Tekoa, no caso ele viesse a falecer.

Não morreu e nem estava com gripe saúdita, como a TV estatal erroneamente divulgou. Era unicamente “exaustão”. Publicaram os perfis assim mesmo, mas sem o final triste. A mídia também divulgou o pedido dele aos médicos de ficar o menor tempo possível internado, “para liberar o leito”. Também alguém deixou chegar à televisão que o presidente estava com a hemoglobina baixa. Um repórter teve acesso à agenda do presidente e disse duvidar que um atleta de trinta anos suportasse tal pressão.

Tekoa se ausentou do serviço por três dias, ficando apenas um dia e meio no hospital. Depois de recuperar-se, continuou sua macabra tarefa rotineira de participar de enterros e velórios, e prestar condolências aos familiares da vítima.

Naquela semana, Boaz estava com os filhos Aaron e Topaz no sofá de dois lugares, assistindo à televisão, quando ele comentou que “o governo está de mãos atadas” diante da situação de guerra e da crise econômica israelense.

A televisão também mostrou famílias chorando, ao sair do IML. “Coitados [...] têm de fazer o reconhecimento de pedaços de seus parentes. Dentes, mãos, sapatos, anéis. De ataques assim não se sai inteiro. Uma pessoa explode em mil pedaços”.

Enquanto a tela registrava a imagem das vítimas em sequência, mais uma vez Boaz comentava sobre a dura realidade de um país, alvo de atentados constantes: “Às vezes não resta nada para ser enterrado, então eles colocam pedras, ou pedaços de madeira, e assim as famílias pensam que estão enterrando alguma coisa”. O âncora dava precisamente o horário dos funerais e a idade dos mortos, embora às vezes tropeçasse em um ou outro nome mais complicado.

Após o período da *shivá*, Adir fez um balanço sobre o que foi consumido: três quilos de açúcar mascavo, um pacote de sacarina, dois vidros de café comum, dois de descafeinado e dez litros de leite semidesnatado. Íris não só preparava as refeições e o que era servido, como também limpava o apartamento quando todos iam embora. A

responsabilidade da limpeza, no entanto, cabia à Kati. Porém, ocupada com as sessões de fotos e exposições midiáticas, ela raramente apareceu. Naquele mesmo período, ela deixou até de acompanhar sua novela predileta, “Por causa de um Beijo”, que narrava os infortúnios da heroína Claudia Helena, que tanto comoviam a faxineira.

Boaz irritava-se com a mudança de comportamento da esposa, que não se interessava pelas mesmas coisas desde que começou a ser exposta na mídia, e cada vez que repórteres deixavam o apartamento, ele resmungava que não queria jornalistas fumando em casa. Em determinado momento, estourou, gritando e perguntando qual era o problema dela. “Eles tiraram fotos suas, mostraram seu rosto na televisão, falaram de vocês nos jornais e, como resultado, você se esquece de onde veio?” Lembrou a ela da favela de Ramle, enfatizando que Kati não deveria se esquecer de seu passado.

A justificativa dela era que pelo menos fazia alguma coisa para tirá-los daquela situação. Kati retrucou que ele não ligava para ela, nem para os filhos, nem para o futuro. Boaz também não comparecia à Previdência Social, nem procurava emprego.

Nos primeiros dias do mês de *shvat*⁴¹, Kati decidiu aproveitar ao máximo os dias de glória. Mas sentiu um vazio tremendo ao perceber que seu trabalho nada tinha de importante que valesse a pena contar. Era o contrário daquilo de que ela mais gostava: ser tratada como estrela, buscada em casa de táxi para ir ao estúdio, para relatar sob os holofotes as desgraças de sua vida repetidamente.

Quando se deu conta de que não viveria mais aquele momento de glória, os elogios das maquiadoras e a expectativa para entrar no ar, abalou-se. “A estrela temporária caiu em melancolia profunda”. Ao voltar-se para a limpeza das escadarias, não foi reconhecida pelos passantes. Olhou o balde cheio de água escura de sujeira e chorou intensamente. Relembrou-se de como era delicioso ser bem tratada pelos profissionais da maquiagem e dos profissionais dos estúdios de TV.

⁴¹ Corresponde ao 5º mês do calendário hebraico.

Após o término da *shivá* de Liat, Adir, Tasaro e Íris comentaram sobre a possibilidade de colocar uma lápide no túmulo de Liat. Íris sugeriu andar pelos arredores do campo santo, onde havia algumas marmorarias. “Talvez encontre uma promoção”, disse ela, deixando Adir perplexo com o comentário. Íris ruborizou e se deu conta da estupidez de sua observação e achou que o casal comentaria a respeito da grosseria dela: “Promoção para lápides? Duas por uma, por exemplo?”.

Mas eles comentavam que tinham vindo poucas pessoas prestar condolências ao fim da *shivá*. Tasaro consolou o amado, dizendo-lhe que talvez as pessoas tivessem aproveitado para fazer compras. Afinal, “a vida continua”. Ela temia que o amado entrasse em depressão profunda e não quisesse mais formar uma família com ela. Pararam na frente de um banco, onde Adir pegaria dinheiro para pagar o restante do trabalho de Íris.

Íris, segurando a mão da filha Herut, foi ao encontro de Adir e pegou dinheiro. A menina estava gripada e febril. A mãe a deixaria com a vizinha viúva, pois agora que estava “rica”, queria comprar de imediato a nova máquina de lavar. Pegou um táxi e pediu ao motorista que a levasse a uma boa loja de eletrodomésticos em Tel Aviv. No caminho, ele a avisou que naquele momento ocorria um tiroteio, em um bairro de Jerusalém, e batedores precisariam fornecer informações sobre os caminhos seguros. Ele queria conversar sobre política, ou mesmo sobre o que vira no canal “National Geographic”, mas Íris não parecia querer ouvi-lo. Queria pensar que tudo mudaria. Há poucos dias contava as moedas para lavar e secar roupas na lavanderia, e agora, depois de suportar a humilhação de servir comida durante os sete dias de luto por Liat, sua situação mudara.

Foi revistada na entrada da loja, como é costume em Israel, e entrou. O primeiro pensamento foi: “Só espero que não haja nenhuma bomba aqui”. Na volta, pegou um

ônibus. A máquina só seria entregue em dez dias. Sentou-se na parte de trás, mas não conseguia aproveitar a viagem, olhando a paisagem a esmo. Procurava entre os passageiros se havia algum com rosto suspeito.

Dessa vez, havia uma pessoa “estranha” sentada no centro do veículo. Era um rapaz com traços dos povos do Oriente Médio segurando uma grande bolsa de lona. Pensou que, para evitar uma tragédia, precisaria agir. Ela sussurrou a informação ao motorista, que desviou o ônibus para o acostamento, abriu as portas e gritou para que todos deixassem o “atentado” imediatamente, pois os freios não estavam funcionando. O ato falho levou os passageiros a fazerem ligação com o noticiário noturno e saíram correndo, inclusive Íris e o moço suspeito. Os transeuntes correram, já aguardando a explosão.

O motorista alcançou o suspeito, empurrou-o pelas costas, a bolsa caiu longe. Chamaram a polícia, que chegou em pouco tempo e cercou a área. Íris queria ir embora, ao mesmo tempo que queria muito ver o que aconteceria, afinal, “jamais estivera na cena de ataque terrorista”. Imaginou-se como testemunha, relatando os fatos, com curativo no rosto. O homem apreendido falava hebraico sem sotaque árabe e implorava que acreditassem que ele não era um terrorista, quase chorando de humilhação. Ele retirou a identidade israelense do bolso. Apenas tinha traços típicos dos judeus orientais, provavelmente pele mais morena, olhos amendoados, como a própria Íris e alguns policiais e transeuntes.

Ela continuou a pé e pegou outro ônibus, já que “não estaria no noticiário das cinco como testemunha”, ou ao vivo, “caso o massacre tivesse sido muito ruim”. Antes de voltar para casa, caminhou pela região para se acalmar. O coração ainda estava muito acelerado por conta do incidente.

No caminho de volta, recebera a ligação de sua vizinha avisando que Herut tinha vomitado. Íris apressou-se, chegou em casa, pegou a filha, e a levou ao pronto-socorro, onde ficou internada para observação. Íris sentiu-se muito só e fragilizada com a situação e telefonou ao primeiro marido, para que ele pegasse os mais velhos na escola e os levasse para casa dele, para que ela pudesse permanecer ao lado da filha.

Othniel apareceu para visitar a filha no hospital. Os dois mais velhos tinham ficado no carro, “porque no hospital há muitos micróbios”. Quis saber como Herut estava. Ela agarrava o pai de felicidade, o que deixou Íris com ciúme. A pequena ficou internada por dois dias. Somente nesse período recebeu a visita do pai. Normalmente, ele não demonstrava preocupação com as crianças.

Íris contou aos filhos que comprara uma nova máquina de lavar roupas. Eles replicaram dizendo que queriam mesmo era um computador. Ela prometeu que isso aconteceria logo, assim que arrumasse um emprego; que compraria um a prestações.

Já Kati Beit-Halahmi afundava-se de tristeza. Enquanto limpava as escadarias de um prédio, sem vontade, deixando a água negra no balde, só pensava em como era ruim ter sua presença ignorada. Chutou o balde e deu um grito o mais alto que pôde. Quem ouviu podia pensar que ela enlouquecera.

Voltou para casa. Fumou um cigarro escondida, aproveitando que estava sozinha, e consultou o caderno de anúncios e serviços “Páginas Amarelas” para procurar uma saída. Pensou que talvez ler a bíblia seria o mais adequado para aplacar a melancolia, mas naquele momento precisava não de algo sagrado, mas de ajuda imediata.

Folheou, sem saber o que procurava precisamente. Ela aprendeu a ler sozinha, incentivada pela humilhação de Boaz, que a chamava de analfabeta. No índice, encantou-se com o item “Maquiagem – Cursos”. Enquanto trabalhava com faxina,

poderia paralelamente aprender a ser maquiadora. Ela já tinha noções básicas, depois de ser tantas vezes preparada nos camarins dos programas de televisão.

Na sequência, seu olhar se ateve ao “Outra Face – Escola de Maquiagem de Angélica Gomeh”, que funcionava em um prédio que pertencia a Adir Bergson, depois que herdou todos os bens que compartilhava com Liat. Angélica Gomeh era uma viúva que perdera o marido em acidente de trânsito, um ano depois da morte do único filho do casal, durante um acidente em que helicópteros levando tropas para a frente de batalha se chocaram no ar.

Kati pensou na inconsequência de seu ato, de largar o trabalho no meio do expediente para ligar para um número interurbano, que custaria mais do que sabia que poderia pagar.

Quando discou o código para Tel Aviv, tinha plena certeza de que não poderia mais ser faxineira, lavar escada, torcer panos úmidos. Mas ela não poderia deixar aquele emprego, do qual dependia o sustento da família, o que os condenariam a uma pobreza ainda maior. Mas precisava dar um basta. “Não podia mais suportar o abismo entre a realidade e o que ela queria”.

Ela já havia decidido que não poderia continuar na atual função, mesmo que fosse preciso inventar uma doença mental para ganhar uma pensão, manipulando o sistema. Para escapar “daquela vida que vivia e que deseja vomitar”, ligou para o número de Angélica Gomeh.

Quando a viúva atendeu com um “alô”, ficou decepcionada por não ouvir algo como “escola de maquiagem, boa tarde”, mas prosseguiu com a ligação. Disse que ligava por causa do curso. Angélica estranhou, pois Kati, de quarenta anos, era muito jovem para participar dele. Ela estranhou, mas ao perguntar se ambas falavam do mesmo assunto, foi interrompida por uma buzina ensurdecadora. Angélica pediu que ela

ligasse em alguns minutos, pois seu carro estava bloqueando passagem de um caminhão.

Ao voltar ao apartamento, a professora ficou à espera da nova ligação proveniente da cidade de Lod, pensando que, com tempos difíceis, até aceitaria ter uma aluna de apenas quarenta anos para o curso de desenho. Por causa do frio, os aposentados estavam com medo de pegar gripe nos parques, então faziam desenhos a partir das pinturas que ela fornecia.

Não esperou Kati retornar a ligação, foi Angélica mesma quem tomou a iniciativa, surpreendendo a interlocutora, que tentaria ligar em outro momento mais “seguro”, sem perigo de ser vista pelo marido. Marcaram o encontro na casa da professora, em Tel Aviv, dali a dois dias.

Depois, ligou para cada morador do condomínio em que trabalhava limpando as escadas, dizendo que estava de aviso prévio, por motivos pessoais. Perguntou a respeito do seguro, e ouviu que teria direito a ele, afinal, foram muitos anos naquela função quase sem reclamação dos moradores. Pensou em manter o trabalho no banco, enquanto não arrumasse emprego de maquiadora. Conseguiria pagar o curso com o dinheiro do seguro, apostando que a professora facilitaria a forma de pagamento.

O dia 12 de *shvat* foi o mais frio da história de Israel. Os meteorologistas explicavam como era possível nevar até mesmo na planície costeira. Os noticiários do dia foram mais longos, não por causa dos últimos ataques terroristas, mas sim por aquele dia atípico de frio, mesmo durante um inverno singular.

Nos debates que aconteceram depois do noticiário dos canais importantes, houve comentadores políticos e militares nas bancadas televisivas, mas, sobretudo, o espaço era ocupado por meteorologistas especializados em mudanças climáticas, precipitação de nuvens etc. Quando concluíram que a alteração no tempo fora causada por uma

erupção vulcânica nas profundezas do mar Negro não prevista, disseram que todas as equipes de previsão do tempo em Israel deveriam ficar de licença até que uma comissão examinasse o problema.

Naquele inverno, perceberam que, quanto pior ficava a situação política de Israel, os atentados, o aumento do número de mortos etc., mais as pessoas desviavam o assunto para falar do clima. Era preferível abordar a questão climática a enfrentar o assunto da recessão na economia e o aumento do terrorismo.

Naquela noite, Íris pôs os três filhos para dormir às 22h, de bom humor, por causa do bom funcionamento da máquina de lavar. Nem mesmo se importou se a conta de luz fosse “para a estratosfera”, como ela disse, devido à quantidade de peças acumuladas. Enquanto a máquina fazia o serviço, sentou-se na sala e ligou a televisão, diretamente em um canal de debates sobre se houvera ou não incompetência dos meteorologistas na falta de previsões.

Naquele momento, com o inverno atípico, dificuldade de lavar e secar as roupas o aumento da conta de eletricidade, pensou com remorso se não deveria ter ouvido as crianças e comprado a elas um computador. Tentara se convencer, sem sucesso, de que ter comida e máquina de lavar era o mais importante. Cogitou ligar para o ex-marido, Othniel, e pedir que desse para os filhos o que eles queriam. Mas ele certamente recusaria e ela teria gasto à toa uma ligação para Jerusalém.

Cansada de ver os debates na tela, mudou de canal até se deter em um de filmes, como muitos dos que vira, com imagens rápidas e pessoas conversando. Logo o filme chegou ao final, e ela pensou que tinha valido a pena ter assistido, por ter ouvido um comentário de um ator. Repetiu a frase para si mesma, em inglês: “*Nothing is lost, but everything is past*”, “Nada está perdido, mas tudo ficou no passado”. Sentiu como se a frase explicasse muito da vida. Voltou para um canal local, onde havia um novo debate

sobre o clima e pensou em Adir e a opinião dele sobre o assunto, mas não convinha ligar a ele por isso.

O dia dela fora difícil, com as crianças fingindo doença para não ir à escola, reclamando que não tinham roupa de marca e nem computador. Um dos filhos jogou em sua cara que nem conta no banco ela tinha, então como ela poderia resolver tal situação.

Na discussão, gritou e agrediu o filho, que retrucou, acusando-a de estar maluca e que em breve estariam em um hospício. O outro disse que precisava de 120 *shekels* para um passeio na escola, mas ela disse que não tinha. Ele insistiu, dizendo que não poderia dar novamente essa justificativa na escola. Então Íris tirou da bolsa o valor e ouviu dos filhos: “então agora você tem?” Era para o supermercado. Teria de se contentar apenas com pão e leite. Pensou se não deveria aproveitar a gasolina do carro para ir a um hospital, pois talvez ela tivesse enlouquecido de fato, pois não se lembrava de ter tido um rompante, um descontrole emocional com os filhos, como o que tivera na discussão com eles.

Vestiu o casaco mais quente que possuía e tentou sair, mas o carro não funcionou: a bateria tinha arriado. Nem ir para o hospício ela podia, pensou. Enquanto acendeu um cigarro na varanda, ficou observando as grandes pedras de gelo que castigavam a Rua dos Profetas. Imaginou-se de repente em um programa de televisão de perguntas e respostas, precisando dizer o nome dos doze profetas, para ganhar meio milhão de *shekels*. Não conseguiu. Foi ao quarto das crianças e abriu a bíblia, para ver qual tinha faltado.

Em seguida, foi à sala e ligou a televisão. Falava Yael Dayan⁴², a quem muito Íris admirava. Chegou até a escrever uma carta para o jornal apoiando suas atitudes, mas

⁴² Yael Dayan, nascida em 1939, é filha do general Moshe Dayan. Atuou como membro da Knesset (Parlamento israelense) entre 1992 e 2003, pelo Partido Trabalhista. Em 1993, tornou-se a primeira parlamentar israelense a se encontrar com o líder da OLP Yasser Arafat e participar de conversações. Por causa disso, foi condenada pela imprensa e por seu próprio partido. Ela também atuou na liderança da Bat Shalom ("Filhas da paz"), organização feminista pacifista que reúne mulheres israelenses e palestinas em defesa da igualdade de direitos para cidadãos

essa carta nunca foi publicada. Somente à noite conseguiu encontrar um pouco de paz e sossego, na frente da televisão. À noite, mais calma, deu graças a Deus por não ter conseguido dar a partida no carro e ficar presa no hospício. Deteve-se em um canal de músicas. Dançavam ritmos que ela não conhecia, e temeu estar ficando por fora. Às 23h o telefone tocou. Era Adir propondo outro trabalho para ela: limpar a casa de Liat. Ele não tinha vontade de fazê-lo, não queria mexer nas coisas da irmã falecida e estava se sentindo péssimo por causa das crises de asma.

Queria alugar ou vender o apartamento da irmã, ainda não tinha decidido, mas precisava-o vazio, “sem nem sentimentos”. Falou para Íris recolher tudo o que fosse de seu interesse. Para o resto, deveria ligar para números das “Páginas Amarelas” que anunciavam pessoas que comprem qualquer coisa e tentar fechar negócio. Ele só queria guardar a coleção de calendários.

No ímpeto, Íris perguntou por que Tasaro não assumia essa tarefa. Era porque não tinha envolvimento sentimental, explicou Adir. Além disso, ela andava ocupada, com sessões de fotos para um livro de culinária etíope. Perguntou quanto ela queria pela tarefa. Íris respondeu “300”. Ele respondeu que tudo bem, válido pela taxa de câmbio daquele dia. Mas ela tinha pensado no valor em shekels, não em dólar. Foi à loucura com a constatação de que ganharia muito mais do que esperava. Ligou para o dentista Danziger na manhã seguinte e agendou uma consulta para aquele mesmo dia.

No dia seguinte, o granizo que caía na cidade era assustador. As pedras de gelo tinham cinco a oito centímetros e demoravam horas para derreter. Cientistas, alarmados, trancavam-se em seus laboratórios com amostras delas, fazendo cortes longitudinais para estudar quais nuvens seriam capazes de produzi-las.

árabes e judeus no Estado de Israel. Em 2004, nas eleições municipais de Tel Aviv, liderou a lista do Meretz e aliou-se à coalizão de apoio a Ron Huldai. Atualmente (2012), Yael Dayan é membro do Conselho Municipal de Tel Aviv, vice-prefeita e responsável pelos serviços sociais do município.

Kati foi encontrar Angélica Gomeh. Naquela tarde, faria limpeza no banco, o emprego em que não estava de aviso prévio. Contava com o seguro do outro emprego, mesmo sem ter trabalhado de maneira formal, com carteira assinada. Se não pagassem, não poderia arcar com as despesas do curso, nem poderia esconder do marido que não estava mais trabalhando na faxina das escadarias.

Mas algo lhe dizia que não precisaria se preocupar. Havia um plano de emergência, inspirado na novela “Por causa de um beijo”, para ser colocado em prática “se e quando”, uma expressão que adorava ouvir e tentava aplicar em todas as situações.

No ônibus para Tel Aviv, via as enormes pedras de gelo caindo do céu, o cenário sombrio e as pessoas apáticas. Mas ela não – rumava a uma nova perspectiva de mudanças, feito uma pioneira.

Na estação rodoviária pediu informações sobre a rua Naum. Estava certa de que perguntariam o sobrenome dessa pessoa. No ônibus também não houve problema para identificarem qual rua ela gostaria de ir. Adiantada em meia hora, decidiu andar pela região e conhecer a zona norte de Tel Aviv com os próprios olhos. No campo de Ramle falavam muito sobre essa região nobre, sobretudo que as pessoas de lá tinham tudo: banheiros, chuveiro, água corrente abundante, geladeira, fogão e a maioria dos filhos tinha um quarto só para si. Estranhou o fato de que as ruas da região fossem conhecidas pelo primeiro nome. Pensou que poderia ser uma espécie de “protectzia”. Parou uma moça na rua, para questionar a respeito. Era Íris, a caminho da casa de Liat, onde faria a limpeza do apartamento a pedido de Adir.

Kati perguntou se Íris sabia por que motivo não havia sobrenome nas ruas, “Ezequiel, Miqueias, Naum”, se era um tipo de proteção especial. Íris respondeu que o motivo é que eram profetas, a referência era bíblica. A moça que a parara na rua tinha

rosto familiar, parecia maluca. De repente lhe ocorreu que aquela situação fosse uma “pegadinha” da televisão, com câmera escondida.

E então Íris explodiu de raiva, perguntou se eles não tinham mais o que fazer do que parar pessoas na rua para fazer perguntas idiotas, se não deveriam se preocupar em fazer programas sobre coisas reais, como pobreza e desemprego. Kati ficou estarrecida sem entender a reação desproporcional diante de sua pergunta. Mas elas se distanciaram, pois logo voltou a chover granizo. Kati abriu o guarda-chuva que ganhara na sua primeira aparição televisiva e seguiu para a rua Naum.

À porta de Angélica Gomeh, Kati tocou a campainha inúmeras vezes no apartamento que não apresentava referência de que funcionasse lá uma escola de maquiagem. Aguardou por meia hora. A professora estava num longo e demorado banho para se aquecer, “pois usar o aquecedor custava caro demais”.

Quando Angélica apareceu, Kati deixou a irritação de lado. Observou com estranheza o enorme pincel que ela tinha nas mãos, que não se assemelhava ao que ela conhecia para fazer maquiagem. Achou a professora com hábitos estranhos e com a casa que nada se assemelhava ao que ouvira na infância sobre as moradias da zona norte de Tel Aviv. A casa tinha cheiro de cigarro, estava cheia de entulhos e as paredes eram coloridas.

Angélica mencionou que estava terminando uma pintura para os aposentados. A professora contou que, desde a morte do filho, dedicava-se a dar aulas de pintura para eles. Kati não entendeu por que ela parecia tão mal cuidada e não havia espelhos nem sinal de maquiagens na sala. Veio então a surpresa. A dona da escola mudou de ramo e especializou-se em aulas de pintura para idosos. Com a constatação, as lágrimas correram pelas faces de Kati.

A faxineira contou a tão relatada história de sua vida à ex-maquiadora e não poupou detalhes, nem mesmo o ostracismo imposto pela família do marido. Kati chorou sem parar. Na falta de lenço de papel, Angélica trouxe papel higiênico, o rolo inteiro. Ansiosa por mudanças urgentes em sua vida, Kati lhe implorou aulas particulares, independentemente do preço cobrado e ouviu que precisaria arrumar oito mil shekels para que pudesse realizar o sonho de deixar a pobreza e entrar para o meio artístico.

Angélica ensinaria a arte por completo, a maquiagem utilizada em eventos, televisão e cinema. Depois, faria recomendações da aluna para seus contatos profissionais. Bastava que ela tivesse o dinheiro para as aulas começarem. Kati prometeu à professora que arrumaria o dinheiro nos dias seguintes, afinal, queria muito realizar o sonho de trabalhar com artistas.

Outra personagem deslumbrada com o universo televisivo era Tasaro. Novamente ela é mostrada assistindo à televisão, lendo as legendas em hebraico do programa de Ricki Lake, que anuncia “Bem-vindo de volta ao nosso show”. A modelo até dominava o inglês, mas optava por ler as legendas, quase de forma automática. Diante da tela, ficava absorvida por seu programa predileto. Tratava-se de levar uma pessoa ao programa, indicada pelas amigas, que passaria por uma transformação total de cabelo, roupas e maquiagem. Com a melhor aparência possível, ela precisaria apenas tomar coragem de dizer na frente do amado trazido ao programa, da plateia e de milhões de espectadores: “Eu te amo, você me quer?”.

E a modelo torcia pelo final feliz, o que raramente acontecia. Diante da decepção de ser dispensada pelo amado, a apresentadora apenas lamentava pela tristeza da protagonista, indicava que ao menos ela tinha aprendido algo e que a dor passaria. Tasaro não suportava o fato de que na vida as coisas fossem temporárias, queria Adir para sempre. Desligou a TV e pensou que tinha sorte de ter Adir, não era como as

mulheres que iam ao programa de Ricki Lake, que se humilhavam. Ao pensar na vida do Sudão, a difícil travessia para chegar a Israel, a morte do pai, agradeceu, enfim, que as coisas tinha sido temporárias e que o pior havia ficado para trás. Para a modelo, Adir era o anjo que salvou sua vida, e o amava, como diziam as mulheres que iam ao programa de Ricki Lake. Quando no programa iam brancos e negros, sentia grande esperança sobre seu relacionamento com Adir.

À apresentadora do programa, devia seus conhecimentos de hebraico, pela vontade de entender o que a plateia como os convidados diziam. Também assistindo à TV aprendeu a escrita e a ortografia. Era um hebraico aprendido das legendas de filmes. Essa relação era tão curiosa que, quando conversava, via letras brancas na tela, como se lesse um texto. O maior sonho era dominar o hebraico sem sotaque estrangeiro, como Adir e Íris.

Nos comerciais em que aparecia, nunca a deixavam falar. Quando descobriu que era dublada, ficou muito ofendida, pois embora ganhasse bem como modelo, queria ser atriz de verdade, mesmo com as pessoas à volta dizendo que ela não tinha chance. A agente de Tasaro não permitia que ela começasse a carreira como figurante, pois acreditava que isso arruinaria a carreira dela, que estava sendo construída a longo prazo.

Tasaro aproveitou o dia 15 de *shvat*, o primeiro seco depois de semanas de chuva torrencial, para visitar a mãe e irmãos em Natanya. Uma vez por mês, deixava a vida de israelense. Havia um sentimento de culpa por ter deixado a família e conseguido “sair do gueto”. Por isso, sempre a modelo queria se desvencilhar do encontro familiar o quanto antes. Entre sete irmãos e irmãs, ela, justamente a caçula, foi a única que fez um esforço real para se enquadrar na sociedade israelense. Sentia um misto de vergonha e raiva da família.

Pensava com preocupação no futuro dos sobrinhos, dezesseis ao todo. Eles falavam uma mistura de hebraico todo errado com amárico. Jamais seriam bem-sucedidos desse jeito. Recomendava por várias vezes que assistissem às novelas espanholas e lessem legendas em hebraico.

No encontro com a família, em meio a tanto barulho, uma das irmãs pediu dinheiro a Tasaro, para si, os sobrinhos, a mãe, pois estavam sem nenhum. A modelo se sentiu na obrigação de ajudar e deu quinhentos *shekels*. Ensinou a eles como usar o micro-ondas, deixou aquele sentimento de inferioridade para trás e saiu daquela casa.

Na volta, enquanto ouvia seu *walkman*, ela recebeu uma ligação surpreendente da agente, que tinha conseguido um trabalho incrível para ela. Tratava-se de um teste de vídeo para ser a garota que gira a roda da fortuna na loteria, na televisão. Era uma oportunidade de exposição fantástica. Imaginou-se famosa por todo o país, motivo de orgulho para a família, pois não ganharia dinheiro apenas com a exposição do corpo, mas falaria em hebraico, teria um emprego “de verdade”.

Tasaro queria que o namorado conhecesse sua família, para compreender melhor seus costumes e de onde viera, mas nunca o encontro dava certo, por imprevistos diferentes, crises de asma ou desculpas dele, de não estar “emocionalmente preparado”.

Quando ela voltou para casa, esperou Adir, comentou a respeito de visitar a família. Ele teve um acesso de raiva. Ela justificou que era porque queria que casassem. Adir replicou, dizendo não entender por que ela precisava da aprovação da família e da certificação do rabino. O namorado disse que a amava sem precisar daquilo, enquanto mudava de canais, passando por vários de filmes. Um deles mostrava uma perseguição de homens brancos e um negro. Tasaro comentou que o negro morreria primeiro, e dessa maneira aconteceu. “É sempre assim, [...] o negro sempre morre primeiro”. Acusou-os de racistas, mas dirigiu-se diretamente ao namorado.

Tasaro alegou que, se não fosse por racismo, ele casaria com ela. Adir justificou que era apenas medo do desconhecido e que, por ele, as coisas ficariam como estavam. Além disso, as pessoas casavam por querer filhos, e ele não queria. Dispensava as crianças, porque não queria “produzir mais uma geração para a catástrofe”. E a outra justificativa é que seria um casamento inter-racial: “sabe o que isso significa em Israel?”

Em seguida, admitiu – era uma racista prático. Para ele, os filhos de ambos seriam exóticos, um “fenômeno genético”. Não se achava pronto para ser pioneiro e querer que as pessoas aceitassem aquela “mistura”. Ele acrescentou que o casal seria conhecido não pelo nome, mas como “a negra e o branco”. Ao caminharem, seriam apontados: “vejam, é o tabuleiro de damas”. Pediu que a namorada fosse realista, que Israel passava por uma crise e seria impossível saber sobre o futuro.

Adir alegou que queria permanecer anônimo no pequeno país. Não estava disposto a receber pesquisadores para entrevistas, nem ver atores de teatro e ouvir opiniões a respeito deles. Ressaltou que a amava muito, mas o casamento o assustava. Tasaro o chamou de covarde e foi tomar um banho de chuveiro, sua válvula de escape quando estava triste.

O casal ficou sem se falar por uma semana. O silêncio foi quebrado com a participação de Íris, que telefonou, e Tasaro atendeu por impulso. Entregou o telefone para Adir. Iris queria comentar que acabara a limpeza da casa de Liat, pediu diretrizes a respeito do que fazer com alguns itens decorativos. Ele respondeu rispidamente.

Quando desligaram, mencionou que ela se dirigiu a ele, mesmo que ela tenha dito apenas “é para você”. O clima ruim foi quebrado, ambos confessaram se sentir deprimidos naquela situação e concordaram em esquecer a história do casamento, pelo menos por um tempo.

Naquela tarde, Adir foi se encontrar com Íris em uma confeitaria do bairro, para que ele desse o restante do dinheiro que devia a ela pela limpeza do apartamento. Íris levou ao encontro uma mala que continha os calendários da coleção de Liat. Falaram sobre Tasaro e desejaram o bem um ao outro friamente. Íris guardou o cheque na carteira e correu ao banco Mizrahi, onde pretendia abrir uma conta. Estava cansada de ser tratada de forma rude porque estava sem crédito.

Quando Íris saiu da agência (fora a última cliente do dia), adentrava no local Kati Beit-Halahmi, a responsável pela limpeza do recinto. Os funcionários também tinham ido embora, exceto um, o diretor do departamento de moedas estrangeiras, que parecia muito jovem para o cargo.

Durante os dias que se seguiram ao encontro, Kati não voltou a entrar em contato com Angélica Gomeh. A professora já a tinha enquadrado no rol das pessoas que aparecem e desaparecem sem explicação.

Ao fazer a limpeza, Kati, em alguns momentos, lançava olhares furtivos ao funcionário retardatário. Estava nervosa, pois achava que chegara o momento perfeito para o “se e quando”, sua expressão predileta, ao pôr em prática um plano inspirado por Claudia Helena, a protagonista da novela “Por causa de um beijo”.

Constatou que tinha mais medo do marido, que em breve notaria a falta de dinheiro dela pela demissão de um dos empregos, do que do funcionário do banco, que no máximo causaria sua demissão. A situação estava ruim. Ela não receberia o seguro do condomínio onde limpava as escadarias. Os condôminos se reuniram em uma associação para essa decisão, chegando à conclusão de que ela não trabalhou com carteira assinada e nem tinha como provar que foi funcionária.

Durante a desinfecção de um telefone, pensou que a solução para salvar seu futuro era assumir “Claudia Helena” por alguns minutos. Incorporou sua personagem

predileta da novela e enquadrrou o funcionário do banco como vilão. Aproximou-se com os dizeres: “Eu sei de tudo. Acha que sou cega? Sou faxineira. Quando vejo sujeira, sei que é sujeira”. Ele pareceu não entender. Ela prosseguiu, perguntando se ele queria brincar com ela, se achava que era surda, pois ouviu “muita conversa”.

A grande ironia foi ver que ele de fato empalideceu, como o vilão da novela. Kati disse saber que havia muito dinheiro na história e que podia levar o que sabia à polícia. Ido, o funcionário, levantou-se e se aproximou. Ela contou que muitos o queriam levar ao “Gotcha”. O rapaz se chocou – o programa de televisão? Era para dar um flagrante, e a faxineira confirmou. O objetivo era filmá-lo, gravá-lo e mostrá-lo na TV. Suando no rosto e com expressão assustada, ele questionou Kati sobre o que “eles” sabiam e o que ela sabia sobre o caso. Ela sentiu pena e instigou se o motivo não seria pela hipoteca. Ido confirmou: “as contas castigavam todo mundo”. Mas nem todos roubavam por isso, ela retrucou.

Em plena crise psicológica, ele pediu que ela o escutasse, e desatou a falar de suas mazelas pessoais, a vontade de se mudar com a esposa e os filhos para Rishon, onde não houvesse tiroteio e não estariam em perigo. Em desespero, apelou: “Diga-me o que escutou e eu lhe darei algum dinheiro”.

Ele ofereceu dez mil *shekels* e disse que pararia com o que estava fazendo. Falaria com o gerente para interromperem as investigações. O pedido foi enfático: “Não deixem que me exibam na televisão, pelo amor de Deus!” Pediu com que ela pensasse na vergonha dos filhos dele, o quanto aquela exibição arruinaria sua carreira e que faria qualquer coisa para que aquilo não ocorresse. “Qualquer coisa, mas não as câmeras”.

Até mesmo para Kati aquela situação era irreal, parecia um sonho, ela só não podia mudar de canal. Questionou quando ele poderia dar o dinheiro. Ido pediu uma

semana para se organizar, disse que confessaria sua façanha ao gerente, que precisava pôr um ponto final naquilo, pois mal conseguia respirar de medo.

Ela disse que contaria o que sabia na semana seguinte, quando ele entregasse a quantia prometida. Enquanto ele escrevia desnortado o número do celular em um papel, Kati ligou para Angélica Gomeh marcando suas aulas para o início da semana seguinte. Mal podia acreditar no que estava acontecendo. Seguindo esse mesmo instinto misterioso, inspirado em Cláudia Helena, Kati escreveu um bilhete de demissão e pediu que o funcionário corrupto entregasse aos superiores.

Ao sair do banco, vento no rosto, sentiu a leveza de mandar embora 20 anos de fardo das costas para iniciar uma nova trajetória. Sentiu pena do funcionário de como ele suava frio de desespero. Pensou em correr de volta para dizer que havia mentido, mas não podia. Erradicou a raiva do coração com a justificativa de que uma oportunidade daquela era de uma vez a cada milhão de anos, e a vida já a havia castigado também.

Ao chegar em casa, ainda desnortada, encontrou o marido preparando uma omelete para o jantar, e a questionou se ela havia comprado o pão. Kati desculpou-se, primeiramente pelo frio, depois disse que deviam muito na padaria, por fim alegou que, caso as crianças sentissem fome, que comessem macarrão. Não combinava a mistura, mas quem tinha fome poderia comer qualquer coisa, disse ela, enquanto ligava a TV.

A televisão noticiava um atentado na cidade de Afula. Os olhos de Boaz também se entretiveram com as imagens mostradas. Um terrorista atirou em pessoas dentro de carros parados, depois foi detido por seguranças e morto. Mostraram na tela o corpo. Para Boaz, eles tinham todos a mesma feição. Kati interrompeu e anunciou que queria deixar um dos empregos. O marido a ameaçou dizendo a ela para não se atrever. Ele

completou que estava pensando em fazer um curso de qualificação e aceitar qualquer proposta.

As crianças entraram na sala, mudaram para o canal de novela, pediram permissão para comer em frente à TV. Ele negou, mandou que colocassem novamente no noticiário. Poderiam comer onde quisessem. Ele próprio comeria assistindo ao aparelho. Kati entrou no assunto de *Purim*⁴³. Queria que as crianças ganhassem o primeiro lugar no concurso de fantasias da escola.

Em 27 de *shvat*, Kati ligou para Ido, o funcionário do banco. Ele alegou possuir nove mil *shekels*. Acertaram que ela pegaria aquela quantia num primeiro encontro, e o restante no final de semana. Ele levaria um envelope, mas ela temeu que fosse uma arapuca. Ele jurou pelos filhos e cumpriu com o prometido, entregou a quantia correta, exatamente no horário estipulado. Já em casa, Kati ligou para Angélica Gomeh e marcou a aula para o dia seguinte.

Naquela noite, não se sentou ao lado de Boaz para ver na televisão o sorteio da loteria, como de praxe. Ficou na cozinha, lavando pratos, com o pensamento distante. Enquanto ouviu os números, tenso, Boaz se deu conta de que havia uma nova apresentadora. “Olha, Kati, contrataram uma garota etíope. Legal”. Com sorrisos brancos e olhos brilhantes, a modelo disse: “Se você não ganhou desta vez, talvez ganhe na próxima”. Boaz, com o mesmo azar de sempre nos jogos, disse à Kati que, se ganhasse aquela quantia, tirá-la-ia daquele lugar, iriam juntos para a Galileia. Lá, ele queria ter uma fazenda, criar galinhas e dar uma vida melhor aos filhos. Kati apenas concordava distraída, enquanto pensava em um bom local para esconder a maleta de maquiagens que a professora iria arrumar para ela.

Até a manhã

⁴³ Feriado que celebra a salvação dos judeus de serem exterminados por Hamã, o primeiro ministro do reino de Assuero, no antigo Império Persa. A história é relatada no Livro de Ester.

de sexta-feira, 30 de *shvat*, Adir aparentemente superara a queda de popularidade nas homenagens a Liat e tentava mostrar equilíbrio. Na colocação da lápide, um mês depois da morte, só havia ele e Tasaro. Foi então que se deu conta de que estava sozinho no mundo, sem sequer um único parente vivo. Encheu-se de medo, embora soubesse que essas reações emocionais não eram favoráveis a sua asma.

Pensou em Tasaro com orgulho, por ela ter conquistado a vaga de apresentadora da loteria na TV. De repente compreendeu o motivo da insistência dela com o casamento. Era para se livrar da incerteza, pois, ao viver isolada da família, de certa forma, também era órfã. Ao estar em casa sozinho, sentiu-se vazio e desolado. O desespero o fez crer que estava completamente dependente dela.

Adir viveu uma temporada na África do Sul; chegara um mês antes da libertação de Nelson Mandela. Do líder, guardou um pôster, leu tudo a respeito, pesquisou sua biografia, examinou seus discursos e ideias contra o racismo. Jamais esqueceria o que ele disse a um jornalista, ao ser questionado sobre o tempo em que ficou na prisão. Respondeu sem amargura: “É preciso olhar para a frente, e é isso que eu faço”. Adir olhou a entrevista pela televisão e admirou o líder profundamente.

Viveu no país por três anos, os mais felizes de sua vida. Foi prazeroso sentir distanciamento da sociedade israelense. Diante do inverno rigoroso, sentiu saudades daquele período de afastamento. Desde que voltou a Israel, sentiu nova vontade de arrumar as malas e partir. Cansara da violência, dos ataques terroristas, das mortes, da vida insuportável. Era como se soubesse que todos os vivos que lá residiam estariam mortos em breve. Não sabia qual seria a solução. Por isso, se Tasaro o arrastasse para o altar, ainda assim não conseguiria dele um filho para esse mundo sem esperança.

Pensou em levar a namorada para viverem no Canadá. Fazia planos, enquanto assistia a um comentarista que abordava as consequências dos últimos ataques terroristas. O comentário foi interrompido por uma notícia urgente, de última hora. Houvera um novo ataque terrorista no Monte Hermon, com estimativa de pelo menos dez mortos.

Com imagens ao vivo, apresentaram corpos espalhados e neve ensanguentada. Aquilo fora demais para ele, que tratou de desligar o aparelho de imediato, como se quisesse se afastar daquela realidade. Foi à cozinha, sentiu falta de ar e fraqueza. Tentou alcançar o botão de emergência que instalara em casa, mas caiu antes e desmaiou.

Em seguida, Tasaro, ao fim dos ensaios da apresentação televisiva, ligou para Adir, pois queria perguntar se ele já tinha ouvido a respeito do novo atentado. Sem resposta pelo celular ou em casa, rapidamente pegou um táxi. O motorista comentava a respeito do ocorrido no Monte Hermon, e aumentou o volume do rádio, para ouvirem as notícias. Entrou em casa, chamou os paramédicos. Tasaro permaneceu ao lado dele nos horários de folga, enquanto permaneceu internado.

Íris fora visitá-lo também. Passou antes em uma floricultura e gastou cinquenta *shekels*, refletindo que sua pobreza havia sido temporária. Tinha acabado de realizar o sonho dos filhos comprando um computador. Mas o tempo de bonança chegaria ao fim, se ela não conseguisse um emprego. Estava esgotada pelo medo. Na floricultura, viu que havia vaga para uma assistente. Ela devia três mil *shekels* ao dentista. Talvez ele perdoasse a dívida, caso se casassem. Mas, ao ver Adir, viu que não poderia se apaixonar por outro.

Tasaro acordou em pânico com um pesadelo em que Adir falecera, antes de ela contar a ele que estava grávida. Ligou rapidamente para o hospital e soube que o amado dormia. Ao desligar, fez um teste de gravidez comprado na farmácia. Era lógico, mas

ela não podia acreditar em seu descuido. O novo emprego a tinha distraído com as pílulas anticoncepcionais e o resultado era positivo.

Imaginou como contaria a novidade a Adir, se era melhor esperá-lo sair do hospital, ou contar lá mesmo, como garantia, caso ele passasse mal. Contou quando ele recebeu alta e estava prestes a ser liberado. Admitiu que se esqueceu de tomar pílula em alguns dias. Adir ficou atordoado, não se enervou. Riu quando ela lhe disse por que contara a notícia a ele dentro do hospital.

Caso ele quisesse, ela faria aborto, afirmou. Ele negou veementemente e, pela primeira vez, pensou em herdeiros para a lavanderia e até mesmo em se casar com Tasaro. Jamais negaria a paternidade da criança. “Que venha mais uma criatura para esse mundo, para tentar entender o enigma da existência”, disse.

Tasaro comentou que estava com medo de perder o emprego recém-adquirido. Foi reconfortado pelo amado dizendo que ambos brigariam por seus direitos. Caso isso acontecesse, usariam o argumento de que a gravidez no vídeo podia ser sexy. Adir pensou no filho que carregaria nos braços. Se fosse menino, pensou no nome “Nelson Absalom Bergson”; se menina, deixaria a esposa escolher um nome etíope.

Íris Ventura conquistou o emprego na floricultura durante a semana de *Purim*. Mira Brodsky a admitiu depois de fazer um teste com ela, montar um arranjo de flores. Íris, que era artista gráfica, passou com louvor. A dona da loja ficava com a caixa registradora. Deixou de dar conta de todo o serviço por problemas no joelho. Com o dinheiro que receberia no novo emprego, a pensão de Othiel e o auxílio-família da Previdência Social poderia criar as crianças com tranquilidade.

O *Purim* da família Beit-Halahmi foi especial como nunca antes. Kati já frequentava as aulas de maquiagem havia duas semanas. Escondia sob as roupas a maleta de maquiagem e transitava com sucesso entre a verdade e a mentira. Quando

voltava para casa depois da aula, e não do trabalho pesado de faxina, passava a noite tecendo as fantasias das crianças.

Boaz, machista, não se importava em ver a esposa, mesmo cansada do trabalho árduo do dia inteiro, acordada até tarde, para preparar a fantasia das crianças. Ele gostava de admirá-la costurando, enquanto assistia à televisão. Desviava os olhos para ela constantemente, com satisfação. Ao contrário dele, Kati encarava o trabalho doméstico com repulsa. Queria poder praticar novamente o que aprendera nas aulas em frente ao espelho, enquanto todos dormiam. Ela fazia planos para toda a família e imaginou que as crianças teriam orgulho de ter uma mãe maquiadora profissional, que tinha carreira, certificado, que trabalhava em estúdios, com estrelas de cinema.

Preparou ótimas prendas⁴⁴ para os filhos trocarem na escola com as outras crianças. Assim, os outros que as recebessem não sentiriam vergonha, como nos anos anteriores. Na manhã de Purim, Kati tirou a maleta do esconderijo e contou à família que a pegara emprestada de uma das moradoras do condomínio em que trabalhava.

A família ficou fascinada em ver o conteúdo da maleta, repleto de cores e pincéis de diferentes formatos. Kati pintou com maestria o rosto das crianças. O marido questionou-se como mãos ásperas de faxina eram capazes de fazer uma pintura no rosto com tamanha delicadeza. Quando Kati terminou, deixaram que os filhos se olhassem no espelho ao mesmo tempo. Fora um momento de imensa euforia e felicidade. Boaz se sentiu orgulhoso das “mãos de fada” da esposa. Ambos acreditavam que as crianças ganhariam o concurso de fantasias da escola, naquele ano.

Eles levaram segundo lugar. Mas isso não atrapalhou a animação, os filhos estavam orgulhosos e contentes. Sentaram-se para almoçar sem querer tirar as fantasias. Kati disse que iria trabalhar e levantou, segurando a maleta, com a desculpa de que precisaria devolvê-la à dona. As crianças insistiram em que ela pedisse para ficar com a

⁴⁴ Referência ao “Mishloach Manot”, costume da festa de *Purim* de se trocar entre amigos porções de alimento.

maleta mais um pouco. Ela disse que perguntaria e, assim que tivesse uma resposta, avisaria. Boaz avisou que, daquela vez, ela poderia ligar a cobrar.

Naquela noite, Boaz foi jogar sinuca com os amigos. Durante a partida, um deles disse que havia se consultado com um excelente místico em Jerusalém. Ele podia adivinhar o futuro a partir da numerologia, da astrologia e da borra de café, e resolver problemas de todos os aspectos. Boaz decidiu pedir o telefone do profissional e o armazenou no celular. Boaz esperou a esposa sair de casa para marcar a consulta. Agendou-a para 20 de *Adar*⁴⁵, em um escritório na Rua dos Profetas. Foi informado de que valor mínimo da consulta era duzentos *shekels*.

Naquela semana, o frio conseguiu ficar ainda mais agressivo, devido a uma frente que vinha da Escandinávia. A onda de ataques terroristas não cessava. Cabia à imprensa correr de um ataque para o outro para fazer o registro. A tela da televisão ficava dividida entre reportagens de locais diferentes. Na base da tela, disponibilizaram um número para informações sobre vítimas. As forças de segurança pediam aos habitantes que não se tornassem apáticos – era preciso se manter alerta o tempo todo.

Na noite anterior à visita ao místico, Boaz sacou duzentos e oitenta *shekels* no caixa eletrônico. O que não fosse destinado ao profissional, serviria para a gasolina. Quando amanheceu, Boaz não tinha olhos e ouvidos para mais nada ao redor, exceto ao que ocorria em sua mente, tamanho o grau de ansiedade. Disse “tchau” distraído à família e partiu para Jerusalém.

Ele estivera na cidade poucas vezes e quase nada aprendera sobre as ruas da cidade. No porta-luvas, tinha um mapa velho de ruas que o ajudaria a encontrar seu destino. Quando era motorista de táxi, portar aquele mapa lhe dava segurança. Mas, naquele momento, estava com medo.

⁴⁵ Corresponde ao 6º mês do calendário hebraico.

Ligou o rádio. Ouvia notícias não somente sobre o tempo, a neve e o trânsito, mas também as emissoras repetiam sem parar sobre seis alertas vermelhos para possíveis alvos em Jerusalém. Boaz ansiava por uma nova vida, queria enterrar o passado no fundo da terra, como lixo atômico, que vira em uma reportagem no canal “Discovery”. Os sinais físicos, como pulso e coração acelerados, denotavam seu pânico interior.

Lembrou-se de quando ganhara de um passageiro religioso no táxi uma fita com músicas de Zohar Argov, com a recomendação de que a ouvisse sempre que fosse a Jerusalém. Parou no acostamento e buscou-a no porta-luvas. Conhecía as músicas, eram sucessos antigos. Boaz não entendeu por que o passageiro tinha lhe dito para ouvi-las. Interrompeu a fita e voltou para o noticiário do rádio.

O locutor insistia nos alertas, nos possíveis alvos em Jerusalém, avisando que as forças armadas estavam a caminho da capital. Boaz, que fazia o mesmo trajeto, decidiu voltar a ouvir o cassete. Concluiu que o conteúdo reunia as músicas mais depressivas de Argov. Boaz concluiu também que o passageiro tinha a intenção de que ele se sentisse isolado e quisesse se refugiar em Deus. Questionando-se sobre o poder dessa força superior, “Boaz acreditou em Deus durante todo o trajeto até Jerusalém”. Uma das músicas, “Coisas Ocultas”, falava sobre o que nunca poderíamos entender. Ele se alegrou em pensar que estava a caminho de esclarecer algumas das suas dúvidas.

Na estrada bloqueada, foi parado por policiais armados e com coletes à prova de balas, mas, ao ter seu porta-malas revistado, pôde seguir adiante. Ouviu música *hassídica*⁴⁶ em uma estação religiosa, percorreu as estações procurando as que normalmente ouvia. O rádio começou a transmitir uma canção em árabe, e então ele o desligou, permanecendo em silêncio. Não por muito tempo, pois o silêncio que recaiu

⁴⁶ Referência à música típica do Hassidismo, movimento dentro do judaísmo ortodoxo desenvolvido na primeira metade do século 18, na Europa Oriental, com o rabino Baal Shem Tov.

sobre o carro o deixou inseguro. Deteve-se em uma estação local que explicava como se dava a formação de neve. Desligou o rádio, parou no acostamento e procurou no mapa a Rua dos Profetas. Ao seguir o caminho, teve que esperar o desbloqueio da rua Jeremias, interditada por encontrarem um objeto suspeito. Chegou ao destino e parou no estacionamento reservado aos clientes do “Pura Luz”.

Havia três pessoas na sala de espera – todos trouxeram seus problemas. Com atraso, Boaz fora então recebido pelo Doutor Amihud Shilo, “especialista, vidente, solucionador de problemas”. Antes de entrar no recinto, pensou que penetraria em um cômodo com ares místicos, bola de cristal, tecidos estranhos, cheiro de incenso e óleos aromáticos. No entanto, o escritório era equipado apenas com uma escrivaninha, duas cadeiras e um computador. Boaz ficou decepcionado, pois o doutor Shilo parecia apenas um funcionário público de alto escalão, a quem ele sempre precisava implorar pelo parcelamento de suas dívidas. Não se sentiu à vontade diante daquele homem.

Boaz olhou com descrédito para ele, que trabalhava com computador, a partir da reunião de dados pessoais dele, como data de nascimento, local, hora aproximada, condição social da família etc. O doutor Shilo explicou que utilizava a máquina para efetuar cálculos que o fariam demorar mais de quinze minutos. Cabia a ele apenas interpretar os dados, com base em sua intuição. E completou a explicação avisando a Boaz que ele era número cinco pela numerologia. A secretária apareceu com um café, que teria de beber, para que o místico olhasse para a borra. Enquanto ele anotava os dados, Boaz permanecia tenso. Shilo perguntou se ele havia sofrido algum acidente com carros de corrida. Boaz confirmou e questionou se o místico tinha visto isso. Ele negou, disse que tinha percebido que Boaz mancava.

O doutor deu seu parecer. Disse-lhe que seu espírito era jovem, mas havia uma grande mancha no passado, talvez fruto de um abandono profundo. Disse que ele amava

as crianças, amava cozinhar e estava decepcionado com a raça humana. Afirmou ainda que a esposa dele estava cansada de tudo, que trabalhava em um serviço braçal que odiava e, por ele não trabalhar, ela o odiava também, espelhando uma energia muito negativa.

Shilo avaliou a borra de café e concluiu que Boaz era um homem que tinha problemas com nervos, que era muito nervoso e, às vezes, violento. Ele confirmou, dizendo que um neurologista recomendou certa vez o uso de pílulas, que ele havia deixado de tomar, por afetarem ainda mais sua capacidade motora. O místico contou que sabia que ele quebrava as coisas, que carregava em si uma grande frustração e precisava trabalhar. Embora os laudos apontassem incapacidade de 19%, disse ver que ele tinha potencial para chegar a 50%.

Shilo orientou Boaz a superar essa questão o mais rápido possível. Do contrário, viria a destruição da família, divórcio, dor e sofrimento. Boaz disse que precisaria colocar a cabeça no lugar. “Boa sorte. E lembre-se: Amihud Shilo diz que você pode salvar a sua vida da ruína. Depende de você”. Boaz saiu do aposento, depositou a nota de duzentos *shekels* sobre a mesa da secretária, que perguntou se o veria novamente. Ele confirmou, mais disposto do que nunca em tirar a sua vida da lama.

Para Boaz, as palavras do místico foram perturbadoras. Sentiu um “anticlímax”, seguido de remorso por ter desperdiçado um valor que poderia ser utilizado para fazer compras. Entrou no carro, ligou o rádio e descobriu que houvera mais um atentado. O primeiro-ministro dizia que a partir daquele momento, nada seria como antes. “Existe um antes e um depois”.

Desligou o aparelho, pensou que o governo não fazia nada e, ele próprio precisava se preocupar com o futuro da família. Decidiu aceitar qualquer emprego

oferecido na central de recolocação. Procuraria um neurologista para entender por que era tão nervoso e pediria medicações. Os pensamentos estavam em desordem.

A neve se acumulava no vidro do carro. “Sentiu um fatalismo estranho e profundo” quando virou para oeste, tomando cuidado para não entrar em nenhum subúrbio árabe. Depois de uma hora rodando para sair de Jerusalém, suando frio, pensou em Kati, aborrecida com ele pelo sumiço, com gritos e discussões previstos por Shilo. Depois de pedir orientações, encontrou uma placa com a indicação para Tel Aviv. Pisou fundo no acelerador, enquanto ouvia rádio com as notícias ao vivo.

Exatamente na hora em que a estação transmitiu uma música de David Bowie, sobre um homem que se perdia no espaço, ouviu pedras de granizo e ligou o para-brisas. Não eram pedras de granizo, mas tiros. Houve uma emboscada. Atiradores escondidos em um banco de neve mandaram sobre o carro mais de 40 tiros.

No rádio, a música continuou. Os atiradores escaparam. Uma testemunha avisou as forças de segurança, que chegaram minutos depois, com uma ambulância, mas já não havia o que fazer, Boaz estava morto. Um policial desligou o limpador.

Angélica Gomeh contou à Kati que não acreditava que as pessoas vinham para esse mundo para aprender. Perguntou à aluna: “Você sabe o que está fazendo aqui?” Porque ela própria não sabia. Ao mesmo tempo, dava instruções sobre passar corretivo sob os olhos, não se esquecer da base. Recomendou que, se ela fosse trabalhar na televisão e alguém chegasse maquiado de casa, era para pedir desculpas, e explicar que a televisão requeria outra abordagem. Angélica explicou: “Por causa da luz, era necessário exagerar, já que na televisão tudo parecia sete vezes mais acentuado do que na realidade, então era preciso esconder ou enfatizar”. Ela seguiu dando o passo a passo.

Enquanto isso, dois mensageiros com uniformes das Forças Armadas chegavam a casa dela em Lod e tocaram a campainha. As crianças estavam sozinhas e informaram que a mãe estava no trabalho e elas não podiam abrir a porta.

Como elas não sabiam explicar onde era o condomínio onde supostamente Kati estaria, e como obviamente o pai não estava, os mensageiros resolveram tocar a campainha do vizinho. Lá morava um casal de cerca de cinquenta anos, imigrantes russos. Perguntaram quantos filhos tinha a família Beit-Halahmi.

Enquanto isso, Kati cantarolava junto com a música do rádio que tocava no ônibus: “Eu, você e Deus a meu lado, um dia venceremos a luta...”. Cantava alto, animada, enquanto pensava em qual desculpa daria ao marido por chegar tão tarde e repassando mentalmente o passo a passo da maquiagem ensinado pela professora.

Acabou a canção e houve um noticiário urgente. O motorista aumentou o volume. Todos os passageiros puderam ouvir sobre mais um atentado ocorrido na estrada para Tel Aviv, deixando um homem de aproximadamente quarenta anos morto.

O boletim também noticiou que a família ainda não estava avisada e que o homem fora alvejado com mais de quarenta balas, em uma cilada promovida por terroristas escondidos atrás de um banco de neve. Em outro tiroteio, uma senhora de sessenta anos estava gravemente ferida. Eles transmitiram ao vivo do hospital de Afula uma entrevista com o chefe da unidade de traumas, para atualizar os ouvintes sobre o estado de saúde dela, e que estavam fazendo todo o possível para salvá-la.

Depois da entrevista, voltaram para os estúdios, onde uma música começou a tocar. As canções eram pautadas pelo noticiário. Antigamente, quando os atentados, bombas e mortos não eram rotina, quando um acontecia, o tom dos locutores mudava, ficava mais lento e triste, assim como as músicas, geralmente são em hebraico. Mas, diante da conjuntura, um acordo previa que, se não houvesse mais de cinco vítimas, a

programação seguia normalmente. Se houvesse mais, diminuía a marcha e tocavam músicas sobre o destino humano, geralmente em inglês, como “Dust in the wind”. A partir de dez mortos, as emissoras de rádio assumiam um tom contido e limitavam-se a tocar canções realistas, como “Não tenho outro país”, de Corin Alal, ou “Quem é o próximo?”, de Yehudá Poliker.

Com mais de 20 mortos, as rádios usavam um plano B, “como hospitais em estado de emergência”. Transmitiam notícias ao vivo, intercaladas por músicas como “Pois um homem é como uma árvore no campo”, na voz de Shalom Hanoch, e “Quando choram os anjos”, interpretadas por Yehudit Ravitz ou Mati Caspi. Como só houvera um morto e uma mulher ferida, a programação seguia normalmente. Uma nota ocasional lembrava os ouvintes sobre a crise no país, seguida de músicas de motivação.

Kati parou de pensar no noticiário e voltou-se à família. Pensou que contaria toda a verdade para Boaz, quando o encontrasse, furioso pelo atraso dela. Ela não gostava de mentir para o marido e se sentia culpada pela situação do momento, já que ele tinha rompido com a família por causa dela, e nunca tentara reatar os laços.

Meia hora depois, chegou em casa. A porta dos vizinhos também se abriu e dela saíram dois soldados. Kati logo imaginou que havia algo de errado, da mesma forma que recebeu a notícia quando ele tinha sofrido um acidente. Mandou as crianças para o quarto e, então, ouviu a notícia da morte de Boaz. A vizinha amparou-a. Vieram as crianças. “Papai está morto”, ela disse a eles. E contou do assassinato.

Encheu-se de raiva e disse que daria à família de Boaz o mesmo gosto da dor do marido ao longo dos anos, devido ao rompimento dos laços familiares. Ela pensou como ele fora um coitado – tinha ido ao Muro das Lamentações entregar um bilhete desejando que fizessem as pazes com eles e morreu no caminho de volta.

No noticiário da meia-noite, expuseram uma foto de Boaz escolhida por Kati. Disseram que a família já tinha sido avisada. Ela chorou diante da TV. As crianças adormeceram ao seu lado e logo ela também, com o aparelho ligado.

Angélica Gomeh ouviu o noticiário matutino e a morte de Beit-Halahmi e ligou para a sua aluna, para confirmar se o morto era mesmo o marido de Kati. Pegou um táxi e foi ao encontro dela. O presidente foi informado e foi convocado pelo celular para comparecer ao funeral. Kati recebeu a ligação do gabinete da presidência confirmando a presença dele e, por algum motivo, isso a acalmou.

Assim que Angélica se encontrou com Kati, ela avisou: “O presidente vem para o funeral”. A professora explicou a ela o que sabia a respeito do luto e como conduzi-lo, sobretudo depois que a vida dos que estivessem ao redor voltasse ao normal e ela estivesse sozinha com a nova situação.

A caminho do funeral, o presidente, ornitólogo amador, olhou da janela do carro uma ave e apontou-a ao motorista. Ambos mostram sinais claros de que não acreditam mais na sociedade israelense e o descrédito já havia tornado-se intrínseco a eles. Tekoa perguntou-se retoricamente o que aconteceria às aves de cor cinza, depois do fracasso da colheita por causa do frio. *“Não há nada aqui nem para os pássaros – disse o motorista – Que ótimo. Então, quem há de encontrar alguma coisa aqui?”* (p.238).

O motorista ligou o rádio. Ele e o presidente ouviram a entrevista de Kati Beit-Halahmi em um programa de atualidades na rádio Voz de Israel. Ela pediu para deixar uma mensagem ao povo, e foi encorajada pelo apresentador. “É preciso aguentar firme e seguir em frente. Não temos outro país”. O presidente quis mudar a estação de rádio: “Cansei dessa conversa”.

Tekoa abriu a janela da limusine e sentiu um ar gélido adentrar seu corpo. Estava mais frio do que em Boston, quando esteve lá com a esposa, para visitar a filha, que

fazia faculdade nos Estados Unidos. Eles foram para lá para ajudá-la a encontrar um apartamento, mas estavam em dúvida sobre comprar ou alugar um imóvel. A filha insistiu em que seria um investimento a longo prazo, ou seja, nem a própria filha do presidente se sentia confortável de morar em Israel.

Chegaram ao prédio onde a filha gostara de um apartamento. Ela podia enxergar de lá um novo horizonte, uma alusão a sua nova perspectiva longe do Estado Judeu: “Espere só até ver o incrível panorama das janelas”, disse.